ANGOLA 2
A AVENTURA CONTINUA

NO INTERESSE DO LEITOR

Se a algum leitor interessar uma imagem ou um livro completo, terei o prazer de enviar num CD o que me for solicitado, por correio, sem a cobrança de direitos autorais. Por estas imagens estarem registadas no © qualquer publicação em suporte papel ou na internet com intuitos comerciais, está sujeita ao pagamento dos respectivos DIREITOS AUTORAIS.

ANGOLA 2
A AVENTURA CONTINUA

TEXTO
J. C. PINHEIRA E INÊS BRANCO

FOTOGRAFIA
J. C. PINHEIRA / CHRISTINE E
OLIVIER PINHEIRA

EDITORA
PALANCANEGRA

Indice

2 **No interesse do leitor**

7 **A aventura continua**

8 **A aventura continua**

41 **A aventura continua na companhia do Olivier**

64 **Base Leste**

199 **«Adieu, Duque de Bragança!»**

251 **O adeus ao parque do Iona**

257 **Fim da aventura em Angola**

258 **Dever de Memória – Parte II**

267 **Anexos**

306 **Agradecimentos**

308 **Capas dos futuros livros**

Fabienne, o marido João e o filho Joãozinho em Curitiba, Brasil, onde vivem.

Olivier, os sobrinhos e a esposa do Olivier a Simone, no dia do casamento dos jovens, em Curitiba Brasil .

A AVENTURA CONTINUA

J. C. PINHEIRA

O segundo livro começa depois da partida dos meus companheiros em Fevereiro de 1972, e termina em fins de Dezembro de 1974, quando voltei para França.

Durante estes 33 meses, muitas coisas aconteceram. A vinda do meu filho Olivier para Angola, depois de me separar da minha mulher, as reportagens que fizemos juntos, o surgimento da onça Iona, a vinda da Christine para Angola, as nossas reportagens, o 25 de Abril e, por fim, a partida para França.

Foram 33 meses de muitas arrelias e aborrecimentos, mas também de felicidade, de bom trabalho fotográfico e, para finalizar, regressamos ambos de perfeita saúde e com alguns milhares de fotos inéditas. Alguns largos milhares ficaram por lá, em diversos serviços.

Jean Charles durante uma recepção no Mónaco.

O Guy engordou um pouco, mas continua a gozar de boa saúde, mantendo-nos em contacto. O Bernard, apesar de ter estado às portas da morte na volta de Angola, felizmente também se encontra bem. O Kosta faleceu há já dois anos, na Suíça, onde vivia.

A AVENTURA CONTINUA

J. C. PINHEIRA

Em Angola, as coisas corriam um pouco melhor, pois as mentalidades eram outras, eu tinha saúde e não me faltavam forças para terminar o trabalho fotográfico.

Fiquei sem um tostão e houve dias em que passei fome. Quem me valeu foi o dono do restaurante "Imbondeiro", em Nova Lisboa, que me fiou refeições, as quais eu pagava mais tarde, quando conseguia vender algumas fotos.

A primeira reportagem que fiz em companhia do Olivier e depois da partida dos meus companheiros foi tentar ligar por via-férrea a cidade do Lobito em Angola à cidade da Beira, em Moçambique, atravessando a África de Oeste para Leste, do oceano Atlântico ao Índico.

Com a ajuda do meu amigo, o Sr. Simões, que justamente trabalhava nos CFB, consegui uma carruagem especial com salão, quarto, cozinha e casa de banho, que era atrelada, conforme a minha conveniência, aos comboios que iam para Leste até Teixeira de Sousa, junto à fronteira com o Zaire.

Depois de 1.300 Kms e um mês de viagem, cheguei ao fim da linha em território angolano. Quando passei por Nova Lisboa, fotografei as enormes oficinas onde as locomotivas e carruagens eram reparadas e montadas. As locomotivas eram movidas a lenha de eucalipto e a maior parte delas era comprada como ferro velho a outros países africanos. Vinham para as oficinas e saíam de lá como novas. Ao longo de toda a linha havia plantações de eucaliptos que, segundo

constava, eram mais de cem milhões mandados plantar pelo C.F.B. para alimentar as fornalhas das máquinas.

No Leste ia à frente das locomotivas uma carruagem blindada contra o eventual rebentar de uma mina posta pelos guerrilheiros. Nunca tive conhecimento de um problema qualquer destes. Acho que havia acordos entre Portugal, o Zaire e a Guerrilha para não haver estragos, pois esta linha era vital para a economia do Zaire, ao fazer o escoamento do cobre das minas do Catanga até ao Porto do Lobito e o carregamento, de volta, de toda a variada mercadoria para consumo naquela região do Zaire.

Em Teixeira de Sousa contactei o funcionário da D.G.S., que me levou ao outro lado da fronteira a fim de pedir um salvo-conduto para atravessar o território zairense até à Zâmbia. O "comissaire" acedeu logo ao pedido e assinava o meu passaporte sem problema, mas avisou-me que, na Zâmbia, os chineses que estavam a construir uma linha de caminho-de-ferro para ligar Lusaka a Dar-es-Salaam (Tanzânia), para escoar o cobre sem passar pelo território angolano, nunca me deixariam passar. Se estivesse sozinho, ainda tentava a aventura, mas tive medo, pois tinha o Olivier comigo e não era razoável meter o miúdo numa aventura daquelas, em território hostil. Tudo acabou ali e voltei para o Lobito.

IONA

Foi nessa altura que apareceu na minha vida e na do Olivier a pequenina bola de pêlo. Parecia um gatinho, devia ter poucos dias, pois tinha ainda os olhos fechados. Ninguém dava nada pela sobrevivência do pequenino animal e, com certeza, o primeiro rosto que viu foi o do meu filho Como poderíamos alimentá-la? Fui a uma farmácia e aconselharam-me a misturar metade de água em leite de vaca e fazer um furo na borracha de uma pipeta e dar-lhe de mamar. Foi um verdadeiro milagre, pois não havia muitas hipóteses de o animal sobreviver.

O meu filho deu-lhe o nome de IONA, em honra do célebre parque do sul de Angola. Pouco a pouco, lá foi crescendo e, alguns dias depois, já mamava num biberão de criança, e isto várias vezes por dia! Ficava com uma barriga enorme, que nos fazia rir até as lágrimas... e até dormia com o Olivier!

Nessa altura também nos deram um pequeno antílope, que foi criado com a Iona. Tudo isto nos dava bastante trabalho... (foto n° 075). Numa das nossas viagens ao Lobito, ficámos em casa de um casal amigo, que tinha um grande quintal, onde os dois puderam brincar à vontade. Uma das brincadeiras preferidas da Iona era saltar para cima do lombo do cabrito quando este estava a pastar.

Muito sorrateiramente ia aproximando-se, barriga colada ao chão e, de repente, dava o salto. Isto não passava de uma brincadeira, mas o antílope apanhava um grande susto!

Um dia fez face à Iona e deu-lhe uma valente marrada nas costelas com os pequenos chifres bem afiados. Aquilo deve ter doído, porque nunca mais a Iona o incomodou!

Como não podia andar com os dois dentro do carro, ofereci o pequeno antílope aos amigos.

Mandei fabricar uma espécie de jaula, que passou a ser a casa da Iona, já que ela gostava de me morder as orelhas enquanto eu conduzia, o que poderia ser perigoso. De tempos a tempos, parava o carro e deixava-a ir correr na erva e fazer o seu xixi... Muitas das vezes ela trepava ao topo das árvores, o que adorava, mas eu via-me em apuros para levá-la de volta ao carro. Outras vezes, parava numa aldeia indígena e ela ficava no "capot" da 2 cavalos, deitada com as patas estendidas a olhar para toda aquela gente que rodeava a carrinha, mas bem afastados, pois o bichinho metia respeito...

De uma outra vez, foi em Nova Lisboa, num desafio de futebol. Eu e a Iona estávamos fora do recinto e aproximámo-nos de um polícia que tinha um pastor alemão preso com uma trela. O polícia aconselhou-me a afastar, pois o cão poderia morder a Iona, que naquela altura ainda era pequenina. Eu respondi que não havia problema e aproximei-me ainda mais até o cão rosnar e farejar a Iona. De repente, o animal começou a uivar de medo! Meteu o rabo entre as patas e todo ele tremia, pois cheirava-lhe a algo muito perigoso. O polícia ficou embasbacado, pois o cão estava treinado para atacar, mas cheirou-lhe a leopardo...

Ela também gostava muito de correr atrás dos gatos, que trepavam até ao topo das árvores para fugir dela e, normalmente, o que acontecia era o galho quebrar e aí vinham a Iona e o gato de roldão por ali abaixo. Lá ia eu a correr meter a trela na Iona e trazê-la de volta, antes de haver mais estragos.

Quando estava em Luanda, ia em companhia do Olivier para a ponta da ilha passar o dia no Barracuda, onde muitas pessoas me pediam autorização para fotografar a Iona com crianças e adultos, pois ela era muito mansinha e nunca arranhou ou mordeu alguém. Como foi o Olivier que a criou e ensinou a não morder e não arranhar, ela gostava muito de crianças e deixava-se acariciar sem problemas.

Numa foto que eu gosto muito, e que foi tirada por um colega do Provincia de Angola depois de um dia de brincadeira na praia, os dois estão a dormir em cima da secretária (foto 110). Em Luanda, deram-me um quarto no edifício que pertencia à Mocidade Portuguesa, na ilha. Tive de comprar uma coleira e uma trela vermelhas para andar a passear pelas ruas da cidade. Quando saía com ela pela Marginal era uma autêntica festa.

Na Avenida Marginal havia muitos cafés e, quando parava num deles em companhia da Iona, que se sentava numa cadeira, quase sempre acontecia o mesmo: logo um mar de gente se juntava para poder ver e acariciar o animal.

O dono do café, que já a conhecia, trazia um prato com pedaços de carne de vaca crua, que a Iona adorava. Com a carne na mão dava-lhe de comer, perante o espanto de todo aquele pessoal. Pela mesma ocasião, eu aproveitava e comia uma bitola que o senhor tinha muito prazer em me oferecer, pois os tempos eram ruins e estava sem dinheiro. O pior era quando ela, de barriga cheia, trepava para cima de uma árvore e não queria descer. A única coisa fazer era ficar à espera que sua excelência se dignasse a descer.

Também era engraçado vê-la caminhar sobre uma corda esticada entre duas árvores. Servia-seda cauda como contra peso e não caía. Era um animal muito limpo, dormia com o Olivier e eu deixava a porta da casa de banho aberta para ela poder ir fazer o seu xixi no bidé.

Uma outra vez cheguei a Sá da Bandeira num dia de bastante calor e dirigi-me ao palácio para falar com o Governador. Quando pretendia meter a trela à Iona, ela escapou-se e subiu as escadas do palácio a correr. Na primeira porta aberta que encontrou, entrou e saltou para cima da secretária de um funcionário que estava a escrever à máquina e deitou-se logo em frente da ventoinha com as pernas abertas em cruz, uma das coisas que ela adorava quando fazia calor. Lógico que o senhor apanhou um susto valente e não soube o que fazer. Coitado, até gaguejava... Felizmente, cheguei uns segundos depois e meti tudo na ordem, com muitas desculpas à mistura, e fui-me logo embora sem falar com o Governador.

Em Moçâmedes, tinha um casarão imenso, as antigas instalações do Banco de Angola, e era outra festa todos os dias. Logo que começava a amanhecer, lá vinha a Iona mordiscar-me os dedos dos pés, com certeza para me acordar e ir correr com ela na praia, que estava ali perto. Ela deitava-se em cima da minha manta e, durante a noite, ficava muito sossegada.

Uma das grandes aventuras que vivemos em Angola – eu, o Olivier e a Iona – foi a descida do Cubango, em Julho de 1972. Desta viagem única, e também da descida do rio Cunene, falarei no livro n° 5.

Depois da descida do Cubango, voltei à capital, onde tinha um quarto nas instalações da Mocidade Portuguesa na Ilha de Luanda. Estava sozinho, pois o Olivier já tinha voltado para França. Tinha assuntos a tratar na cidade e, como fazia muito calor, deixei a Iona ao lado da sua casota, à sombra e amarrada a uma árvore. Pedi aos guardas para tomarem conta dela e para que não deixassem os garotos aproximarem-se do animal. Umas horas depois estava de volta e, qual foi o meu espanto por não a encontrar. Disseram-me que os garotos, na brincadeira, a tinham libertado e que a Iona tinha fugido para cima dos telhados de um bairro de pescadores ali próximo. Os pretos, numa gritaria, foram a correr atrás

dela, o que originou uma confusão enorme. Alguém telefonou à polícia, que enviou vários funcionários da Veterinária para a capturar, o que foi feito facilmente, foi fechada numa jaula do pequeno jardim zoológico que existia na Ilha.

A correr, fui falar com o responsável do Parque, que me respondeu que deveria ir à Veterenária pedir um documento que autorizasse a libertação da Iona. Lá fui eu à Veterinária e o director respondeu-me que, por ordem superior, sem mencionar nomes, a Iona deveria ficar fechada, mas que eu poderia ir falar com o Governador-Geral. Do palácio, sem o ter conseguido encontrar, mandaram-me novamente à Veterinária. Com todas estas andanças, dois dias depois nada tinha ficado resolvido. Quando podia, isto várias vezes por dia, ia ver a Iona que, muito excitada por se ver presa e na presença dos outros animais selvagens, andava às voltas na jaula. Logo que me via, vinha ao meu encontro para que eu a acariciasse e, desta maneira, ficava mais calma.

No terceiro dia, de manhã muito cedo, voltei ao Jardim e reparei que o cadeado que fechava a jaula tinha ficado aberto, com certeza para fazerem a limpeza. Peguei numa tábua estreita e comprida que por ali estava, pensando que me poderia servir de arma, e entrei para dentro da jaula, fechei o cadeado e fiquei com as chaves. Pouco depois, apareceu um funcionário que, com certeza, desconhecia a história e começou a gritar que estava um maluco dentro da jaula da onça. Veio todo o pessoal a correr e logo quiseram que eu saísse. Recusei e eles chamaram a polícia, que me deu ordens para sair ou então retiravam-me à força. Recusei novamente e ameacei partir a cabeça ao primeiro que se aventurasse a entrar. Com todas estas discussões que duravam já há horas, eu, extremamente nervoso, teria sido capaz de o fazer. Fartos de tudo isto e ainda por cima com todo o povinho a apoiar-me, os polícias foram-se embora e eu ali fiquei sem comer nem beber. Da parte da tarde, voltaram com um papel, creio que assinado pelo Governador, para que entregassem o leopardo, de nome Iona, ao seu tratador Sr. J. C. Pinheira.

Eu peguei nela ao colo (já pesava algumas dezenas de quilos) e saí debaixo dos aplausos de todo aquele povinho, que se tinha juntado ali para ver como tudo aquilo ia terminar. Foi um grande momento de glória para mim!

Infelizmente, desconhecia a canalhice daqueles que mandam, que estão no topo, e algumas semanas depois tive a oportunidade, para minha má sorte, de me aperceber.

Imediatamente, fui buscar o carro e abalei para Nova Lisboa, onde a Iona estaria mais segura.

Comecei então a tratar da reportagem que pretendia fazer com as tropas, nas "terras do fim do mundo".

Dali fui de carro para Serpa Pinto, onde deveria embarcar num avião da Força Aérea, que me deixaria no acampamento do exército da Luiana.

Na cidade, deixei a Iona no quintal da casa de um conhecido, sem vigilância, e fui ao aeroporto militar buscar as guias de embarque para mim e para ela. No dia seguinte, durante a viagem, o animal mostrou-se muito agitado e, quando chegou ao quartel começou a vomitar, e não aceitava comida. Pensei que fosse da viagem, mas no dia seguinte e no terceiro estava na mesma. Eu estava muito preocupado e não sabia o que fazer, pois o avião só passava por lá de 15 em 15 dias. O militar que comandava a base, alferes miliciano ou capitão, não me lembro, propôs-me ir de Unimog, em companhia de uma patrulha, até ao acampamento militar da Sifuma – S.W.A. na fronteira da Namíbia. Dois dias de viagem até ao quartel sul-africano, que dispunha de um veterinário, pois tinha cães para despistarem os guerrilheiros. A viagem decorreu sem problemas, mas muito cansativa pelos solavancos do Unimog, que rodava a "corta mato" para evitar saltar numa mina posta nos trilhos habituais. Dormíamos na mata à volta de uma fogueira, pois as noites eram muito frias, e comíamos churrasco de antílope e bebíamos água morna, porque cerveja ou vinho não havia. A Iona lá ia em cima de uma manta, cada vez mais magra e sem aceitar comida.

De dia fazia um calor terrível, havia muitas moscas e a malta só pensava nas cervejinhas bem geladas que seriam oferecidas pelos sul-africanos. Afinal, para matar a sede, ofereceram-nos chá quente com leite! A melhor bebida para combater a sede.

Efectivamente tinham razão...

O veterinário examinou imediatamente a Iona e diagnosticou uma intoxicação alimentar, o que era duvidoso pois só eu é que a alimentava ou então, o mais provável, uma tentativa de envenenamento da parte das autoridades de Luanda, que queriam por força retirar-me o animal, mesmo que para isso tivessem que o matar.

Estes senhores sabiam perfeitamente por onde é que eu andava, mesmo que não me molestassem.

Injectaram na Iona penicilina e vitamina B e ali nada mais podiam fazer. Era preciso evacuá-la para o Rundo, distante algumas centenas de quilómetros, onde ela poderia ser bem tratada. No mesmo dia, foi transportada de carro para esta cidade, mas infelizmente não a pude acompanhar, pois não tinha comigo o meu passaporte.

Foi a última vez que a vi… Com lágrimas nos olhos, lá voltei para a base Portuguesa, ficando à espera de notícias.

Elas vieram uns dias depois, via rádio. A Iona tinha recuperado e estava fora de perigo, já comia e estava com bom apetite. Iam enviá-la por avião para a vila de Calai, nas margens do Rio Cubango, onde ela seria entregue às autoridades portuguesas. Por rádio

tomei contacto imediatamente com a policia do Calai (D.G.S.) para receberem a Iona, dando-lhe todos os dias carne e tratando-a o melhor possível. Pagaria todas as despesas feitas com o animal e, logo que tivesse um qualquer meio de transporte, iria recuperá-la. Quero aqui salientar que os sul-africanos não me pediram soma nenhuma pelas despesas que tiveram com a Iona.

Dois dias depois, chegou ao acampamento um avião sul-africano, que vinha do Rundo, fornecer combustível. Pedi ao piloto se ele se podia encarregar de ir buscar a Iona ao Calai. Respondeu-me que teria muito gosto em o fazer, pois já conhecia a história. Assim foi feito e, no dia seguinte de manhã, fui para a pista à espera do avião. Quando este parou, lá fui eu a correr, com o coração aos pulos, tão grande era a minha emoção para saber se o piloto tinha podido trazer a Iona. Este, muito atrapalhado, respondeu-me só com uma palavra "DEAD"... Não compreendi logo o sentido da palavra, pois falava muito mal o Inglês, e foi o capitão que me explicou o que tinha acontecido na véspera. A Iona tinha sido entregue ao agente da D.G.S. do Calai – PINELA – que deu como desculpa que o animal tinha piorado e estava muito agressivo e assim tomara a decisão (SEM ME CONSULTAR) de o abater a tiro...

Este Pulha teve o descaramento de me enviar a nota das despesas feitas. O piloto disse também que tinha visto a pele da pobre Iona a secar ao sol... Sem comentários...

Chorei lágrimas de sangue como se me tivessem matado uma filha.

Pedi ao piloto para me levar ao Calai, pois tinha tomado a decisão de abater a tiro o tal Pinela. Eu estava armado. Tinha trazido de França uma Luger de 9 mm, com que me entretinha a atirar em latas, e estava disposto a matar o homem, mas sem que primeiro me dissesse de quem tinha recebido ordens para abater a Iona. Se pudesse, teria fugido para a Zâmbia, onde teria pedido asilo político e, depois do 25 de Abril, teria sido um grande herói por ter abatido um "pide", um "Valet do Facismo Salazarista"...

Enfim, tudo isto não aconteceu e talvez tenha sido melhor assim...

Em Janeiro de 1973, quando estava em Lisboa, fui apresentar queixa ao Ministério do Ultramar, a qual não deu em nada.

Em 1974, fui falar com o Rosa Coutinho e, logo a seguir por carta, não deu em nada.

Em 1975, escrevi ao Ministério da Coordenação Interterritorial, que também não deu em nada…

Apesar de todas as tentativas que fiz para saber a verdade, em Angola e Portugal nada consegui.

E foi desta triste maneira que acabou a história da gentil Iona, que gostava tanto de brincar com crianças!

AS TROPAS NAS "TERRAS DO FIM DO MUNDO"

Era preciso ser soldado português para aguentar as condições de vida tão más a que estavam sujeitos. A comida era péssima. O avião trazia todos os 15 dias algumas grades de cerveja, galinha e peixe congelados que, no máximo davam para dois ou três dias. O resto do tempo, aquela rapaziada comia ao almoço e ao jantar massa com carne de javali, que abundava muito naquela região, regada com água morna. Normalmente, deviam só ali ficar seis meses, mas a maior parte das vezes ficavam mais de um ano, em condições deploráveis, sem se revoltarem.

Esta zona era infestada de mosca tse-tse, felizmente para aqueles desgraçados, não contaminada. Fiz muitas patrulhas com eles em velhos "Unimogs" que, por milagre, ainda andavam. Os sul-africanos, esses tinham bons 4X4 de marca Ford e boas instalações, com todo o conforto (fotos n° 132 e 133)

Andar na mata em patrulha era um grande sacrifício e não eram os guerrilheiros do MPLA, os inimigos mais perigosos, mas sim as enormes moscas que nos assaltavam e que, quando picavam, provocavam dores fortes. A melhor maneira de as afugentar era andar vestido, da cabeça aos pés, de tecidos grossos, apesar do calor terrível, e continuamente fustigarmo-nos com ramos de árvores para as não deixar picar.

O acampamento não tinha árvores para não atrair as moscas e, portanto, as barracas estavam ao sol. Aqui deixo a apreciação de calcular a temperatura que fazia lá dentro.

Quando a patrulha chegava, antes de entrar no acampamento, os veículos iam fazer uma corrida a toda a velocidade na pista aérea e, como verdadeiros malucos, aquela malta batia no corpo todo com ramos de árvores, a fim de afugentar aquele pesadelo e entrar no acampamento sem moscas no corpo. Isto, todos os dias, durante meses...

Ao fim de uma semana não aguentava mais nem com o gosto nem com o cheiro da carne de javali e, mesmo hoje, e já lá vão tantos anos, não consigo comer aquela carne. Felizmente havia bolachas com fartura...

Estive em outros acampamentos, onde as condições de vida eram muito melhores. Até parecia que aqueles infelizes estavam ali nas "Terras do Fim do Mundo" em punição, esquecidos de todos. A única distração de que usufruíam era receber o correio todos os 15 dias e caçar com farolim à noite, para poderem comer.

Claro, os "grandes chefes", esses estavam em bons locais, com ar condicionado e, muitos deles, já com várias comissões, tratavam de "chorudos negócios". Isto não era eu que o dizia, mas sim o "Zé Povinho", que comentava nas ruas das grandes cidades, por exemplo, o caso do escândalo que estava para rebentar em Sá da Bandeira: venda de peças de camiões, pneus, bebidas, etc., uns dias antes do 25 de Abril. Tudo isto ficou em "águas de bacalhau", já que naquela altura havia outros "chats a fouetter"...

A minha ex-mulher deixou a França com a minha filha e foi viver com o companheiro para Luanda, onde este possuía uma soberba vivenda. Quando eu soube disso, fui buscar a criança, que estava de férias, para passar um mês comigo e com o irmão. Ela aceitou e a nossa relação melhorou bastante por isso.

No princípio, a Fabienne tinha medo da Iona, mas uma semana depois já eram grandes amigas.

Aproveitei esse tempo para viajar com os meus dois filhos e visitar amigos que tinha espalhados por toda Angola.

Os meses iam passando e tinha que encontrar uma solução para a guarda do Olivier e para a sua entrada na escola em França. Como já disse, o ano de 1972 foi terrível para mim, tanto no plano moral como no financeiro. A separação da minha mulher e a volta para França dos meus companheiros foram para mim um grande choque e não estava em condições de trabalhar correctamente. Graças a alguns amigos, às fotos que vendi, à companhia do Olivier, da Iona e da Fabienne, que com as suas brincadeiras conseguiam fazer-me esquecer o trauma em que vivia, consegui recuperar.

As duas grandes catástrofes que demoliram toda a nossa organização foram a vinda da minha mulher para Angola em 1971, e o seu comportamento, e a seguir, a doença gravíssima do Bernard, em 1972, quando voltou para a Suissa. Tudo isto originou que não tivesse sido possível terminar os filmes a tempo, devido à falta de fundos, ficando a entrega ao Ministério do Ultramar ou ao Governo de Angola para uma data que os meus companheiros não poderiam prever.

Em Julho de 1972, fiz os primeiros contactos com o Banco de Angola, a fim de negociar uma venda de fotos com motivos Angolanos. No mesmo mês recebi uma resposta favorável do banco, que precisava com urgência de imagens para um folheto e, foi a partir daqui, que se deu o milagre que me salvou da péssima situação em que me encontrava.

Com o espírito mais tranquilo e cheio de fé, resolvi tentar a descida do Cubango em dois botes de borracha da marca Pirelli, no mês de Julho de 1972. Fiquei um pouco desiludido, pois os dois rapazes que estavam dispostos a acompanhar-me nesta aventura "fugiram com o rabo à seringa"e deram toda a espécie de desculpas para desistir desta viagem. Continuei com os preparativos e, mais tarde, encontrei dois militares, que estavam de férias, e que ficaram entusiasmados com a minha proposta, tendo aceitado logo acompanhar-me. A história desta aventura vou contá-la no livro n°6. Ainda neste mês, fui a Novo Redondo à Fazenda Cada, fotografar o café. A "2 cavalos", coitada, estava mesmo no fim da "picada"…

Depois da volta do Cubango, em Agosto de 1972, fui ao Palácio mostrar uma selecção das melhores fotos ao Governador Rebocho Vaz, que ficou entusiasmado e, logo a

seguir, enviou ao Cita um despacho para me comprarem 2.000 slides, no valor de 400 contos (cerca de 13.400 dólares daquele tempo). Em Setembro, recebi uma convocação do Sr. Coronel Chagas Lopes, director do Cita, para me apresentar em Luanda com o material fotográfico para apreciação. Foi o que fiz imediatamente e, apesar da promessa de uma escolha rápida para a selecção dos 2.000 slides, nada foi feito. Pelo menos metade desta soma seria consagrada para terminar os filmes, o que seria óptimo para ambas as partes. Infelizmente, e apesar das minhas insistências, estes senhores do Cita andaram a "enrolar--me na farinha" e não fizeram nada.

Entretanto, o Governador Rebocho Vaz, em fins de 1972, terminou a sua comissão e regressou a Lisboa, sendo substituído pelo Governador Santos e Castro, que fez toda a sorte de "sacanagens" para me dificultar a vida. Como as relações entre estes dois senhores não eram das melhores, eu, como "protegido" do Rebocho Vaz, era mal visto e tinha que "pagar as favas". Apesar dos numerosos pedidos que fiz para me receber, a fim de me explicar a razão de tão reles procedimento, nunca consegui encontrá-lo durante o ano e meio do seu mandato.

Por esta razão, o Cita nada fez, deixando o tempo passar. Neste organismo havia muitos funcionários e os únicos que se aproveitavam, na minha opinião, era a sra. D. Fernanda, secretária do director e o Saraiva, do laboratório de fotografia, que eram meus amigos, e que muito me ajudaram. Mais tarde, depois da "revolução dos cravos" em 1975, já em Lisboa, insisti novamente junto do Ministério da Coordenação Interterritoral, para regularizar este problema e, embora este organismo tivesse feito o necessário junto do Governo de Luanda, nunca mais recebi notícias sobre este assunto.

O Banco de Angola sabia que eu possuía um bom dossiê fotográfico e que, com certeza, teria tudo o que precisava.

Em Outubro de 1972, enviaram um funcionário de Lisboa, o Dr. Oliveira e Castro, para fazer uma boa selecção. No dia do nosso encontro em Luanda, no mês de Outubro de 1972, qual foi o meu espanto em reconhecer um antigo aluno do meu Colégio de Lourenço Marques, dos anos 1946/47, o "Tocha"...

Trouxe o meu arquivo à sede do Banco de Luanda e fez-se uma escolha larga de slides. Pedi logo um avanço, o que me permitiu enviar o Olivier para Paris, pois os meus tios prontificaram-se a recebê-lo e, assim, entrou num colégio e continuou os estudos, o que foi um problema a menos para mim, pois o miúdo não podia andar nestas errâncias por Angola. O meu terror era que ele ficasse doente.

Precisava com urgência de novo material fotográfico pois as duas Nikon estavam fora de uso e só tinha uma Mamiya 6X6, que estava boa. A "2 cavalos" tinha a cambota partida e

se eu acelerasse a mais de 30 km/hora, o motor começava a bater de uma maneira horrível e só nas descidas é que podia desembraiar e descer com velocidade. Levava horas para fazer 100 km. Apesar de procurar em toda Angola, não consegui encontrar a almejada peça, que só em Lisboa pude comprar.

MARIE CHRISTINE

As negociações com o Banco de Angola passaram-se bem e, em posse de uma nova lista de fotos a realizar a pedido do Banco, permiti-me ir passar o Natal de 1972 a Paris, onde poderia comprar novo material e filmes, passar uns momentos agradáveis junto da família e assim descansar e aliviar do peso de tudo o que tinha sofrido neste terrível ano de 1972.

À chegada comprei uma revista, que já assinava antes de ir para Angola, hoje desaparecida e que se intitulava "Loisirs et Voyages", e lá deparei-me com o anúncio, que mudou radicalmente a minha vida:

"J. F. 26 ans, celibataire possédent notions de photo, désire prendre contact avec jornalistes ou cinéastes professionnels, afin de s'intégrer dans expédition".

Mlle M. C. Gasnier

Meti o anúncio de lado e não pensei mais no assunto. Passei um mês de Janeiro de 1973 maravilhoso em casa dos meus tios, junto do meu filho. Garotas para passear por Paris não faltavam, visto a minha tia ter uma escola de secretariado e a escolha ser fácil. No fim de contas eu estava solteiro, não?

Nas vésperas de voltar para Lisboa, enquanto arrumava as malas, voltei a ver o anúncio e, como nada tinha que fazer, era um domingo, viajei para os arredores de Paris, bastante longe da casa dos meus tios, à procura da tal mademoiselle Gasnier. Levei quase o dia inteiro à procura e, já estava para desistir, quando encontrei a casa.

A mademoiselle recebeu-me muito bem, num apartamento modesto, onde vivia com a irmã mais nova. Trabalhava num laboratório de fotografia em Paris e mostrou-me as fotos que já tinha feito, com destaque para as da Turquia, onde ela tinha viajado no ano anterior. Gostei da rapariga, muito simpática e bonita. Deu-me o endereço do seu trabalho e, no dia seguinte, ao fim da tarde fomos jantar. Durante esta última semana que passei em França, falei-lhe de Angola, de todas as minhas aventuras, de todos os problemas que tinha encontrado, contei-lhe que era separado e que tinha dois filhos menores, estava sozinho e que precisava de uma companheira a meu lado para, depois de terminar o trabalho, voltar para França.

Tinha saúde, não bebia, não fumava e, os quinze anos que nos separavam, pensei que não seriam um problema.

Infelizmente, tinha que voltar para Lisboa, pois tinha assuntos urgentes a tratar, mas, logo que chegasse a Luanda, escrever-lhe-ia. Fui sincero e foi com esta atitude que a "maionese pegou"!

Em Angola, conhecia muitas raparigas entre os 22 e 25 anos e, quando lhes falava que estava "solteiro" e que o meu maior desejo era encontrar uma companheira, para juntos continuarmos a aventura, nenhuma aceitava. Eu era muito velho, não tinha uma situação estável, etc. Ironicamente, encontrei parte delas, anos mais tarde. Parte tinha aumentado de volume, outras estavam divorciadas e, algumas, mesmo duas vezes.

Em Paris, falei com um amigo, o Sr. Jean-Jacques Ducos, grande cineasta amador, que adorava filmar animais. Depois de lhe mostrar fotos da Palanca Negra, ficou entusiasmado com uma futura filmagem deste maravilhoso animal. Este senhor tinha contactos na televisão francesa, no programa "Animaux du Monde", dirigido por um grande jornalista, muito conhecido, François de la Grange. Este daria todo o apoio a esta reportagem, formando uma equipa da qual ele faria parte, fornecendo todo o material, assim como as montagens. A Christine também estava incluída na equipa, como fotógrafa. O Sr. Ducos tinha todo o apoio da Casa de Portugal em Paris, que forneceria as passagens e as estadias em Angola. Depois de tudo isto estar confirmado, infelizmente o Sr. François de la Grange adoeceu gravemente e faleceu uns dias depois, desfazendo-se este projecto, que, se se tivesse realizado, teria sido um grande trunfo para mim.

PASSAGEM POR LISBOA

Passei o mês de Fevereiro em Lisboa, para tentar encontrar uma solução para o problema dos filmes junto do Ministério do Ultramar e, também, para tratar da compra de algum material fotográfico, filmes e, sobretudo, da cambota para a Citröen.

Em Fevereiro de 1973, estava em Lisboa, alojado em casa da minha irmã. Tive vários encontros no Ministério do Ultramar e, depois de muita discussão, o Dr. Osório propôs que um dos meus companheiros viesse a Lisboa, com as montagens a preto e branco e também com os negativos, para que, no caso de agradarem ao Ministério do Ultramar, este custeasse a passagem a cores e a sonorização, dando assim como terminado o contrato.

Uns dias depois, recebi uma carta do Guy e, em nome dos outros dois companheiros (o Bernard, já tinha, entretanto, saído do hospital e recuperado um pouco), recusaram a proposta, dizendo que os negativos dos filmes nunca sairiam da Suíça. Comprometiam-se a terminar o trabalho, ele próprios, mais tarde, não sabendo exactamente quando,

e a enviar os três filmes pelos seus próprios meios. Isto não foi nada ao encontro do que desejava o Dr. Osório e tudo ficou por aqui.

Claro que, para se terminarem os filmes com a passagem a cores, eram precisos os preciosos negativos, mas isto não impedia de se rodearem de garantias. Até eu poderia encarregar-me desta missão, pois estava em Lisboa.

Se eu tivesse insistido no Ministério do Ultramar para fazer pressão contra o Cita de Luanda, de maneira a que eles escolhessem os 2.000 slides e pagassem os 400 contos, talvez as coisas se tivessem resolvido de outra maneira.

O Dr. Osório andava sempre numa roda vida e era muito difícil marcar um encontro com ele. Eu também já estava farto de intervir neste assunto dos filmes sem resultado nenhum. Já em Agosto de 1972 eu tinha falado com o Dr. Osório, em Luanda, sem chegar a um resultado concreto.

REGRESSO A ANGOLA

Voltei para Angola com uma grande disposição de fazer o trabalho que me tinham pedido no Banco de Angola, sobretudo o que dizia respeito à economia, pois tinha pouco material para apresentar.

A economia de Angola tinha crescido de uma maneira espectacular durante o governo de Santos e Castro e, não é por ele me ter feito uma data de misérias, que eu vou afirmar o contrário. As grandes fábricas saiam da terra como cogumelos na floresta, assim como os prédios de habitação e de escritórios, e isto por todo o país.

Troquei muita correspondência com a Christine, tentando convencê-la a deixar o trabalho e a casa, a vender o carro e a arrumar as malas para vir ter comigo a Luanda. O mais difícil foi convencer os pais dela, pois estes tinham a impressão que Angola era uma terra onde havia guerra entre brancos e pretos e tudo estava a ferro, fogo e sangue. Era o que eles viam na televisão francesa, que mostrava imagens falsas, sem vergonha nenhuma. Com certeza, muitas destas imagens eram feitas em outros países africanos...

Em fins de Junho de 1973, a Christine foi buscar o Olivier a casa dos meus tios e os dois embarcaram na T.A.P. rumo a Luanda. Mostrei a capital à Christine, que gostou muito, e ficou admirada com a maneira de viver dos Luandenses. Apresentei-a aos meus amigos, para casa de quem éramos convidados todos os dias. Os fins-de-semana eram passados no Mussulo e, apesar de a França ter lindas praias, ela nunca tinha visto nada igual. Adorava marisco e, em Luanda, havia com fartura e barato, comparado à terra dela. Estávamos em férias e a Fabienne fazia parte do grupinho. Um mês depois, fomos para Nova Lisboa para preparar a descida do Cunene com um grande

grupo de moços da Mocidade Portuguesa. Esta reportagem, contarei no livro n° 6. Em Setembro e Outubro de 1973 mostrei à Christine as principais cidades de Angola, assim como as principais reservas de animais: Quiçama, Bicuari, Iona e Cubango.

O INÍCIO DE UMA GRANDE AVENTURA

Voltei à Quiçama para mostrar à Christine a variedade de animais que lá se encontrava e também a grande diversidade de vegetação própria deste Parque.

Estivemos também no Bicuari em companhia dos meus dois filhos e o espectáculo das manadas de animais não faltou. Uma noite, um elefante, velho macho solitário, veio ao acampamento e fez bastantes estragos, o que originou a saída da cama do fiscal, armado de um fuzil de grande calibre para tentar abater o animal, mas só o feriu. De madrugada, era seu dever ir à procura do animal e abatê-lo, mas nada fez, o que se tornou muito perigoso. Talvez pensasse que morreria em qualquer outra parte do Parque.

No dia seguinte, da parte da tarde, pedi à Christine para me conduzir a uma lagoa onde os elefantes e outros animais vinham beber e tomar banho. Por ali perto havia uma grande árvore e eu consegui arranjar um poiso, para mim e para o material. Lá fiquei escondido entre os ramos, sem fazer ruído nenhum, à espera que o sol baixasse, pois é a hora ideal para os fotografar. Com o que eu não contava era que naquela zona existisse uma mosca minúscula (não me lembro do nome) que se enfiava em todo o lugar do meu corpo onde houvesse um pouco de humidade: olhos, nariz, boca, orelhas, … era um verdadeiro martírio e eu só conseguia afastá-las batendo com um ramo da árvore, continuamente, na cara. O sol começava seriamente a baixar e nada de elefantes, só alguns javalis e diversos antílopes. Tinha dito à Christine para que, logo que o sol se escondesse, vir buscar-me à lagoa. O acampamento ficava a poucos quilómetros. De repente, vejo os antílopes fugirem, julguei que talvez andassem por ali alguns leões, o que seria bom fotografar, mas não era nada disso. Os animais, ouvindo o ruído do carro a muitos quilómetros de distância, iam-se embora. Eu, só alguns minutos mais tarde, ouvi o motor da Toyota.

Daí a pouco, sem que nada o fizesse prever, silêncio. Pensei que a Christine tivesse visto alguma manada e parado o carro para os garotos verem os animais. Uns minutos mais tarde aparece ela, branca como cal, a tremer. Tinha apanhado um valente susto. Quando rolava pela picada que vinha ter à lagoa, picada muito estreita com bastantes arbustos de cada lado, mesmo no meio, estava um grande elefante solitário, de tromba levantada. Quando ela viu o animal quis fazer marcha atrás, já que era impossível dar meia volta. Deixou ir o carro abaixo e começou a entrar em pânico, visto o carro ser aberto e, se o elefante atacasse, não haveria nenhum meio de defesa nem salvação possível. Assim se percebe como às vezes um detalhe sem importância pode virar um verdadeiro drama.

Felizmente o animal entrou pelo mato adentro e desapareceu. Seria o mesmo que tinha sido ferido na noite anterior? Nunca cheguei a saber…

Em Luanda, uma firma tinha-nos emprestado uma Toyota, chassis curto, 4x4. Era um óptimo carro, mas com uma suspensão muito dura e, naquelas picadas, fazia-nos lamentar a nossa "2 cavalos". Ao fim do dia tínhamos as costas em compota. Saiamos de madrugada do acampamento, a melhor hora para se verem os animais, embora o frio fosse terrível e tínhamos que embrulhar os miúdos em mantas.

Para os lados de Moçâmedes, fomos ao encontro dos Mocubais. Um dia, pedi à Christine para ficar de peito nu em companhia de uma rapariga. Esta ficou muito admirada, pois era a primeira vez que via os seios de uma branca. Afinal não eram assim tão diferentes dos dela! Dos homens nem vale a pena falar, pois todos queriam que eu fizesse fotos do acontecimento em companhia deles.

Encontrámos as "cigarras da floresta" os bosquimanes, lá para os confins das Terras do Fim do Mundo, onde havia um grande acampamento muito perto dos safaris do Espinhas. Eles ficavam por ali a fim de secar a carne que lhes era oferecida, vinda das caçadas.

Perto de Sá da Bandeira levei a Christine ver a etnia dos M'Huilas e os seus maravilhosos penteados e colares. Fizemos dezenas de fotos, sobretudo de raparigas, que eram muito bonitas e deixavam-se fotografar com muita graça, especialmente quando tinham à frente delas uma fotógrafa.

A Christine também pinta a óleo e elas ficavam muito felizes em posar. Uns tempos depois, passámos novamente por lá, pois ia haver um dos rituais mais importantes da vida deles – a festa da circuncisão. As crianças eram circuncisadas numa pequena ilha no meio do rio – "Etanta" ou "Grande Acampamento". Ali permaneciam em estágio durante quatro meses, sem verem os pais, à guarda dos professores, que lhes ensinavam a caçar de arco e flecha, a nadar, a pescar, etc. O "Etanta" era uma grande escola de homens, capazes de sofrer a fome, o frio, a dor, enfrentar o perigo e vencer o medo. Os meninos andavam nus, mesmo à noite, quando o frio apertava, cobrindo o corpo com cinza.

Todas as manhãs os meninos ensaiavam diversos números coreográficos, ao som dos tambores e do entrechocar das varas que empunhavam. No livro n°4, "As Etnias de Angola" estão dezenas de fotografias deste evento.

Cheguei ao acampamento, depois de atravessar o rio numa canoa, em companhia da Christine,que estava vestida como um rapaz. Os guardas, julgando que era o meu filho Olivier, deixaram-na entrar. Eu não sabia que as mulheres não podiam entrar no Grande Acampamento, mesmo quando iam levar alimentos, farinha ou feijão para a alimentação dos garotos. Apenas podiam depositar os géneros por ali perto, mas sem verem os filhos.

Não sabia disso e, só mais tarde, é que mo disseram. Fiquei bem atrapalhado, sem saber o que dizer. Apesar do calor horrível, consegui fazer um bonito trabalho e voltei novamente, algumas semanas mais tarde, para fotografar o regresso dos meninos à casa dos pais. Eu e a Christine tivemos a oportunidade de assistir a um dos mais festivos e belos espectáculos que aconteciam por terras de Angola.

Quando andávamos pelo Sul, levava sempre no carro sacos de açúcar, oferecidos pela fábrica da Catumbela, que depois oferecia às mulheres, duas ou três chávenas a cada uma. Para as crianças levava bombons e "sugos" das fábricas do Lobito e, para os homens, pacotes de 1.000 cigarros que distribuía por eles. Estas distribuições eram motivo de manifestações de alegria.

Uma vez, um velhote convidou-nos a almoçar na palhota dele e lá fomos nós provar a cozinha do grande chefe. Numa velha panela de barro, vimos um líquido muito escuro, com pedaços de carne de qualquer coisa, que não sabíamos o que seria. Uma mulher trouxe fuba dentro de uma grande tigela e, com os nossos dedos, fazíamos com ela umas bolas que depois eram mergulhadas no líquido. Para não vexar o velhote, eu "fazia das tripas coração" e engolia tudo rapidamente para não ter o gosto na boca, mas a Christine, coitada, não conseguia nem sequer aproximar a bolinha da boca, vinham-lhe logo vómitos. O velhote perguntou-me se a minha mulher não gostava da comida dele e respondi-lhe o que me veio à cabeça rapidamente, que ela estava grávida e que toda a comida lhe fazia aquele efeito! Então, para lhe ser agradável, foi buscar um tesouro que ele lá tinha na palhota: uma garrafa de vinho feito com sumo de laranja (fabricado no Lobito), que era um veneno autêntico. Em chávenas que não estavam de todo completas deu-nos de beber aquela mistura ingrata, que deu como resultado, umas horas depois, uma diarreia incrível, que nos obrigava a parar de cinco em cinco minutos. Enfim, para o velhote era uma honra que os dois brancos tivessem aceitado almoçar com ele e não podíamos ter agido de outra forma.

Com franceses e a citroën há uma história que quero aqui contar, mas que não se passou comigo. Talvez possa ser incluída num documentário sobre os míticos "2 Cavalos"… Um motorista angolano, que tinha viajado até ao Zaire no seu camião para vender um carregamento de peixe seco – apesar de não haver relações diplomáticas com este país, havia muitos comerciantes que faziam grandes negócios, mesmo tendo que deixar parte da carga pelo caminho como "mata bicho" aos funcionários zairenses –, no regresso, encontrou um francês que conduzia uma Citroën ainda mais rasca que a minha, num estado de tal forma lastimável, que os guarda-lamas estavam presos com arames e os pneus não tinham mais câmaras-de-ar e estavam cheios de capim. Ele vinha de França com destino à África do Sul e estava a atravessar todo o continente africano naquele destroço.

O motorista, que voltava vazio, meteu a carrinha em cima do camião e assim entraram em Luanda. A Citroën ofereceu-lhe depois um "lifting" geral e pôs a "2 Cavalos" como nova, tendo ficado uns dias exposta na vitrina do concessionário. A Fina deu-lhe também gasolina e o rapaz lá foi, todo feliz da vida, rumo à Cidade do Cabo.

A população branca de Angola, classe média e povo, era na grande maioria gente simples, educada e sempre pronta a ajudar. O mesmo não posso dizer daqueles que governavam o país, os tais "senhores doutores e senhores coronéis" que, felizmente, a maior parte deles desapareceu de Angola após o 25 de Abril. Infelizmente para este País, os novos que chegavam de Portugal, eram da pior espécie e muito piores, o que ocasionou a desgraça desta terra.

Pequenas histórias como esta foram às dezenas por terras de Angola. Eu e a Christine nunca fomos molestados, insultados ou roubados pelos pretos ou pelos brancos da classe média ou baixa durante os 54 meses que passámos em Angola (a Christine só esteve 14 meses). Tive problemas terríveis devido à má vontade e estupidez de certos senhores após a partida, em fins de 1972, do Governador-Geral Robocho Vaz. Nas grandes cidades havia sempre problemas e o melhor que vivemos em Angola foi a andar na mata, a fotografar aldeias, paisagens e animais, sobretudo no Sul.

Um capítulo à parte, que talvez seja assunto para um livro, foi a colecção de fotos de nus femininos feitos na natureza, nas praias de Luanda e de Moçâmedes, nas quedas de Duque de Bragança e, sobretudo, nas dunas do deserto do Iona. Primeiro que eu convencesse a Christine a tirar a roupa ainda levou tempo. Mas, no deserto estávamos sozinhos e a areia das dunas era macia e quente. Assim, depois de algumas horas de fotografia, já não estava era disposta a vestir-se novamente. Só gostava de andar de botas, calções e... chapéu na cabeça. Podíamos andar centenas de quilómetros sem nunca cruzar um ser humano, era a Liberdade TOTAL.

Em Outubro de 1973, encontrei-me em Luanda com o Sr. Almeida, proprietário das Edições Excelsior de Lisboa. Este senhor tinha projectado a edição de um livro sobre Angola e vinha a Luanda à procura de fotografias inéditas, pois em Portugal não havia encontrado nada. Vinha da parte do Sr. Coronel Rebocho Vaz, que entrava no projecto e que tinha tido a amabilidade de o enviar ao meu encontro, pois conhecia bem o meu trabalho fotográfico. Teve também contactos com várias identidades, principalmente bancos, que estavam interessadas na edição de um belo livro sobre Angola. Claro, ficou muito entusiasmado quando viu a qualidade dos meus trabalhos e fez logo uma escolha, que levou para Lisboa uns dias depois. Entregou-me uma lista importante de novas fotos a realizar com foco na economia de Angola e, assim, deitei mãos à obra.

Como tinha que pagar o arranjo e a pintura do carro (seis contos) mais a compra de filmes para fazer as fotos que me tinha pedido, fiquei novamente a seco de finanças e pedi ajuda ao editor, como tinha sido combinado. Infelizmente, um dos principais accionistas na publicação do livro retirou-se e o editor ficou com sérios problemas de caixa. Acabei por ser eu quem apanhou por tabela, já que não recebi dinheiro nenhum e ainda tive que me desenrascar sozinho, vendendo aos donos das fábricas por onde passava algumas colecções de slides, guardando para mim os melhores. Com as reportagens feitas nas fábricas, tinha apurado uma técnica muito boa e as fotos eram de excelente qualidade. Assim, não tive dificuldade de maior em angariar alguns fundos, que me permitiram continuar a aventura por mais uns tempos.

No mês de Novembro de 1973 encontrava-me no distrito do Cunene e o Citroën "deu o berro". Não me podia deslocar para muito longe e uma das principais fotografias a fazer era nas obras do plano do Cunene.

Fui falar com o Governador, dizendo-lhe que tinha o carro partido, perguntando-lhe se seria possível enviar-me às obras num carro do Estado. Ida e volta eram 200 km (20 litros de gasolina e, viajando de manhã cedo, poderia estar de volta à noite. Respondeu-me que era impossível, pois na minha credencial estava escrito "sem dispêndio para a Fazenda Nacional". O almoço oferecido ao Governador-Geral quando este, com a sua comitiva, visitou a Vila de Namacunde custou 350 contos! Sem comentários…

Estas obras eram de grande interesse para o livro e, devido à estupidez de um Governador não as pude fotografar.

Fui informado por um funcionário do CITA de Luanda que naquela altura andava por Angola um fotógrafo italiano, Sr. Nuno Calveti, acompanhado da esposa, contratado pelo Ministério do Ultramar, com viagens e estadias pagas, recolhendo elementos fotográficos para o Ministério. Foi com enorme mágoa e raiva que tive conhecimento da notícia. O CITA não tinha fotos, apesar de eu, há mais de um ano, ter posto à disposição deste organismo, por despacho do Governador-Geral Rebocho Vaz, a minha colecção de 2.000 slides.

O Ministério do Ultramar tinha conhecimento do meu trabalho e o editor de Lisboa foi mostrar ao Agente Geral a escolha feita para o livro: 1.900 fotos. Pediu uma credencial de verdade, em meu nome, para poder terminar o trabalho nas melhores condições. Apesar dos meus repetidos apelos, nunca a recebi. Prometeram ao editor que, de futuro, logo que precisassem de fotografias de Angola entrariam em contacto com ele. Eu não acreditei, pois estava farto de promessas nunca cumpridas e a prova era a encomenda feita ao fotógrafo italiano.

Senti o sucedido como uma grande falta de consideração e uma enorme ofensa.

Quando fui a Lisboa, em Março de 1973, tive uma reunião no Ministério do Ultramar, no sentido de regularizar a situação dos meus companheiros e pagar em slides a dívida para com o Governo, visto eles não poderem enviar os filmes nos tempos mais próximos, por falta de fundos. Disseram-me que não valia a pena e era melhor dar o caso como terminado, visto os meus companheiros não poderem enviar os filmes. Eu insisti e ficou combinado eu fazer mais uma tentativa junto dos meus colegas, para eles, pelo menos, enviarem nos próximos três meses um dos filmes, que já estava em fase de acabamento. Naquela altura, Março de 1973, eu devia ter no meu arquivo por volta de 30.000 slides e fotos a preto e branco. Uma escolha de 2.000 fotos para o Ministério do Ultramar não me iria prejudicar. Isto viria a ser feito pelo CITA em Dezembro de 1974, quando voltei para França, tendo o caso ficado finalmente encerrado.

Abro aqui um parêntesis muito importante: se o CITA tivesse adquirido os 2.000 slides, como estava previsto pela circular do Governador Rebocho Vaz em 1972, os filmes poderiam ter sido terminados a tempo e horas e ainda teria ficado um saldo positivo para as fotos de mais de 100 contos. Os senhores doutores e militares que governavam naquela altura o país desprezaram esta opção e nunca o quiseram fazer.

O livro a ser editado pelas Edições Excelcior, de Lisboa, "Vamos Descobrir Angola" era dirigido pelo Sr. Coronel Rebocho Vaz. Este retirou-se e todas as promessas e acordos ficaram sem efeito, obrigando o editor a ir por outros caminhos. Lamento dizer que aqueles que se encontravam no poder não possuíam capacidades intelectuais e culturais para perceber que esta obra seria um formidável veículo de divulgação e de propaganda para o Governo Português.

Neste mês de Dezembro de 1973 ficou combinado com o CITA entregar uma colecção de slides para pagar a dívida contraída com o Governo de Angola, visto os meus companheiros não terem ainda enviado os filmes. Passei o Natal com a Christine em Nova Lisboa, muito desiludido, sem coragem nenhuma para continuar.

O mês de Janeiro anunciou-se melhor, pois o editor reagiu da melhor maneira, imprimiu um folheto de propaganda do livro, com fotos minhas, que tinha um óptimo aspecto e que distribuiu por Portugal inteiro assim como por Angola. Na mesma ocasião, este folheto foi também entregue, juntamente com uma exposição, ao Presidente da República, ao Presidente do Conselho e ao Ministro do Ultramar. Seria que, desta vez, os governantes abririam os olhos e tudo iria correr melhor?

Não, infelizmente não recebi nenhum dinheiro de Lisboa e a situação para mim em Angola, neste mês de Fevereiro de 1974 era a seguinte:

– Precisava do carro, mas não tinha dinheiro para o retirar da garagem;

– Precisava de enviar com urgência 2.000 francos suíços ao laboratório de Genebra, que me revelava os filmes;

– Precisava de enviar 1.000 francos à Kodak suíça para comprar filmes;

– Precisava de comprar outro flash, pois o que tinha partiu-se sem possibilidades de arranjo.

– Precisava de enviar dinheiro aos meus tios de Paris para pagar a pensão do meu filho;

– E, por último, precisava de COMER.

Tive que vender, ao desbarato, algum material de que não me servia, para cobrir as necessidades mais urgentes. Assim, consegui retirar a "2 cavalos", que estava um mimo. Com a utilização de tábuas, tinha dividido a caixa da carrinha em duas partes: em cima, com cortinados nas janelas, era o nosso quarto; a parte de baixo era onde levava o material fotográfico, o rancho, os tachos e fogareiro para fazer a comida. Na bomba da Fina, em Nova Lisboa, fomos meter gasolina e "baptizar", com uma garrafa de espumante, a nossa querida "2 cavalos" toda pintadinha de verde. Mais tarde rumámos ao Lobito para fotografar o Carnaval de 1974.

Era uma festa incrível, em que o povo branco e preto, todos juntos, se divertia da melhor maneira. Logo à entrada, a Christine apanhou com um saquinho de papel cheio de fuba na cara e com a transpiração ficou com uma máscara branca muito gira, mas que não era do seu gosto. Então, adquiriu alguns sacos e toca a metralhar os outros da mesma maneira. Fazia um calor de morte e, entre aqueles que estavam nos carros alegóricos e o povo que estava nas ruas, era uma batalha de "mangueiradas" de água, que era um regalo. À noite havia muitos bailes com boa música angolana e brasileira e, às tantas da manhã, íamos para a praia dormir, pois o cansaço era demasiado. Numa destas noites, nem deu para preparar o Citroën para dormir. Fiquei com os pés de fora e, qual não foi o meu espanto, quando ao acordar a altas horas da manhã, percebi que não tinha mais os sapatos. Brincadeira ? Os jornalistas que cobriam o evento, sabendo que a Christine era francesa, logo a "raptaram" a fim de a entrevistar, ao que ela cedeu de bom grado, por ter a sua foto no jornal local!

Na foto n° 343 vê-se a Christine sentada na imitação de um "tank soviético". Mal sabia ela, eu e o Povo Angolano que poucos mêses depois Angola, ainda sob o Governo Português, era invadida por tropas Cubanas com pesado material de guerra soviético e o apoio vergonhoso dos Abrileiros, Governo de Lisboa, Militares e PCP. Silêncio absoluto sobre esta invasão. Uma vergonha, uma grande traição à Pátria e ao Povo Angolano, uma falta de respeiro a todos os mortos e feridos que serviram a Nação na luta imposta por forças

estrangeiras que cobiçavam esta terra maravilha. Angola tinha que ser entregue ao dominio Soviético de qualquer maneira… era esse o cálculo dos pulhas dos abrileiros mesmo que o preço a pagar fosse a de centenas de milhares de vitimas, o que se averiguou mais tarde, durante a terrivel guerra civil que durou 27 anos e destruiu completamente este maravilhoso País.

Escolhi a cidade de Sá da Bandeira para fazer a reportagem sobre o comércio, pois tinha um alojamento decente, tinha a minha prima, conhecia muita boa gente e o calor era muito mais brando do que em outras grandes cidades de Angola.

Por esta mesma ocasião, em toda a região da Huíla, não chovia e, como tal, as barragens estavam secas e havia falta de água. Havia também muitos cortes de electricidade, o que era um pesadelo para as indústrias de enchidos e frigoríficos de carne, que estavam com graves prejuízos. A população sofria também, mas não se manifestava. O Governador-Geral não fez nada para evitar este estado de coisas. O envio, com urgência de alguns geradores a gasóleo teria evitado muitos danos.

Falava bastante desta situação com os meus amigos e também com os donos das lojas que fotografava. Falava também que Angola não precisava nada de Portugal para se governar sozinha, pois era riquíssima e que o melhor seria, e o mais depressa possível, formar um governo em que todas etnias, incluindo a branca e pedir a Independência. Nesta mesma altura, estava anunciada a visita do Governador-Geral para inaugurar um busto nesta cidade. Eu achava que a melhor maneira de a população de Sá da Bandeira demonstrar o seu descontentamento pela falta de electricidade era fechando todo o comércio e ficando em casa. Claro, isto chegou aos ouvidos do meu primo da D.G.S. que, aterrado, me aconselhou a nada mais dizer, pois poderia custar-me muitos dissabores.

No dia previsto, um enorme "Boeing" foi fretado para trazer aquela malta toda de Luanda… à custa do "reino". Quantas centenas ou milhares de "contos" custou esta extravagância? Nunca cheguei a saber...

Havia muito povo, muitos estudantes da Universidade de Sá da Bandeira, muitas etnias com as bandeirinhas portuguesas na mão… Veio toda a gente, porém, a electricidade é que não veio.

A situação só voltou ao normal quando as chuvas caíram em abundância muitos dias depois.

Estava muito longe de adivinhar que o funesto (para Angola) 25 de Abril de 74 estava já bem perto. Naquela altura, o fruto já estava a apodrecer por dentro, em Portugal...

Deixei a Christine nesta cidade, onde ela conseguiu arranjar emprego de recepcionista num dentista e, mesmo só arranhando algumas palavras de português, lá conseguiu

safar-se e ganhar um dinheirito para poder manter-se durante um mês, enquanto eu estaria ausente.

Em Luanda, fui ter com o cônsul francês, que eu e a Christine conhecíamos bem, pois várias vezes nos tinha convidado para jantar em sua casa, e pedi-lhe ajuda para que, no caso de eu ter "problemas" com a D.G.S., a Christine pudesse pedir protecção na Embaixada, como cidadã francesa, e dali seguir para França. Felizmente, tudo correu bem e nunca fui molestado.

Fui a Lisboa em Março, pois por carta era impossível resolver os diferentes assuntos referentes ao livro. Consegui que uma agência de viagens de Luanda me entregasse um bilhete de avião, de ida e volta para Lisboa, tendo um amigo ficado como fiador. Pagaria logo que as diversas identidades que me deviam dinheiro me pagassem os slides vendidos.

Neste mesmo mês de Março, três pessoas amigas avisaram-me que o Governo-Geral tinha enviado a todos os organismos do Estado uma circular confidencial para não me apoiarem nem comprarem nenhuma fotografia feita por mim. Nunca vi a tal "circular". Existiria de verdade? Seria boato? Nunca cheguei a saber, mas via como a atitude desta gente se foi modificando, sendo bastante difícil obter qualquer ajuda das identidades oficiais.

Por essa razão, todo o trabalho que pensava ver vendido em Nova Lisboa, Moçâmedes, Luanda, Sá da Bandeira, Mocidade Portuguesa e outros, no valor de dezenas de contos, que me ajudariam bastante a terminar a minha missão, ficaria sem efeito. O que me meteu mais nojo nisto tudo é que nunca ninguém teve a coragem de me escrever a pedir esclarecimentos ou de mo dizer na cara. O pretexto desta "sacanagem" toda era a falta de entrega dos filmes pelos meus companheiros, portanto, tinha ficado assente com o CITA e com o Ministério do Ultramar que antes da minha saída de Angola regularizaria tudo com a entrega de vários milhares de fotos inéditas.

Talvez outra razão fosse toda a ajuda que foi prestada pelo anterior Governador-Geral a mim e aos meus companheiros e que não era bem vista pelo Governador seguinte, Santos e Castro.

O CITA, apesar de ter uma data de fotógrafos, estes só serviam para fazer fotografias de propaganda, quando um Governador ia de viagem. Comparativamente aos trabalhos que eu tinha realizado nesses anos, todos esses fotógrafos estavam longe de possuírem algo sequer parecido e, por isso, a entrega destes slides como pagamento pela dívida dos meus colegas era uma pechincha para os arquivos do CITA.

Numa carta enviada ao meu Pai para Lisboa, no dia 3 de Abril de 1974 escrevi:

"Nesta terra, quando um terrorista é apanhado, mesmo com armas na mão, por interesse ou para se salvar, vira a casaca, é recebido como "filho pródigo", dá entrevistas na

rádio e nos jornais, etc., etc... (chamam a isto PSICO). Eu, que sou português, patriota, que tenho um nome, que nunca roubei nem matei ninguém, que ando por aqui há quatro anos, em condições dificílimas, que perdi tudo o que tinha em bens e em vida familiar em França, que fiz imensos sacrifícios para realizar este trabalho de divulgação do Ultramar, sou tratado pior que um reles vagabundo. Como interpretar esta atitude???"

Nos dias de hoje, na era do digital, a fotografia é infinitamente mais fácil. Quando vejo certos fotógrafos "metralhar" um alvo, fazer 50 fotos para, no fim, aproveitar uma ou duas... lamentável!

Tinha que poupar, sobretudo, a película a cores. Era uma carga de trabalhos, levava dias para obter uma transferência bancária para a Kodak Suíça e isto quando tinha algum dinheiro para o poder fazer.

Felizmente o meu amigo Saraiva, do CITA, sempre me arranjava alguns rolos de película a preto e branco, o que me permitia continuar a fotografar.

Mesmo quando os filmes a cores abundavam, o que era raro, andava às voltas até encontrar o melhor ângulo, a melhor hora para ter uma luz ideal, para fazer uma simples foto. Era a preocupação principal, mesmo antes da comida – ter película suficiente para trabalhar. Pão e bananas havia com fartura por toda a Angola...

A conservação da película era outro grande problema: nas cidades tudo se resolvia, pois pedia a conhecidos para meter os filmes no frigorífico, mas na mata não tinha nada para os conservar, só os podia meter num saco de plástico e enrolar o saco num esfregão molhado, que pendurava à frente da carrinha. Com o vento a bater no saco, a temperatura descia bastante e, assim, pude salvar muitos milhares de fotografias.

Em Lisboa, assinei um contrato com o editor Excelsior, que me permitiria encarar o futuro com optimismo. Ficou também combinado que abriria um laboratório fotográfico para revelação de filmes a cores, pois nada existia em Lisboa; do qual seria a Christine a se ocupar, pois ela tinha bastante prática neste ramo.

Finalmente, no Ministério do Ultramar, reconheceram o meu trabalho e, já que eu vinha estabelecer-me em Portugal, perguntaram-me se estaria interessado em fazer outras reportagens das "Províncias Ultramarinas".

Claro que aceitei, mas com outras condições. Tinha sofrido muito em Angola e a maneira de trabalhar teria que ser diferente. Para o editor, esta notícia foi uma bênção, pois poderia fazer outros livros a seguir.

Fui a Paris ver o meu filho e, quando cheguei, fui comprar alguns jornais numa banca e chamou-me a atenção uma revista – "Jeune Afrique" – em cuja capa aparecia em grandes

letras "De nos correspondants en territoire libereé d'Angola". Comprei logo a revista e li o artigo, que estava acompanhado de algumas fotos feitas no tal "território libertado pelo MPLA". Percebi que poderiam ter sido tiradas em qualquer parte, os jornalistas apareciam em companhia de um grupo de guerrilheiros num local impossível de reconhecer. Zaire? Zâmbia? Nas legendas constava: "Os nossos correspondentes em companhia de tropas do M.P.L.A às portas de grandes cidades Angolanas."

Dois terços do território já tinham sido libertados e só algumas grandes cidades estavam nas mãos dos portugueses... Enfim, o resto do artigo era todo deste teor.

Fui rapidamente aos escritórios da revista e apresentei-me como um repórter fotográfico vindo de Angola. Pedi uma entrevista com o director e, entre outras coisas, disse-lhe que desejava falar com o jornalista que tinha escrito o artigo. Este veio logo e disse-lhe que de duas uma: ou que ele tinha sido enganado ou que estava a enganar com o artigo que escrevera. Em todas as zonas que ele mencionava no artigo eu tinha andado por lá durante quatro anos e nunca tinha encontrado um guerrilheiro, nem saltado devido a uma mina. Disse-lhe, no entanto, que acreditava na sua boa fé e que eles tinham sido enganados pelos guerrilheiros, que com certeza tinham andado com eles às voltas no Zaire ou na Zâmbia...

Claro que estas palavras não caíram bem na redacção da "Jeune Afrique" e o director deu como terminada a entrevista.

Poucos dias depois, voltei para Lisboa e contei o sucedido à minha prima Guadalupe Nemésio, que era secretária de um dos directores do Ministério da Informação. Fui convocado e expliquei ao senhor o que se tinha passado em Paris. Ele propôs o seguinte: escrever ao director da tal revista e convidá-lo, assim como aos outros jornalistas e fotógrafos, para visitarem Angola a convite do Governo Português. Eles fariam as reportagens que desejassem em qualquer ponto de Angola. Eu iria acompanhá-los para servir de intérprete. Escrevi uma carta ao Sr. Bruno Crimi, director da revista "Jeune Afrique", mas este nunca respondeu. Sem comentários...

Até esta data, os meus companheiros não tinham enviado os filmes ao Ministério do Ultramar, como estava previsto, não por má vontade, mas por falta de fundos para os terminar e também porque o principal elemento na montagem dos filmes se encontrava ainda paralisado. Nos primeiros dias de Abril, encontrava-me novamente em Luanda, a preparar a última reportagem sobre Angola e uma das mais importantes, pois dizia respeito à Indústria. Como encontrava severas dificuldades em obter as diversas autorizações, escrevi ao Sr. Almeida, director das edições Excelsior, para ir pessoalmente ao Ministério do Ultramar fazer o pedido de uma "credencial de verdade" a fim de poder terminar as

fotos necessárias para o livro, rapidamente e da melhor maneira. Este Sr. foi falar com a secretária do Ministro do Ultramar, Sr.ª D. Germana Cancela, que se prontificou a enviar um telegrama ao CITA, pedindo para me concederem todas as facilidades. Eu estava farto de andar a pedir "esmolas" aos diversos organismos, que me dificultavam tanto a vida em Angola.Apesar da promessa desta senhora de enviar a credencial ao CITA em Luanda, nunca a recebi. Esquecimento? "Sacanagem" do diretor do CITA, que não ma entregou? Nunca cheguei a saber.

No funesto 25 de Abril de 74 encontrava-me em Luanda a preparar a última reportagem sobre a economia, a maior parte destas fotos destinava-se ao livro, pois tinham sido encomendadas pelo editor. Na repartição entregaram-me uma credencial que me facilitou bastante a vida durante as semanas que se seguiram, apesar de se sentir uma tensão palpável, pois ninguém sabia o que a "Revolução dos Cravos" iria trazer de bom para Angola, consegui fazer o meu trabalho.

O Governador-Geral desapareceu e a população estava à espera do novo que devia chegar em fins de Maio.

Foi escolhido para este cargo um antigo Governador-Geral, que era muito querido dos angolanos, pretos e brancos, o Sr. General Silvino Silvério Marques, um grande amigo do meu tio, Dr. João Pinheira, que tinha sido Governador da Província do Moxico, na mesma época.

E assim chegámos ao mês de Maio, em que se viu Luanda invadida por grande quantidade de jornalistas, fotógrafos e equipas de televisão estrangeiras e nacionais que vinham "conhecer Angola", que vinham ver a "guerra de Angola", que vinham ver a "revolta da população negra de Luanda contra os colonialistas", etc. etc.

Claro, ficaram muito desanimados por verem uma capital bem pacata e sem sombra de violência.

Voltaram-se então para o interior de Angola. Falei com um "jornalista" de Lisboa, que tinha escrito uma "borrada" sobre o campo de detenção de S. Nicolau, onde, segundo ele, tinha visto ruínas e montes de tijolos pertencentes, de certeza, a "fornos crematórios" e mandados destruir, logo após o golpe do 25 de Abril, pelo Governador de Moçâmedes. Só visto, puras "besteiras"... Antes do 25 de Abril, um jornalista tinha que ser bom de verdade para conseguir "passar a mensagem" e, assim, enganar a censura, mas depois desta data apareceu uma "fauna especial", que de jornalismo só conheciam o nome...

Nas minhas andanças por Luanda, conheci um jornalista francês, do "Le Figaro", que nos convidava muitas vezes, a mim e à Christine, para jantar no Hotel Trópico, onde estava hospedado. Obviamente que nós éramos uma fonte muito apreciável de informações sobre a situação em Angola. Em certa data, que não me recordo bem, mas devia ser

entre Julho e Agosto, foi imposto em Luanda o recolher obrigatório a partir das 21 horas. Estávamos os três a jantar, quando os dois criados que nos serviam vieram pedir desculpa de nos abandonarem, pois eram obrigados a entrar nas suas casas por causa do recolher obrigatório. Disse-lhes que continuassem o serviço, pois eu tinha uma licença especial para circular e que os poderia acompanhar até às suas casas, no muceque.

Já passavam das 22 horas quando peguei na "2 cavalos" e fui acompanhar os moços. Não se via ninguém nas ruas, à parte das patrulhas militares. O Muceque do Cazenga era um deserto e, depois de algumas voltas, depositei um deles em casa. O outro morava mais longe e, quando chegámos, ele explicou-me como eu devia fazer para chegar até à estrada de Catete, às portas de Luanda.

No princípio, as coisas correram bem, mas depois perdi-me e comecei a entrar em pânico. Ninguém nas ruas, um silêncio impressionante, nem sequer um cão a ladrar. Conduzia o carro com o corpo todo acachapado com medo de levar um tiro e, depois de muitas voltas, lá consegui chegar à estrada e dei de caras com uma patrulha, que me bombardeou com perguntas, chamando-me de inconsciente, de maluco, por andar àquelas horas a "passear" pelos muceques. Tive que lhes explicar tudo direitinho e eles acompanharam-me até ao hotel sem outro problema. Fui encontrar a Christine a chorar, pois já passava da meia-noite, e o meu amigo jornalista, muito preocupado com toda esta história. Felizmente, tudo correu bem, mas apanhei um susto valente.

Em meados de Maio, recebi uma carta do editor, muito escandalizado com o Sr. Oliveira e Castro do Banco de Angola, que tinha prometido uma ajuda substancial de mil "contos" em publicidade e na compra antecipada de exemplares do livro sobre Angola. Para esta promessa se concretizar, pediu ao editor para escrever uma proposta, que ele levaria à direcção do Banco, para aprovação. Como nada vinha, um dos colaboradores do editor foi falar com o novo Governador do Banco, tendo verificado que o malandro não tinha tratado absolutamente de nada e nem sequer tinha entregado a proposta que mandou escrever, que leu, e com a qual disse concordar plenamente! Nunca se chegou a saber com que intenção este trafulha o esteve a enganar!

Na véspera do Golpe de Estado, ou seja no dia 24 de Abril, a secretária do Ministro do Ultramar, disse ao editor que a exposição feita tinha um parecer favorável e que estava já para despacho.

Uma semana antes, o colaborador do editor, Sr. Ruben Sottomayor, tinha tido uma longa entrevista com o Governador de S. Tomé, de quem era amigo, e tinha combinado com ele publicar-se um livro dedicado àquela província, para propaganda turística, sendo eu a fazer as fotos, em condições excelentes, que não tinham nada que ver com o que passei

em Angola. Viagens, hotéis, filmes, carro com motorista, helicóptero, tudo pago; eu só entraria com o meu material e o meu "savoir-faire". Seria possível trabalhar nestas condições? Acho que sim, acabaria o "pão e bananas". O sonho era bonito e eu estava com uma força incrível para realizar todos estes novos trabalhos.

Após o estuporado 25 de Abril, o Governador foi demitido do cargo e, como se costuma dizer, tudo ficou "em águas de bacalhau"...

Foi preciso ter azar: com todas estas trafulhices, todos estes bons planos acabaram!

No fim de Maio, tudo estava calmo em Luanda, todo o mundo estava à espera do novo Governador, com muita esperança. Infelizmente teve que apresentar a sua demissão um mês depois e regressar a Lisboa, não era possivel fazer um trabalho honesto neste ambiente de traição e odio que já reinava naquela altura em Luanda.

Saliento que neste momento foi desbaratada uma oportunidade incrível de regularizar o problema angolano em paz, que teria evitado muitos milhares de mortos a seguir. Foi uma chance perdida por ministros e militares INCOMPETENTES E TRAIDORES.

Precisava de enviar dinheiro para o laboratório suíço, mas todas as transferências estavam cortadas e era impossível convencer os suíços a enviar-me os milhares de fotos que eles lá tinham, sem eu pagar a factura.

Nesta altura, em Luanda e em outras cidades de Angola, só se falava no Savimbi, o "salvador de Angola", o futuro presidente, etc. Com isto, meteu-se na minha cabeça ir à zona dele fazer uma grande reportagem, que seria a primeira em Angola.

De carro, eu e a Christine, fomos até Silva Porto, onde conhecia um jovem piloto a quem a ideia agradou e, numa pequena avioneta, lá fomos até ao Luso. O aparelho era muito velhinho e foi com dificuldade que lá chegamos. Afinal, para nada, pois não foi possível entrevistar o Dr. Savimbi, por este não estar disponível.

Segundo apurei, o Padre Oliveira servia de intermediário entre o Dr. Savimbi e o Governo Português e também se encarregava de levar os medicamentos que o presidente da UNITA precisava, para o coração.

Como não podia esperar mais tempo no Luso, o que hoje me arrependo, voltei para Silva Porto, onde fui ao encontro da família dele, na povoação da Lobitanga e Missão do Chilesso. Foi de lá que lhe enviei a carta que aqui descrevo, por intermédio do Padre Oliveira.

Em meados de Julho encontrei, em Luanda, um repórter que trabalhava na mesma agência que eu, France Match, e que aceitou logo a ideia da reportagem. Escrevi novamente ao Padre Oliveira , que me respondeu por telegrama. Nunca cheguei a ver a reportagem. Um destes dias, quando for a Paris, passarei no "Paris Match", para ver se é possível obter uma cópia.

Durante a nossa estadia em Luanda, eu e a Christine dormíamos na carrinha, na praia da Curimba, mesmo ao lado da casa do casal Abreu. Mas a partir de Agosto, passei a estacionar a "2 cavalos" dentro do quintal destes meus amigos, pois já não havia mais segurança. Liberdade! Liberdade!

Nesse mês, estava cada vez mais difícil fazer fotos em Angola. As únicas foram aquelas com cenas de pancadaria. Um rapaz preto atravessou a correr a Mutamba com uma bandeira do MPLA desfraldada e logo um grupo de brancos correu atrás dele, conseguindo apanhá-lo. A murro e a pontapé, deixaram-no quase morto.

Infelizmente, cenas destas só depois do 25 de Abril. E muito pior estava para vir...

Não me lembro da data precisa, mas foi nestes dias de Agosto que aconteceu um drama, que para mim foi o rastilho que fez explodir o barril de pólvora em que Luanda estava assentada. Este funesto episódio foi descrito em vários livros de maneiras diferentes, mas talvez eu esteja mais perto da verdade, pois assisti a tudo o que aconteceu a seguir.

OS DIAMANTES DE ANGOLA

No "tempo da outra senhora", o tráfico de diamantes era punido por lei muito severamente, com longos anos de prisão, mas depois da tal "revolução dos cravos", todos aqueles que tinham dinheiro e que não o podiam transferir para Portugal compravam, à descarada, tudo o que aparecia como diamantes.

Um grupo de taxistas comprou, a um preto de Luanda, uma grande quantidade de "pedras", no meio das quais havia "diamantes falsos". Quando deram por eles, foram ao muceque, para reaver o dinheiro. O preto recusou e o grupo não teve com meias medidas, abateram o rapaz a tiros de caçadeira. Foi aqui que rebentou "o barril de pólvora".

O enterro do personagem foi grandioso. A Christine, que estava a fazer fotos no meio daquela populaça em delírio, foi apalpada, sem vergonha nenhuma. Gritavam que Angola era deles e que os brancos tinham que fugir, deixando todos os seus afazeres assim como as mulheres e as filhas.

Entrou em pânico e, felizmente, um militar preto, que estava em cima de um Unimog do exército, estendeu um braço e conseguiu trazê-la para cima do veículo. Lembro-me de ter visto, pela primeira vez, em cima do muro do cemitério, um preto, vestido de negro, com uma enorme bandeira do M.P.L.A. (muitas mais fotografias estarão no livro n° 8).

A partir deste momento, todos os dias se ouvia tiroteios por os lados dos muceques, sobretudo, entre grupos negros rivais.

Em Agosto, resolvi pedir ao CITA a passagem de barco a que tinha direito e, em Setembro, recebi a resposta ao meu pedido. Não podia ser atribuída, tal como previsto, sem que fossem entregues as três cópias de cada documentário realizado pelos meus companheiros!

Fiquei tremendamente aborrecido, porque o director dos serviços do CITA, o Sr. Coronel Chagas Lopes, estava bem ao corrente dos acordos feitos em Lisboa e em Luanda para trocar os filmes por fotografias; só faltava fazer a escolha, que afinal acabou por ser feita mais tarde, mas por outro director.

Em princípios de Setembro, a situação estava muito ruim e, com muita dificuldade, consegui um bilhete de avião para enviar a Christine para França.

Em Outubro, voltei para Nova Lisboa, onde a situação era muito melhor, a fim de receber o meu correio, de arrumar as minhas malas e despedir-me dos meus amigos, para, o mais rapidamente possível, deixar Angola. Nada mais se podia fazer, senão fotografias de pancadaria, que era o contrário daquilo que eu tinha vindo procurar nesta terra tão querida e que, por causa da estupidez dos abrileiros, que tinham tomado o poder em Portugal, virou um INFERNO. Infelizmente, o pior estava para vir... Em Novembro, ainda se podia transitar em relativa segurança pelas estradas e, assim, deixei Nova Lisboa, com muita saudade. Ali tinha passado tantos meses da minha vida, em companhia dos meus companheiros e também da Christine.

Em fins de Novembro, passei pelo Lobito para vender parte do material fotográfico, que já não precisava, e também receber o dinheiro que me deviam, e voltei de vez para Luanda.

Uma coisa que me impressionou bastante foi quase não me ter cruzado com nenhum carro na estrada entre o Lobito e Luanda, onde, algumas semanas antes havia um tráfego enorme.

Para os lados de Catete, começaram a aparecer as primeiras lojas e casas incendiadas e abandonadas; nenhum ser vivo à vista, um silêncio de fazer medo… Felizmente, cheguei bem a Luanda, sem ter um mau encontro. Já nessa altura se falava em grupos de guerrilheiros, que cobravam passagem em pontes e outros lugares.

No início de Dezembro estava em Luanda, onde se ia jogar o final da minha AVENTURA ANGOLANA.

O FIM

Um dos fenómenos que mais me chocou foi ver, em toda Angola, a construção civil toda parada. Antes do 25 de Abril, as casas e os prédios saiam da terra como cogumelos, por toda a parte, alucinante... A maioria da população branca baixava os braços, completamente desencorajada pelas políticas desastrosas e criminosas de Lisboa e de Luanda. Muitos cidadãos só pensavam em voltar para Portugal, para longe da guerra, que se avizinhava a passos largos, entre os três partidos negros mais representativos.

Fui várias vezes ao palácio para ser recebido, como estava previsto, pelo Rosa Coutinho – comuna de última hora e traidor da Pátria que o viu nascer – para tentar

resolver os assuntos pendentes, antes da minha saída de Angola. Como traidor, ele não era aliás o único. Havia muitos mais que estavam a soldo de Moscovo…

Estes "senhores" não mataram ninguém, mas com as suas "malabarices" e políticas desastrosas foram responsáveis por uma descolonização que originou a fuga descontrolada de centenas de milhares de seres humanos, brancos e pretos, que não tiveram outra alternativa senão a de se refugiar num país, Portugal, que a maior parte deles nem sequer conhecia, deixando para trás uma vida inteira de labor sem nenhuma compensação.

Já muita coisa foi dita e escrita sobre esta "descolonização exemplar" e não me compete a mim, simples fotógrafo, remexer na História. Contarei no meu livro sobre a "Guerra em Angola" os encontros que tive com vários grupos políticos negros, em Luanda, que eram a favor de uma independência, em que estariam representados TODOS os cidadãos, de todas as etnias deste fabuloso pais. Seria possível chegar a esta conclusão? Certamente que levaria um pouco de tempo, mas com a ajuda da O.N.U. e com muito boa vontade, seriam evitadas as centenas de milhares de mortos que "A VERDADEIRA GUERRA DE ANGOLA" ocasionou em 27 anos de lutas terríveis, entre os 3 grupos étnicos. Não podendo ficar mais tempo à espera que o Coutinho me recebesse, comprei a passagem de avião para Lisboa, o que foi bastante difícil, pois os aviões chegavam vazios e regressavam abarrotados de gente, que deixavam todos os seus haveres para trás, tentando fugir à catástrofe que se avizinhava. No dia 20 de Dezembro de 1974, escrevi uma carta contando, por alto, todos os sacrifícios que tinha sofrido e pedindo ajuda, a fim que fossem resolvidos os assuntos a meu favor, que ainda somavam algumas dezenas de contos. Nunca recebi resposta... Mais tarde, já em Lisboa, tentei com as novas autoridades resolver estes problemas, mas sem resultado.

Finalmente, em Dezembro, a escolha dos slides foi efectuada e tudo correu da melhor maneira. Recebi do CITA um documento com selo branco e devidamente assinado, provando que a dívida estava saldada e que a A70 nada mais devia ao Governo . No entanto, fiquei sem alguns milhares de fotografias.

O mais simpático nisto tudo foi o de me facturarem 86 contos de hotel "oferecido" pelo CITA à nossa chegada a Luanda, em 1970. Não valia a pena entrar em discussões, pois o tempo era pouco para resolver todos os assuntos pendentes, antes da minha partida para Lisboa. Também não me deram a passagem a que tinha direito, pois a dívida já estava saldada.

Nesta data, o director do CITA era o Dr. António Duarte de Almeida, que, vendo a minha boa vontade no pagamento da dívida, aceitou adquirir uma série de slides, que os seus serviços precisavam, somente por 150 contos, pois não tinha verba para mais. Claro que aceitei, pois tinha a promessa de fazer imediatamente uma transferência para o

laboratório Autenticolor, na Suíça. Tinha também que pagar o meu bilhete, assim como o frete das malas em ferro, com algum material e as preciosas fotografias. Isto foi uma proeza, visto não se poder tirar dinheiro de Angola em Dezembro de 1974. Só no CITA ficaram 3.000 slides e 1.000 fotos a preto e branco...

Esta transferência era toda a minha "fortuna" de 54 meses de trabalho. Em França, não tinha mais nada, nem casa, nem mobílias, nem dinheiro e tinha que fazer de novo todos os papéis para a minha estadia em França pois só tinha passaporte Português.

Felizmente, a Christine, arranjou tudo e, quando cheguei, tinha pelo menos onde dormir.

Alguns milhares de slides ficaram perdidos, foram roubados ou não mos pagaram; outros milhares foram vendidos para me poder manter em Angola e, mesmo assim, ainda ficaram os suficientes para fazer a série de livros em que estou a trabalhar. Poder divulgar o que vi, o que ouvi e o que senti, por meio destas imagens, já me paga uma parte de todos os sacrifícios que aguentei!

A minha querida "2 cavalos" lá ficou com um amigo de Luanda...

ADEUS ANGOLA

Finalmente, no dia 22 de Dezembro de 1974, deixei Angola definitivamente.

Foram 54 meses de reportagens, na maior parte das vezes, em péssimas condições. Depois de ter sofrido vexames, vezes sem conta, da parte dos poderosos que mandavam e de ter passado dias de fome, consegui regressar de boa saúde, com um espólio fotográfico único, apesar de ter deixado pelo caminho muitos milhares de fotografias.

Mas nem tudo foi mau! Tive grandes momentos de felicidade, grandes alegrias, fiz muitos amigos, que ainda conservo nos dias de hoje e conheci uma população, de brancos e negros, única em África, que não existe mais.

Foi uma aventura fabulosa, que, apesar de tantas arrelias, terminou relativamente bem.

Claro que os problemas continuaram. Em Lisboa, consegui recuperar os slides, que estavam na posse do editor Excelsior, assim como as malas que, entretanto, tinham chegado por avião.

O livro parou ali mesmo e o editor teve um prejuízo enorme, pois a obra já estava a ser impressa e não interessava a mais ninguem…

O projecto da abertura do laboratório fotográfico também ficou em "águas de bacalhau", assim como as futuras reportagens nas outras "províncias ultramarinas".

Em Abril de 1975, Lisboa estando toda vestida de "vermelho" e de punho levantado, ninguém queria saber mais nada do que se estava a passar no Ultramar. Os abrileiros e os

lacaios comunistas, a soldo da União Soviética, só pensavam em entregar as províncias, de mão beijada e rapidamente, às forças que tinham combatido o exército português, sem levar a melhor no terreno.

Voltei para assistir ao aniversário do 25 de Abril, em 1975, e fiquei tão enojado com o que vi e ouvi, que durante cinco anos não mais voltei a Portugal.

(Em anexo cópias dos documentos mais importantes.)

A AVENTURA CONTINUA NA COMPANHIA DO OLIVIER

001

001-002-003-004-005-006 – **Olivier no aeroporto do Lobito.**

Aos Homens
que depois de mil domados
querem o Infinito
A Cidade de Sabará

002

003

004

005

006

007

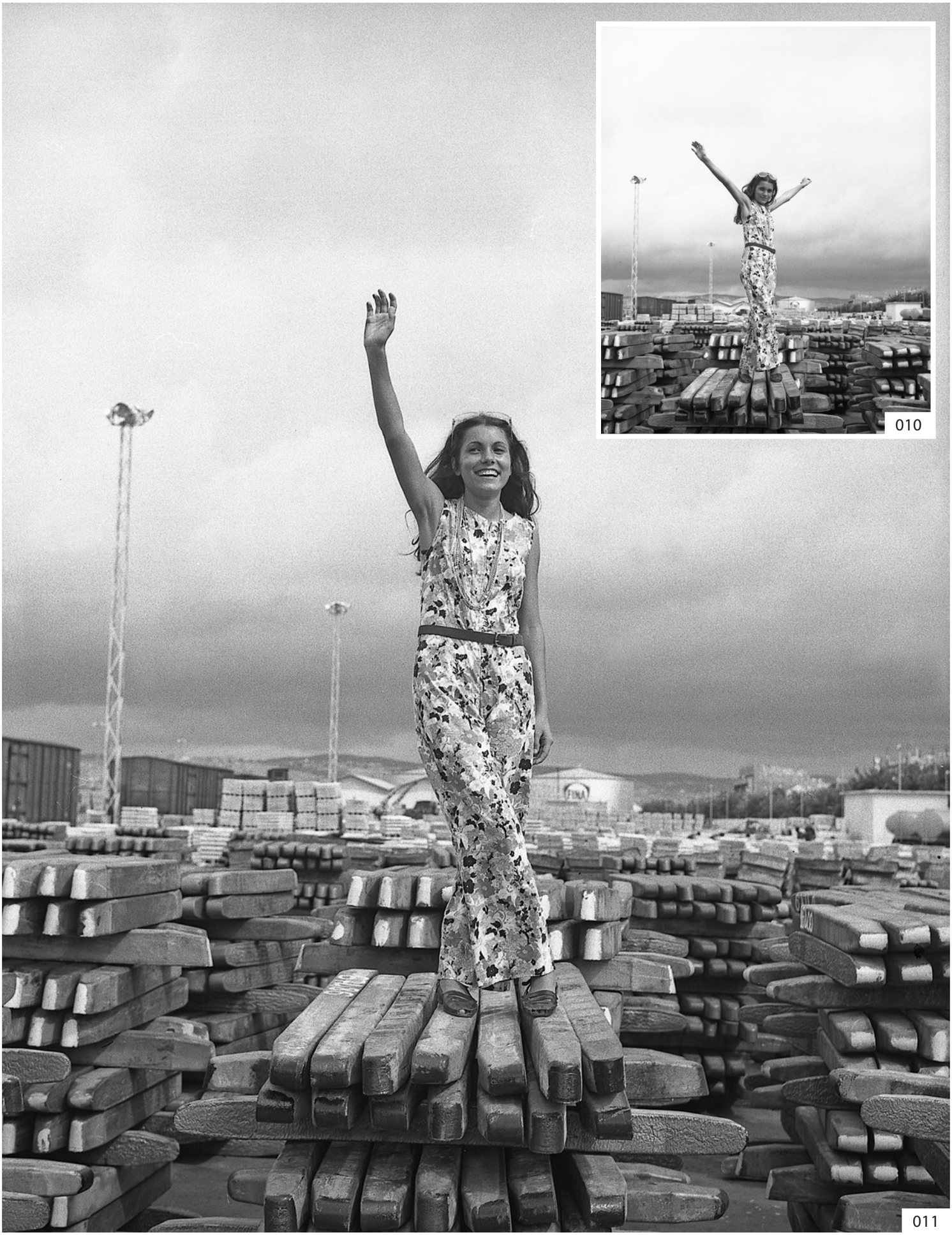
A filha mais nova do casal Simões, no porto do Lobito.

008

Pose nos estaleiros do Lobito.

009

Na praia da Restinga.



010-011 - **No porto mineiro do Lobito no meio de barras de cobre.**

Na praia de Restinga.

Olivier no Pirelli de borracha, na festa dos pescadores no Lobito.

014

Olivier em frente ao Clube Náutico no Lobito.

015

Olivier em companhia do filho do casal Simões na Fábrica de Fibrocimento de Benguela.

016

Um comboio na nova linha dos C.F.B..

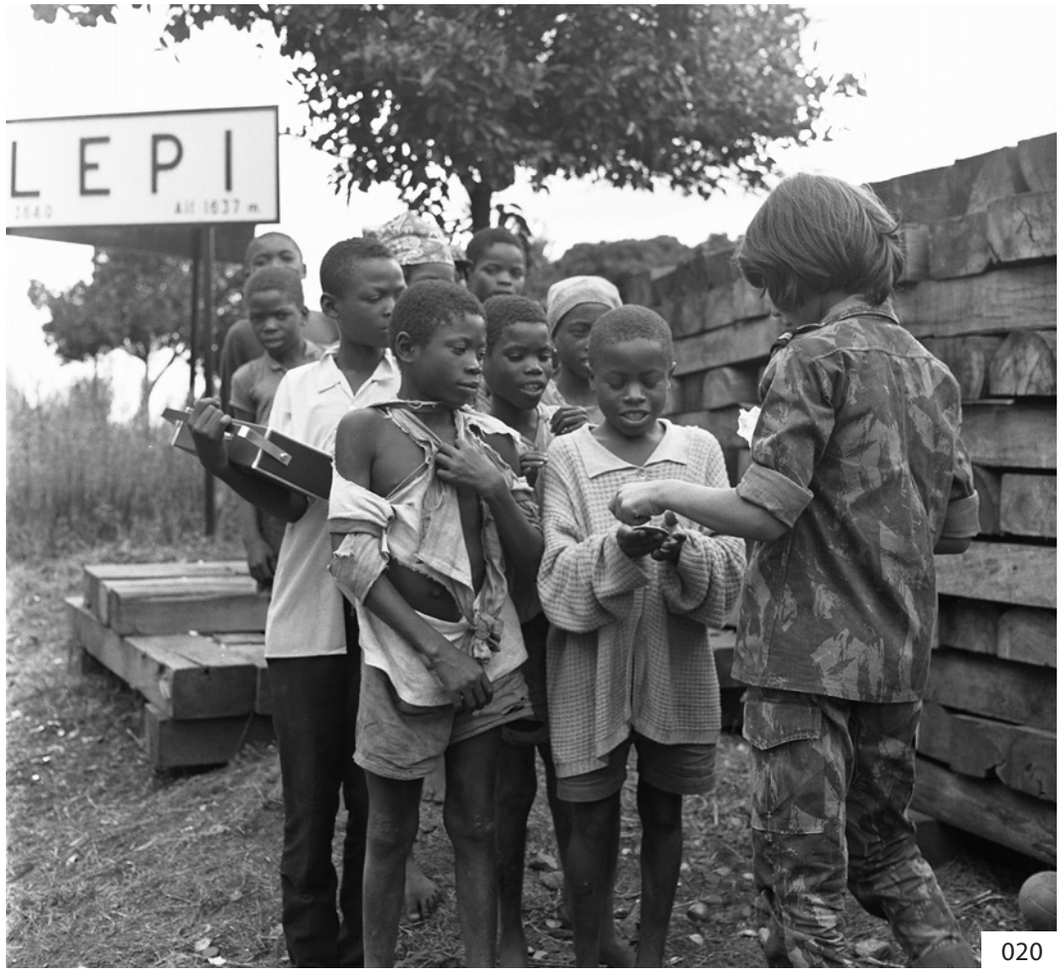
017

017-018 – **Jean Charles e Olivier na carruagem especial durante a reportagem do CFB.**

018

019

019-020 – **Olivier oferecendo rebuçados aos garotos do Lepi.**



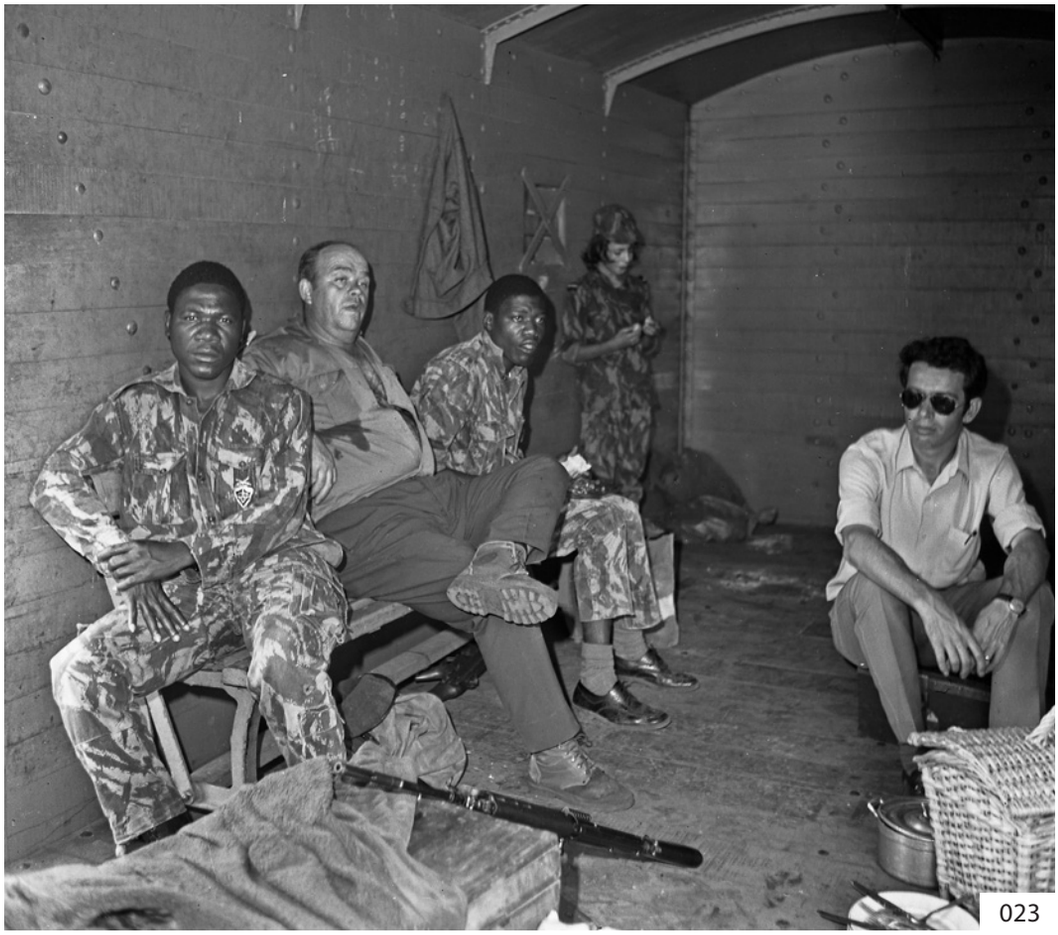
020

021

Algures na linha do C.F.B..

022

022-023 – **Às vezes viajávamos modestamente.**



023

024

Algumas vezes o Olivier era convidado a viajar na locomotiva.

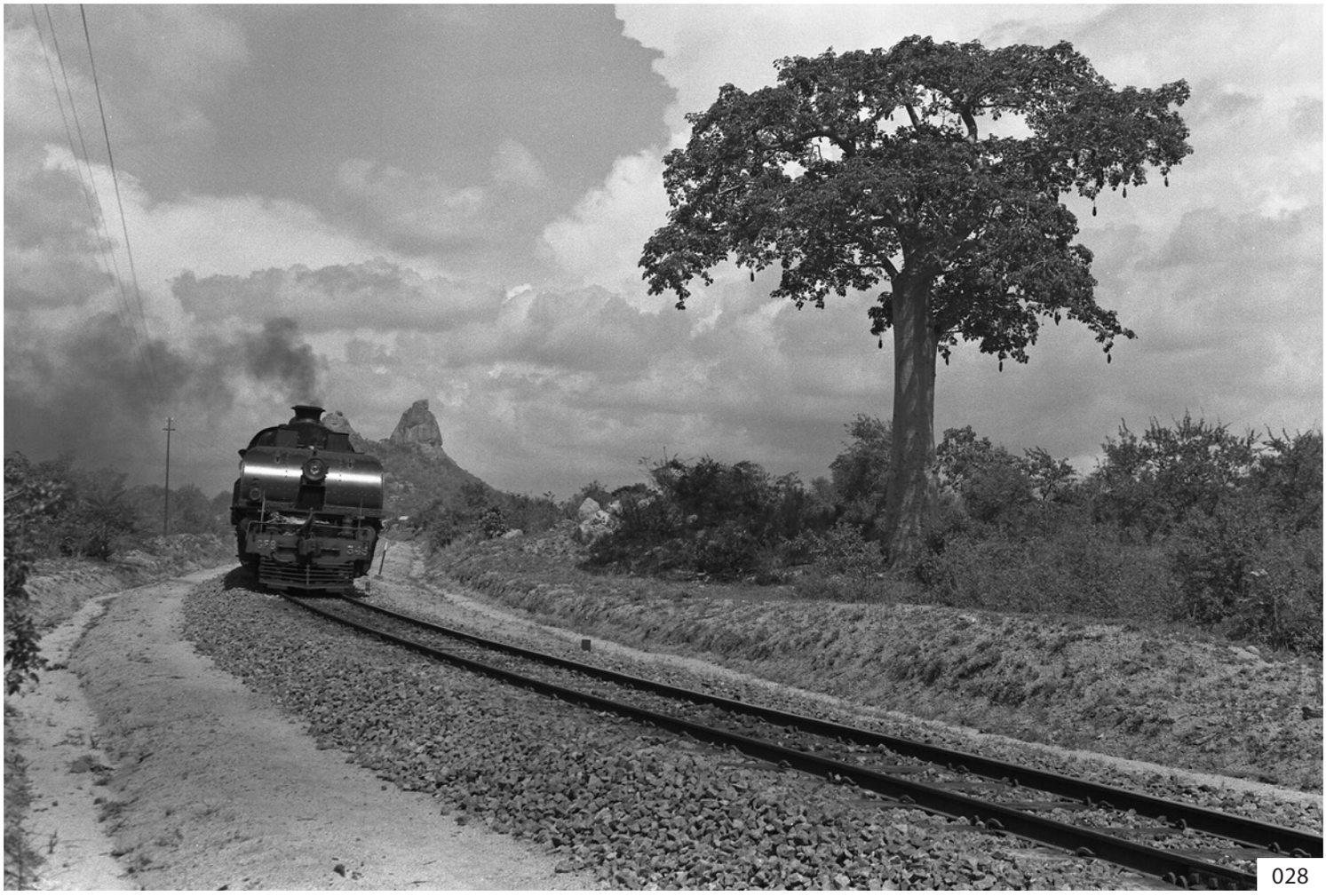
025

Ao longo da nova linha.

026

027

026-027 – **As pontes eram guardadas por militares.**



028

Bonita paisagem ao longo da linha.

029

Um vagão blindado que seguia à frente da máquina no Leste.

030

Ao longo da linha um posto militar.

031

Um militar vigia.

032

Trabalhos ao longo do percurso.

033

Foto assinaladora dos 1.000 km percorridos.

034

Olivier posa num carro blindado de transporte de trabalhadores no Leste.

035

Carregamento de toros de eucalipto para as locomotivas.

036

Passagem de uma pequena ponte.

037

Trabalhadores na nova ferrovia.

038

O pequenino e a potente máquina.

BASE NO LESTE

039

039-040-041-042-043-044-045 – **Olivier durante a reportagem na base aérea do Luso. Tinha uma farda de alferes.**

040

041

042

043

044

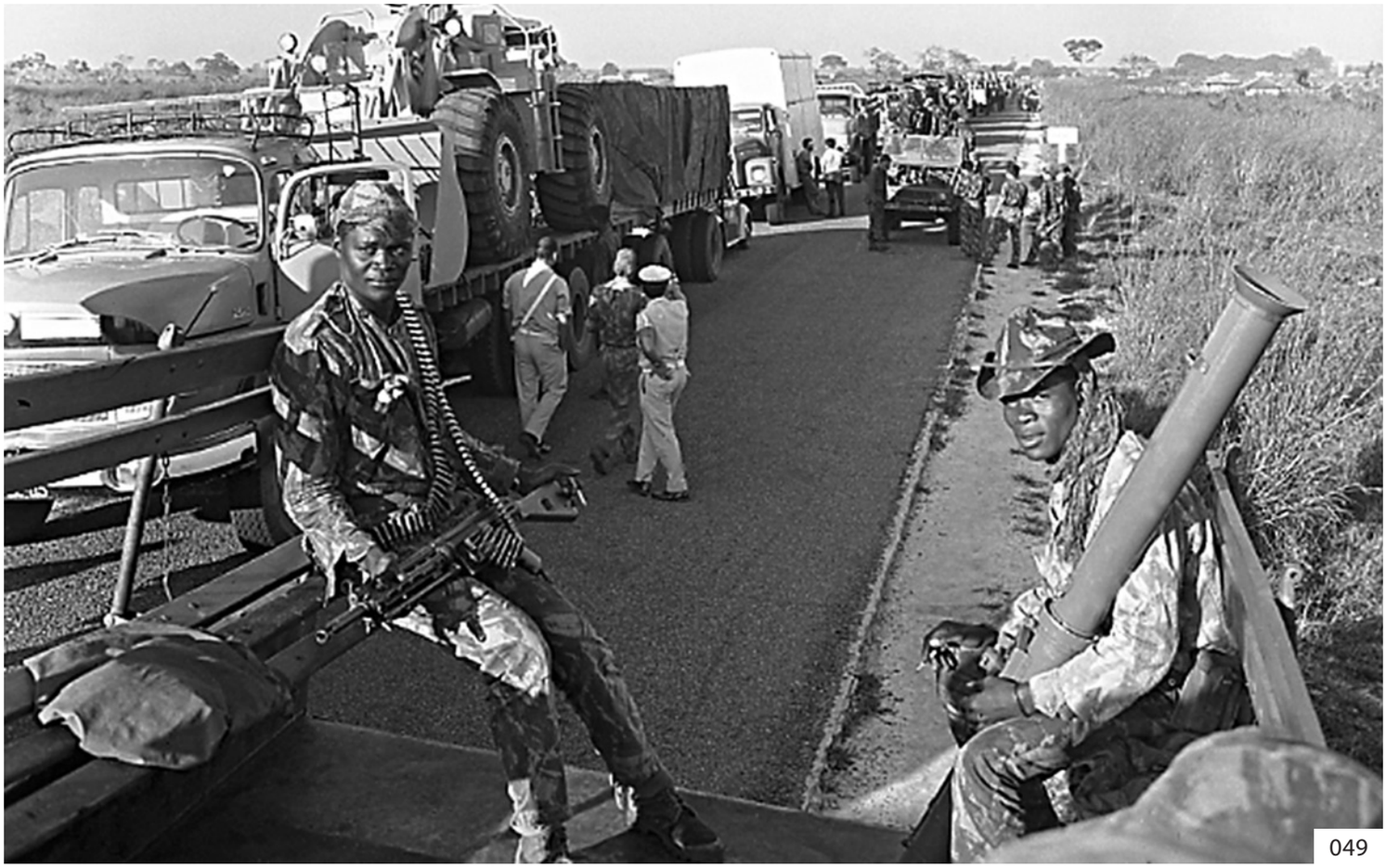
045

046

046-047-048 – **Olivier e a pequena mascote da base.**

047

048



049

049-050-051-052 – **Jean Charles e Olivier, integrados na escolta militar de viaturas civis na estrada do Leste.**

050

051

052

053

054

055

053-054-055-056-057 – **Na piscina da cidade do Dundo, em companhia das primas, filhas do capitão Patuleia.**

056

057

058

059

FAZENDA DE CAFÉ

060

058-059-060 – **Olivier numa fazenda de café próxima de Novo Redondo.**

061

Serração de madeira em Sá da Bandeira.

062

062-063 – **Cabinda, Olivier no rebocador que levava os troncos de madeiras nobres até às embarcações onde eram exportados.**

063

064

Depósito de madeiras nobres em Cabinda.

065

Um convidado do Governo português, professor da Universidade Francesa de Pau, em companhia de um casal de Mucubais.

066

066-067-068 – **O professor apreciando as danças dos Mucubais.**

067

068

069

E durante a noite a festa continua...

070

070 -071 – **A Ana Maria Brandão e um amigo apreciando a sombra da tenda Iglo montada na praia de Moçamedes.**

071

O Olivier, a Iona e o pequeno antílope na brincadeira no quintal de um amigo do Lobito.

072

073

073-074 – **Um momento de descanso à beira da estrada.**

074

075

Uma paragem numa aldeia onde a Iona era noticia.

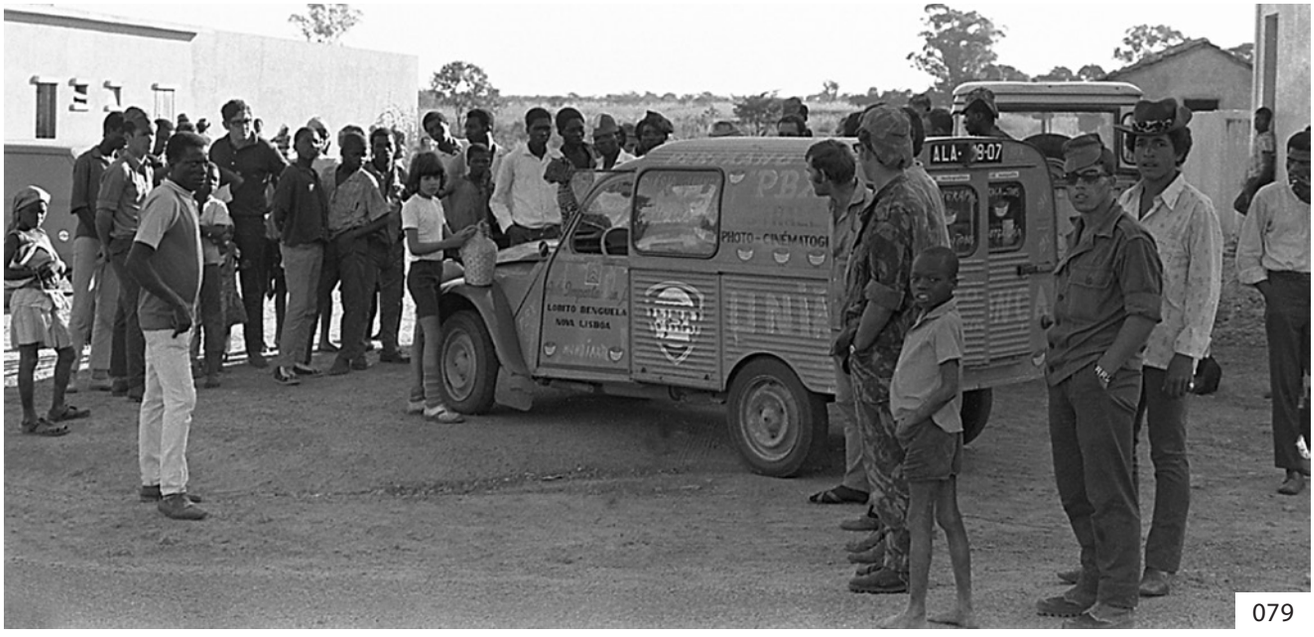
076

Nas nossas andanças pelas estradas de Angola em companhia da Iona, fotografando uma queimada na mata.

077

Em Nova Lisboa enchendo o depósito de gasolina na bomba da Fina.

078



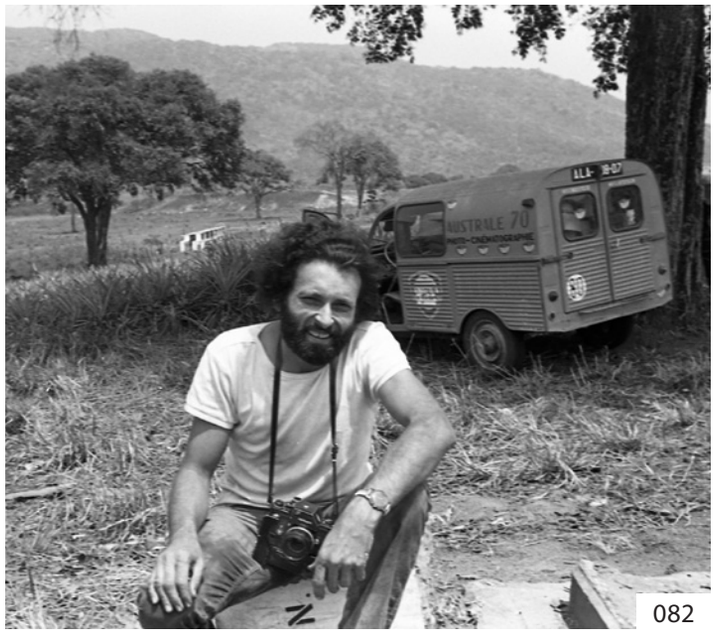
079

080

078-079-080 – **Paragem numa aldeia rodeados pelo povinho que vinha admirar alona.**

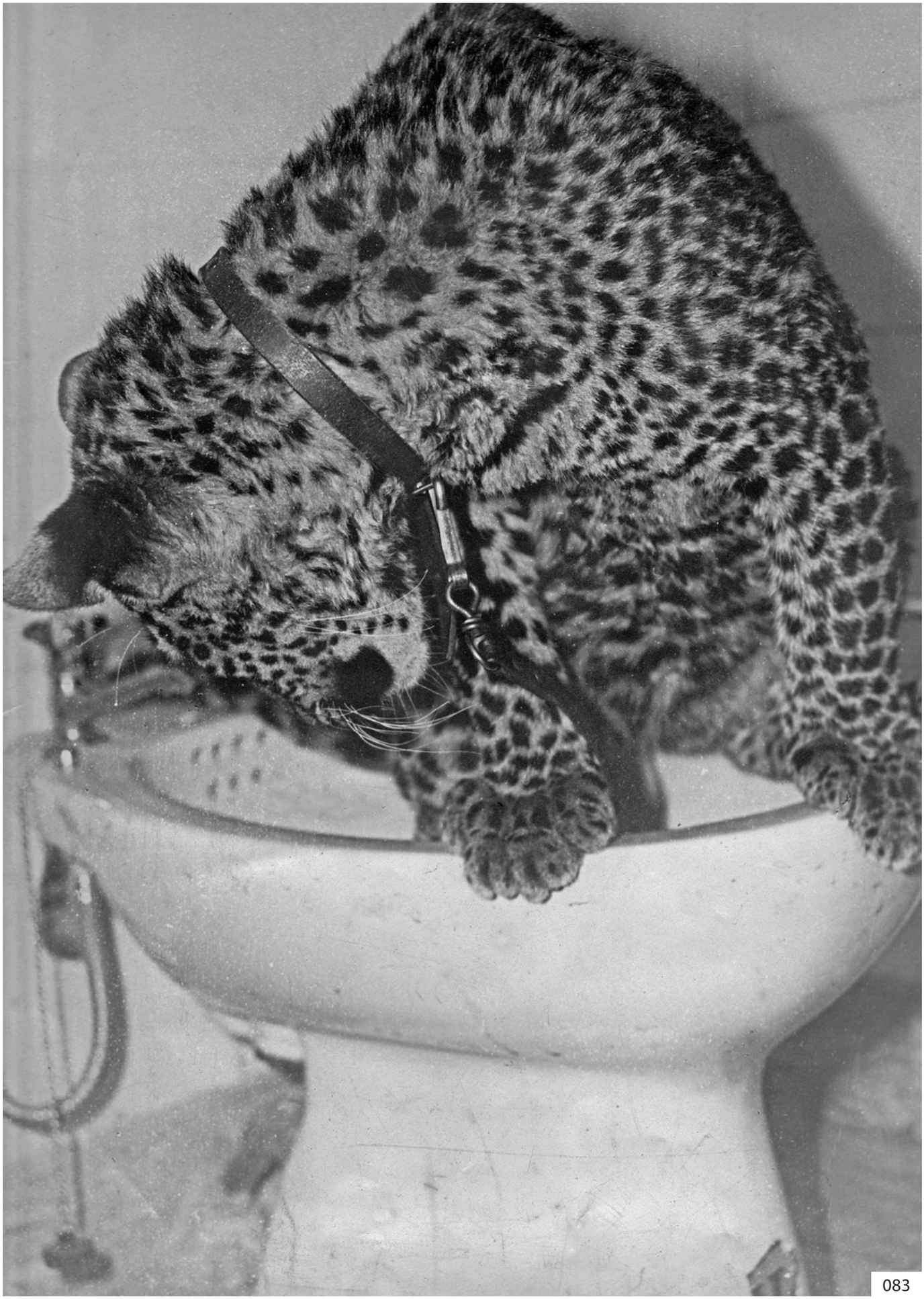
081

A Iona gostava de trepar às árvores e era difícil fazê-la descer.



082

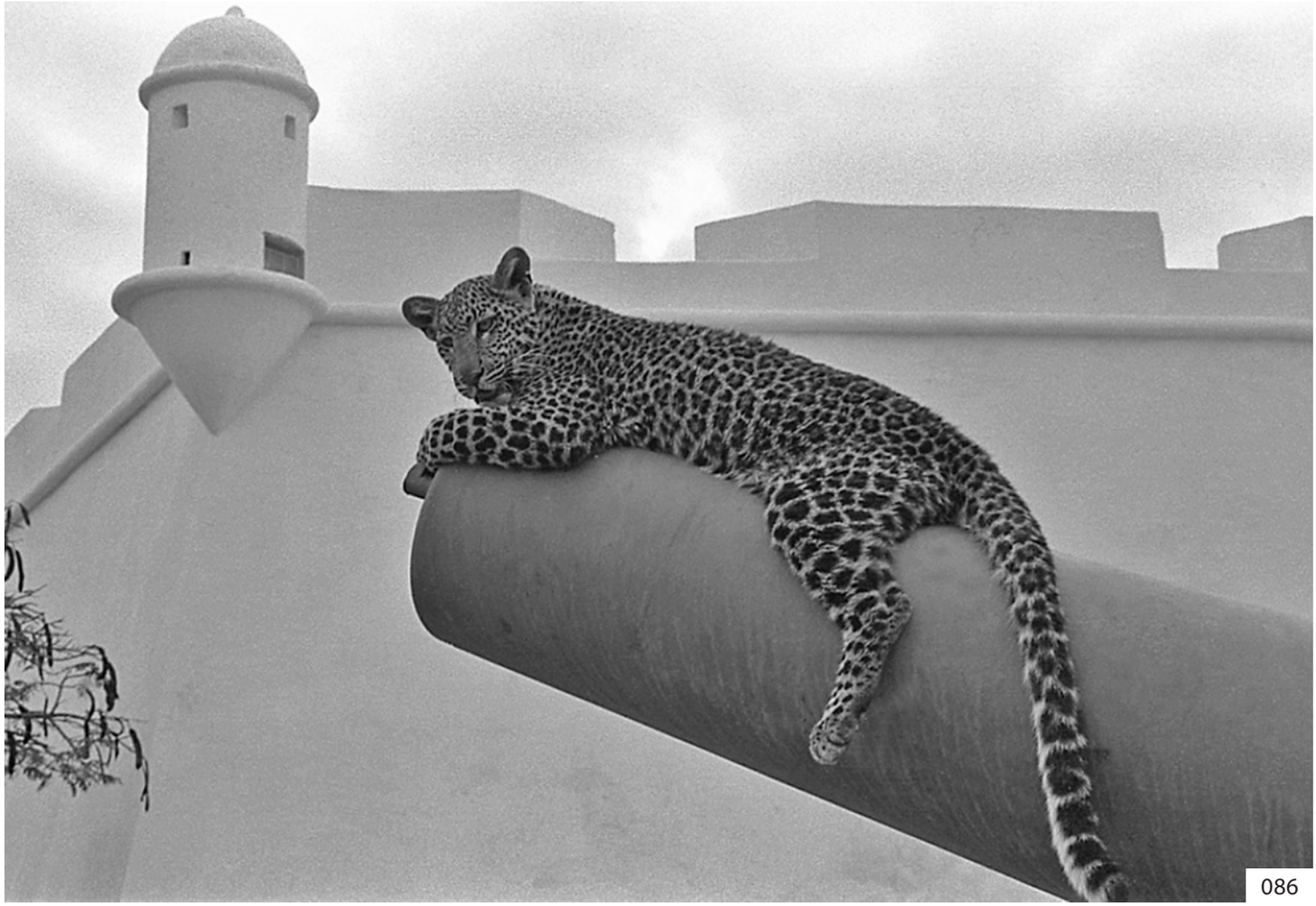
Paragem para arejar, foto feita pelo Olivier.



A Iona era muito limpa e fazia o seu xixi no bidé.

084-85 – **Iona passeando pela Marginal em companhia de Olivier e da Fabienne.**

085



086

086-087-088 – **O grupinho posando num canhão da fortaleza de S. Miguel.**

087

088

089

A grande amiga Milú Simões de Abreu juntou-se ao grupinho.

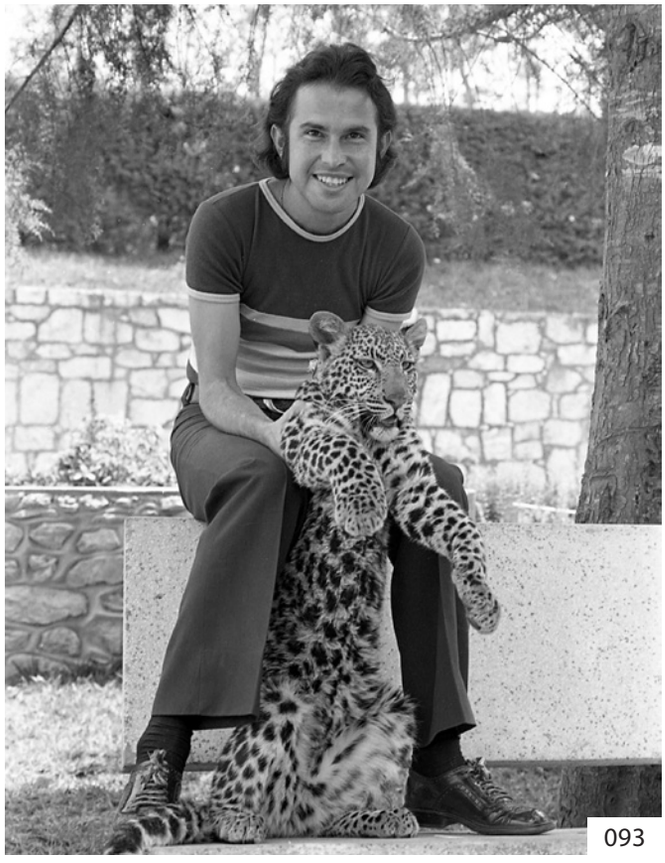
090

091

090-091 – **A Milú na brincadeira com a Iona.**

092

A Iona, o casal Simões de Abreu, a Fabienne e mais dois amigos na Fortaleza.



093

094

095

096

097

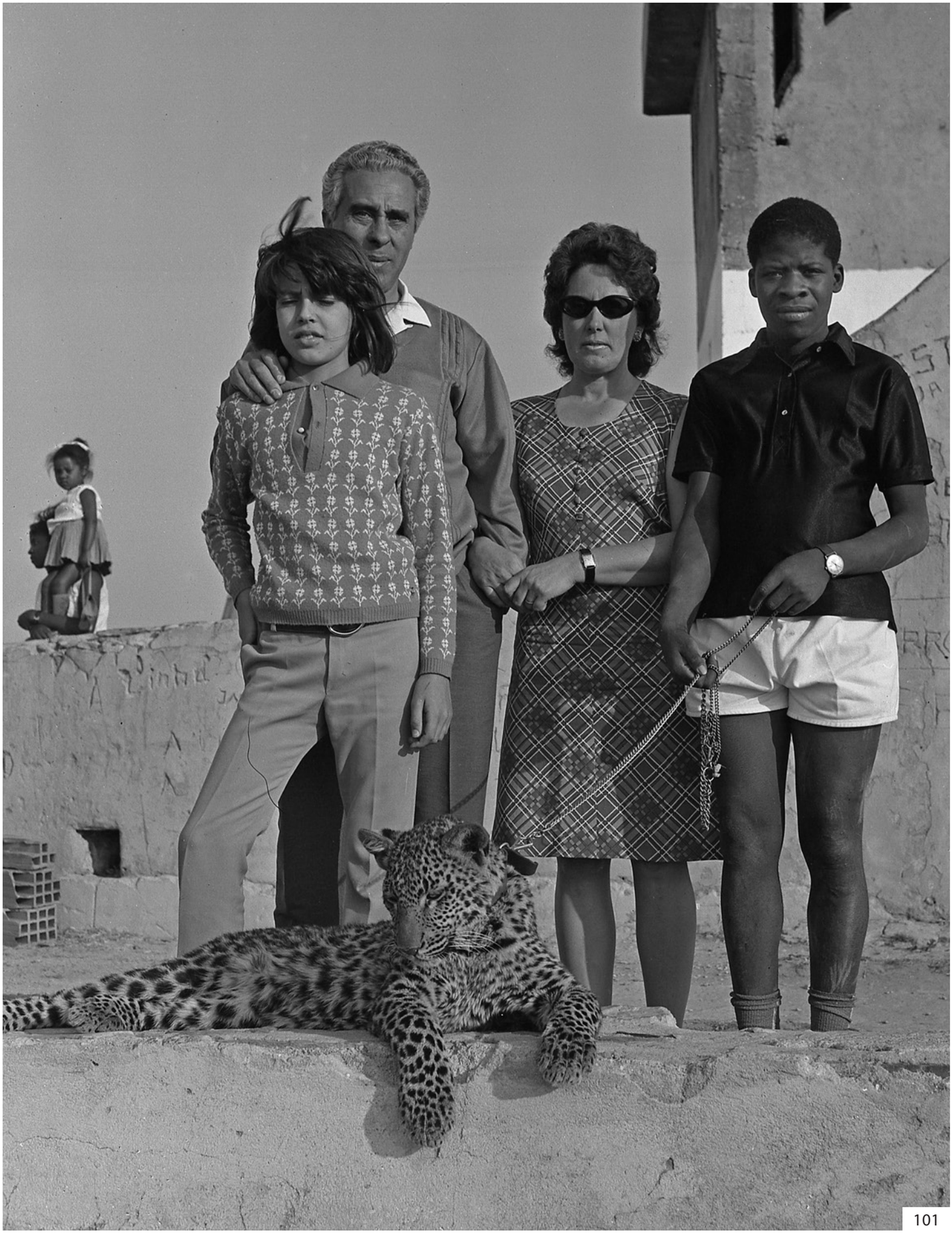
098

093-094-095-096-097-098 – **Um casal nosso amigo posando com a Iona em Luanda.**

099

100

099-100 – **Uma senhora amiga, o filho, o Olivier e a Iona, na brincadeira na Praia de Luanda.**

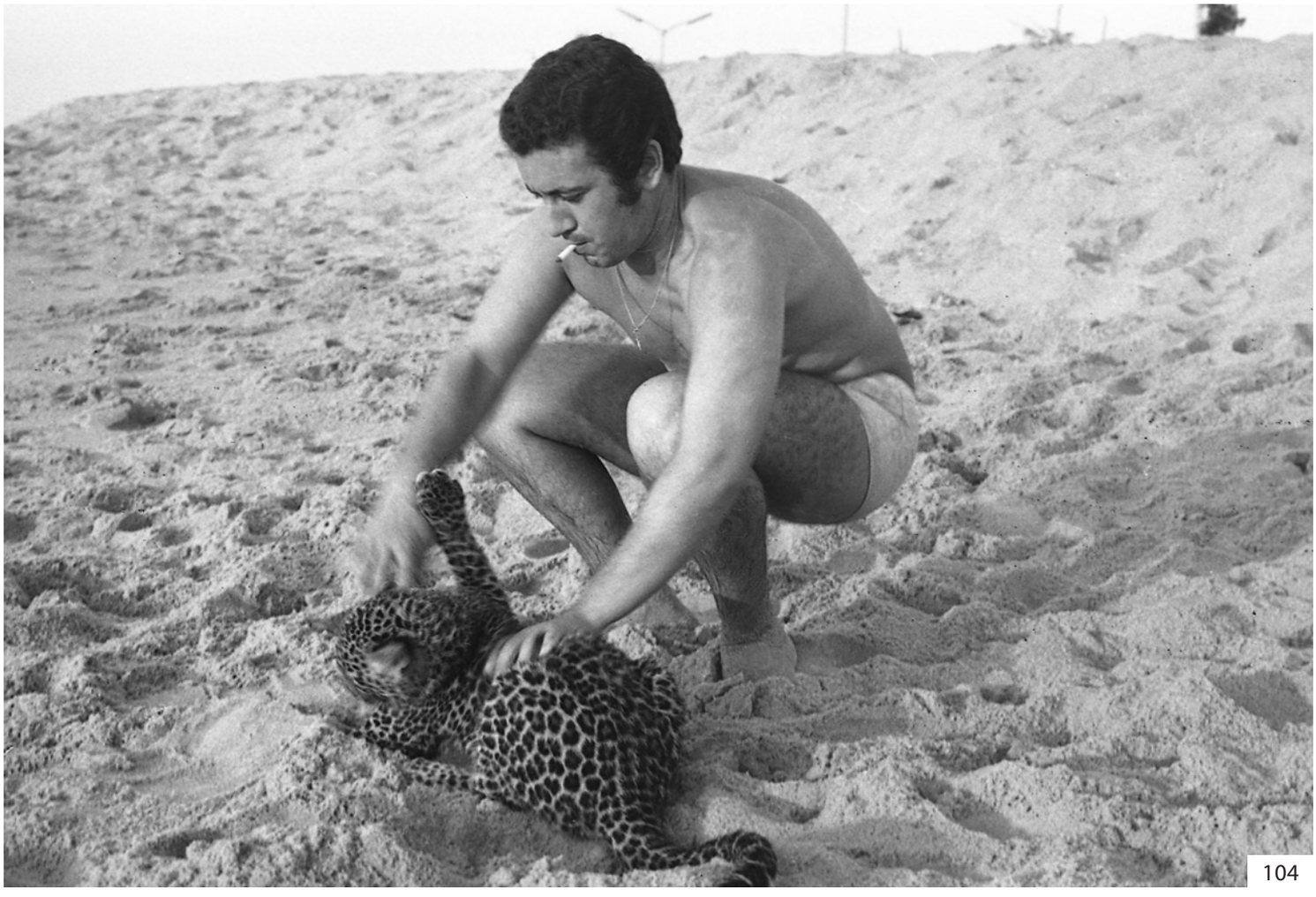


101

101-102-103 – **Um casal nosso amigo com o Olivier e a Iona.**

102

103



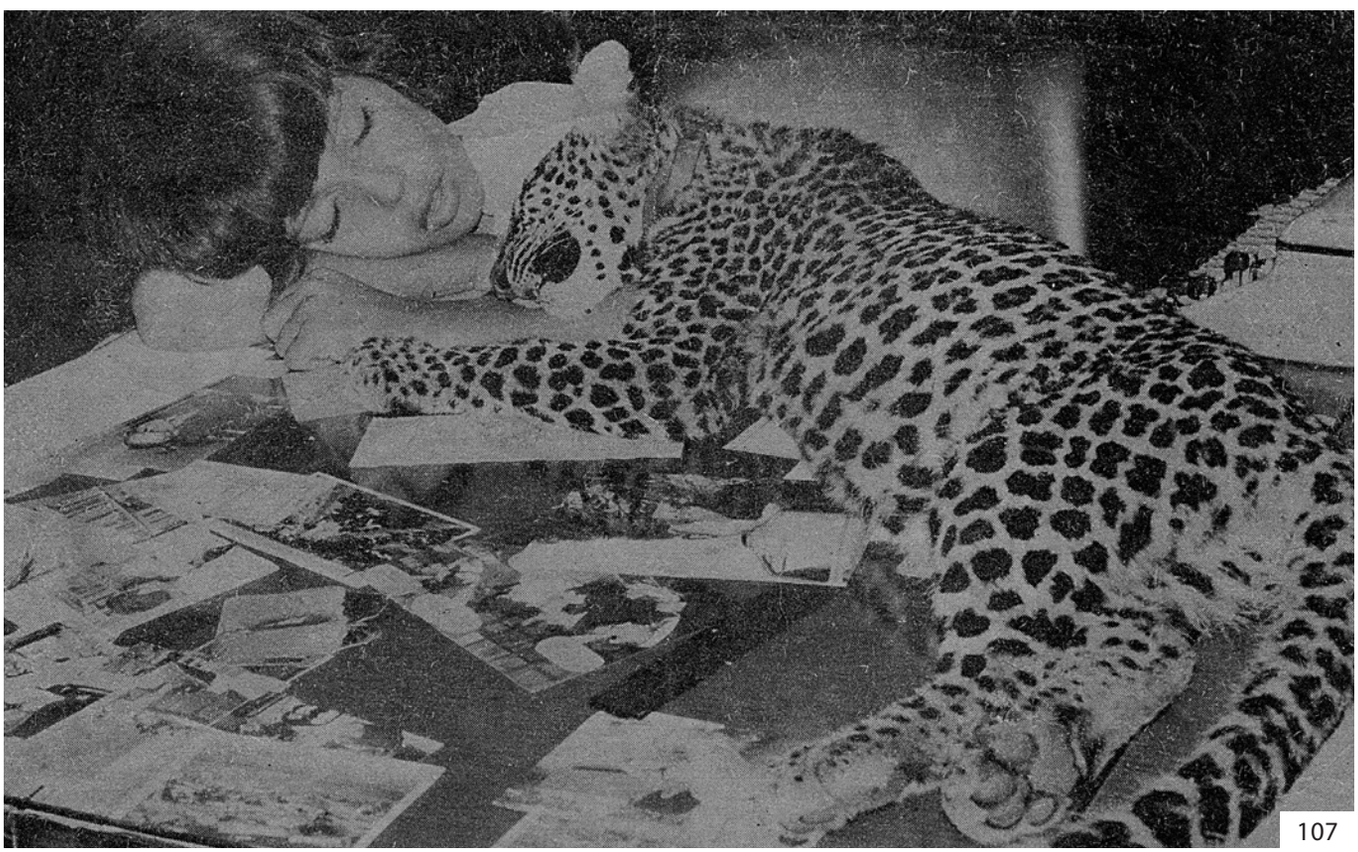
104

O jornalista Angelo Vieira na brincadeira com a Iona na Praia de Luanda.

105

106

105-106 – **Uma menina e a Iona na brincadeira na praia do Barracuda, Luanda.**



107

A foto dos dois amigos dormindo na secretária de um jornalista do diário luandense A Provincia de Angola depois de um dia de farra na praia.

108

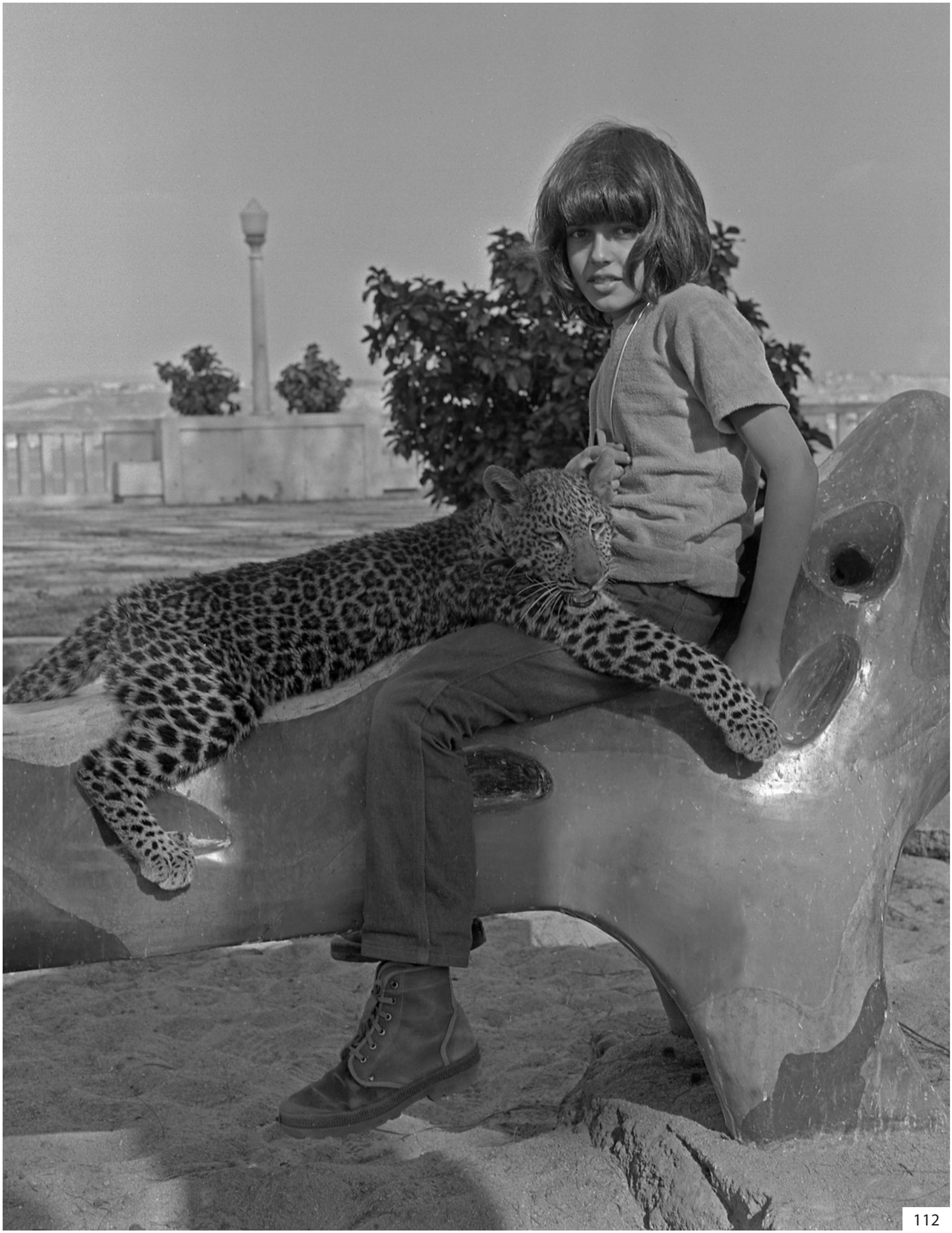
A esposa de um dos pilotos da prova das seis horas de Luanda, na companhia da Iona.

109

110

111

109-110-111 – **Outras brincadeiras da Iona com um dos pilotos das seis horas de Luanda.**



112

Olivier e Iona no Lobito.

113

113-114-115-116-117 – **No primeiro encontro com a Iona, a Fabienne estava desconfiada e com mêdo.**

114

115

116

117

118

118-119-120-121-122-123-124-125 – **O grupinho, Olivier, Fabienne e a Iona numa série de poses em Luanda.**

119

120

121

122

123

124

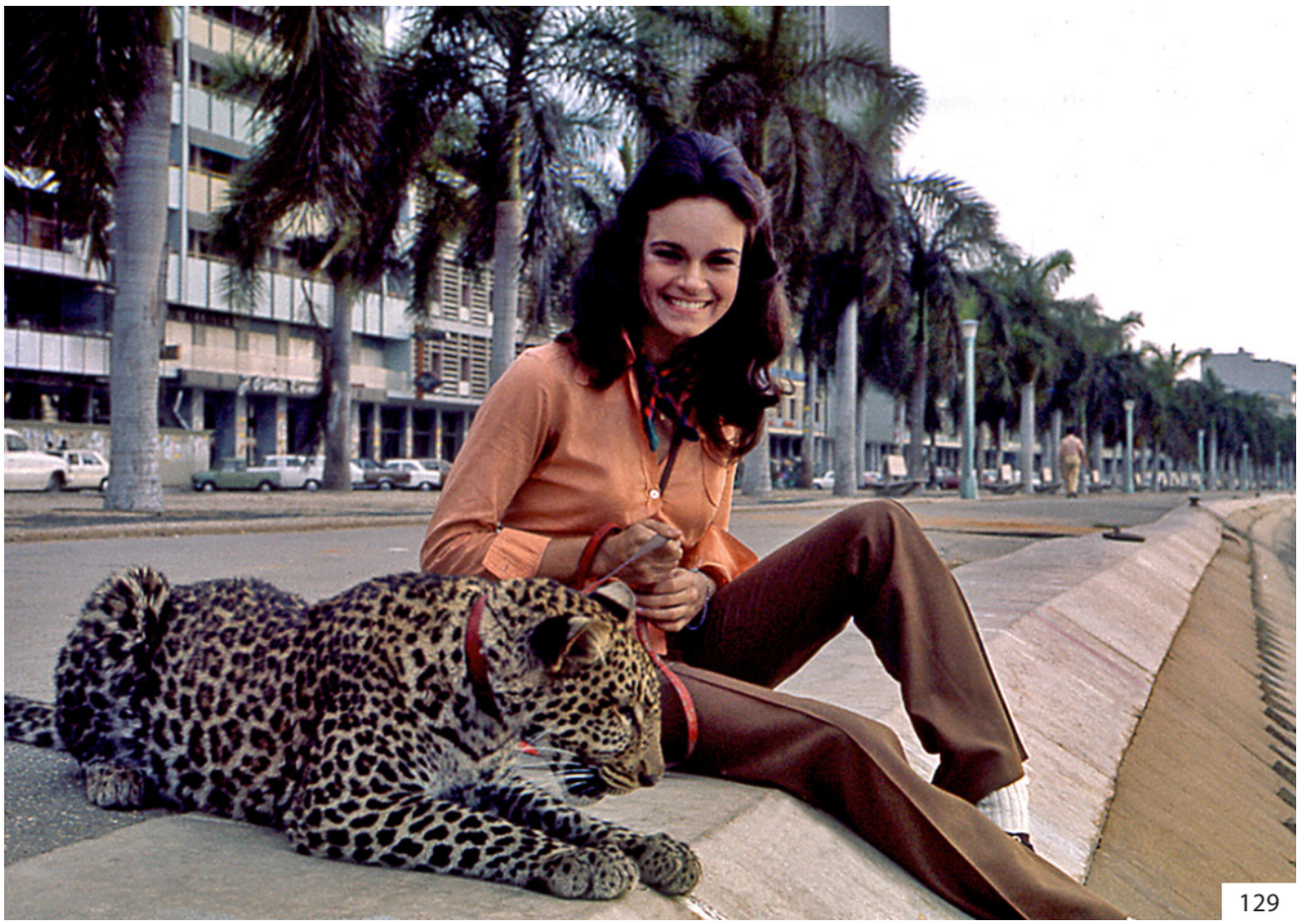
125

126

126-127-128-129 – **O meu querido modelo, de quem infelizmente perdi o nome e o endereço, numa série de poses com a Iona na Marginal de Luanda.**

127

128



129

130

Com os militares da Luiana a caminho da base Sul Africana da Sifuma. O churrasco está à vista...

131

Rolando com muito pó pela Banda de Caprivi.

132

Encontro com os militares sul africanos.

133

A base militar da Sifuma tinha todas as comodidades.

134

135

Últimas fotos feitas à lona durante o tratamento prodigado pelos militares sul-africanos na base da Sifuma-S.W.A. na fronteira da Namibia.

136

137

138

O Dr. João Pinheira, Director-Geral de Saúde do Ultramar, em visita de serviço a Angola

139

137-139 – **O Governador-Geral Rebocho Vaz, em companhia da esposa, à saída do avião vindo de Lisboa.**

140

Uma das primeiras fotos feita à Christine na Marginal de Luanda.

141

A Christine em companhia do Miló Simões Abreu na Fortaleza de S. Pedro da Barra em Luanda.

142

A Christine no terraço do hotel Trópico completando a baía de Luanda.

143

A Christine com um cesto de mangas um pouco pesado para ela.

144

No jardim da Câmara Municipal de Luanda.

145

Christine e a Fabienne num passeio às ruínas da antiga Fábrica de Ferro de Nova Oeiras.

146

147

148

149

146-147-148-149-150-151-152 – **A Christine, a Fabienne e um casal amigo na praia do Mussulo.**

150

151

152

A Christine pondo na cabeça, em equilíbrio instável, um cesto de mangas perante o olhar apavorado da dona.

153

154

155

154-155 – **Christine e Fabienne apreciando os bons sorvetes de Luanda.**

156

156-157-158-159-160-161-162-163-164-165-166-167-168 – **Em Luanda e em Moçamedes algumas das minhas queridas amigas e modelos posando para a minha Nikon.**

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

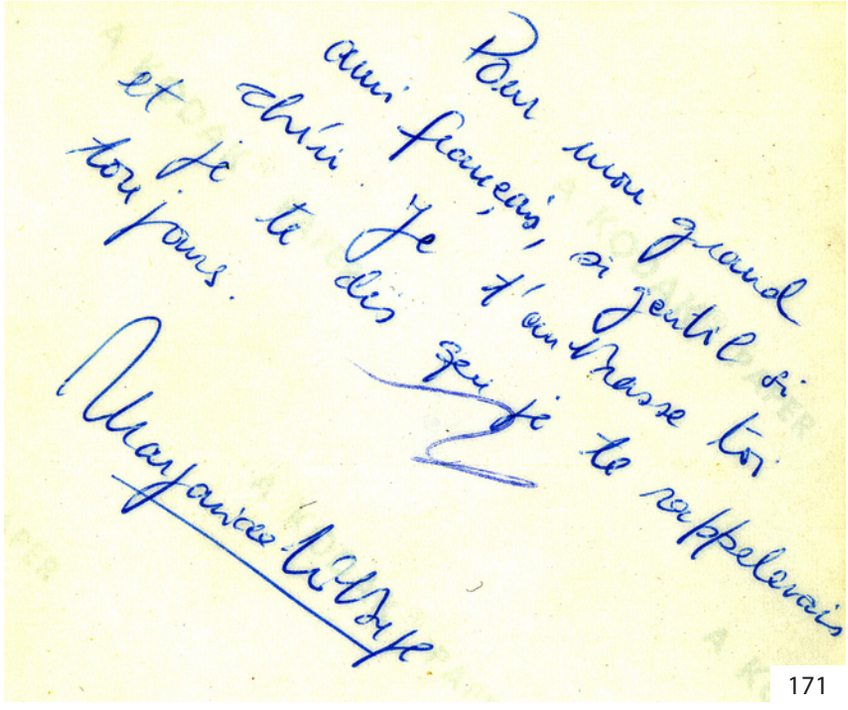
167

168

169

Foto feita na varanda da casa dos meus queridos amigos na Mutamba, Luanda, em 1972.
(Depois da minha saída de Angola em fins de 1974, perdi o endereço e nunca mais recebi notícias. Se um visitante do site, souber do paradeiro desta família, agradeço que me envie um e-mail).

170


Pour mon grand
ami fleuriste, si gentil et
chéri. Je t'embrasse très
fort et te dis
Merci de te rappeler
toujours.
Marjorie Lajoye

171

172

173

174

175

176

173-174-175-176-177 – **Fabienne, tomando banho na piscina.**

178

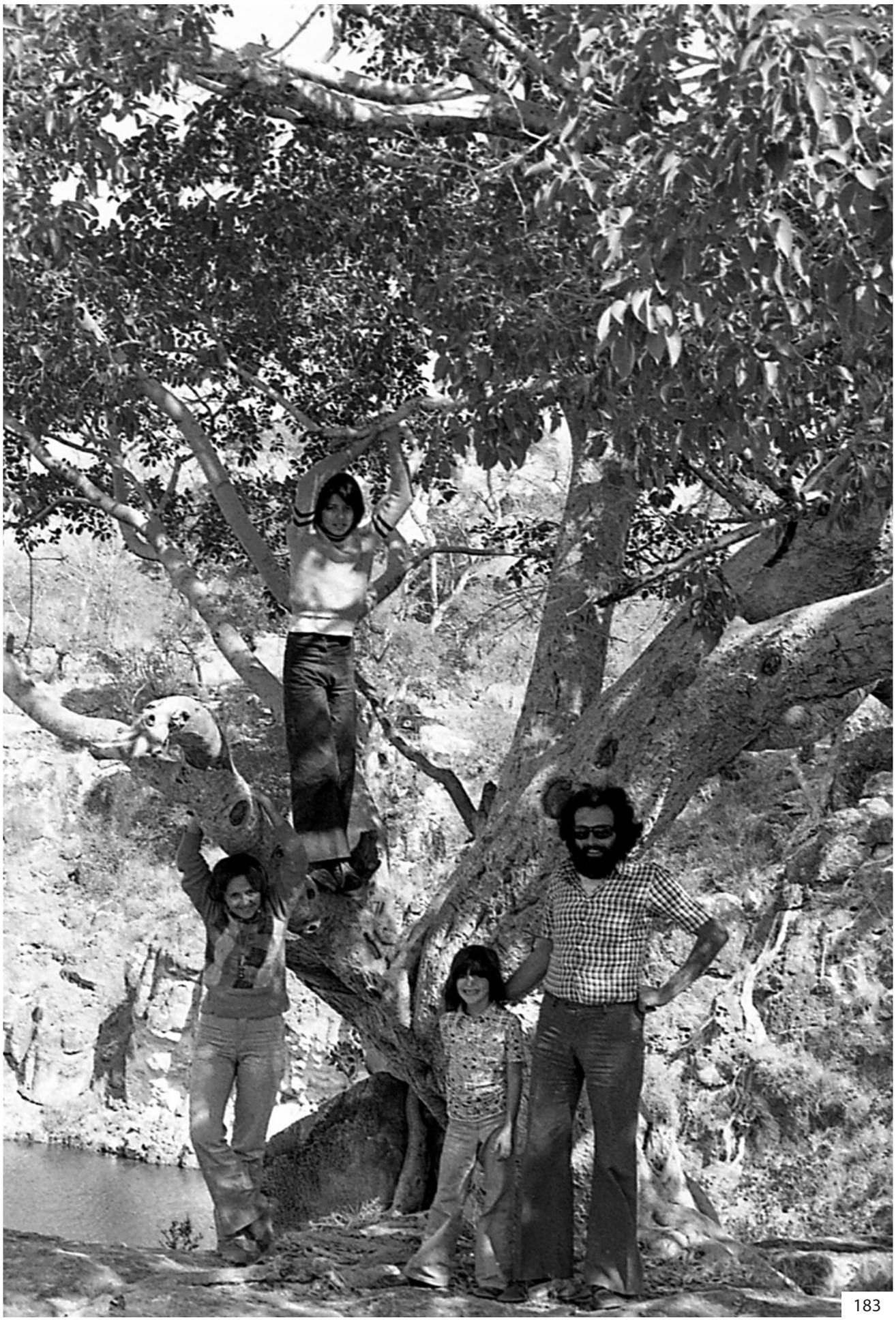
180

179

181

182

178-179-180-181-182 – **Fabienne posando para o seu papá num parque infantil.**

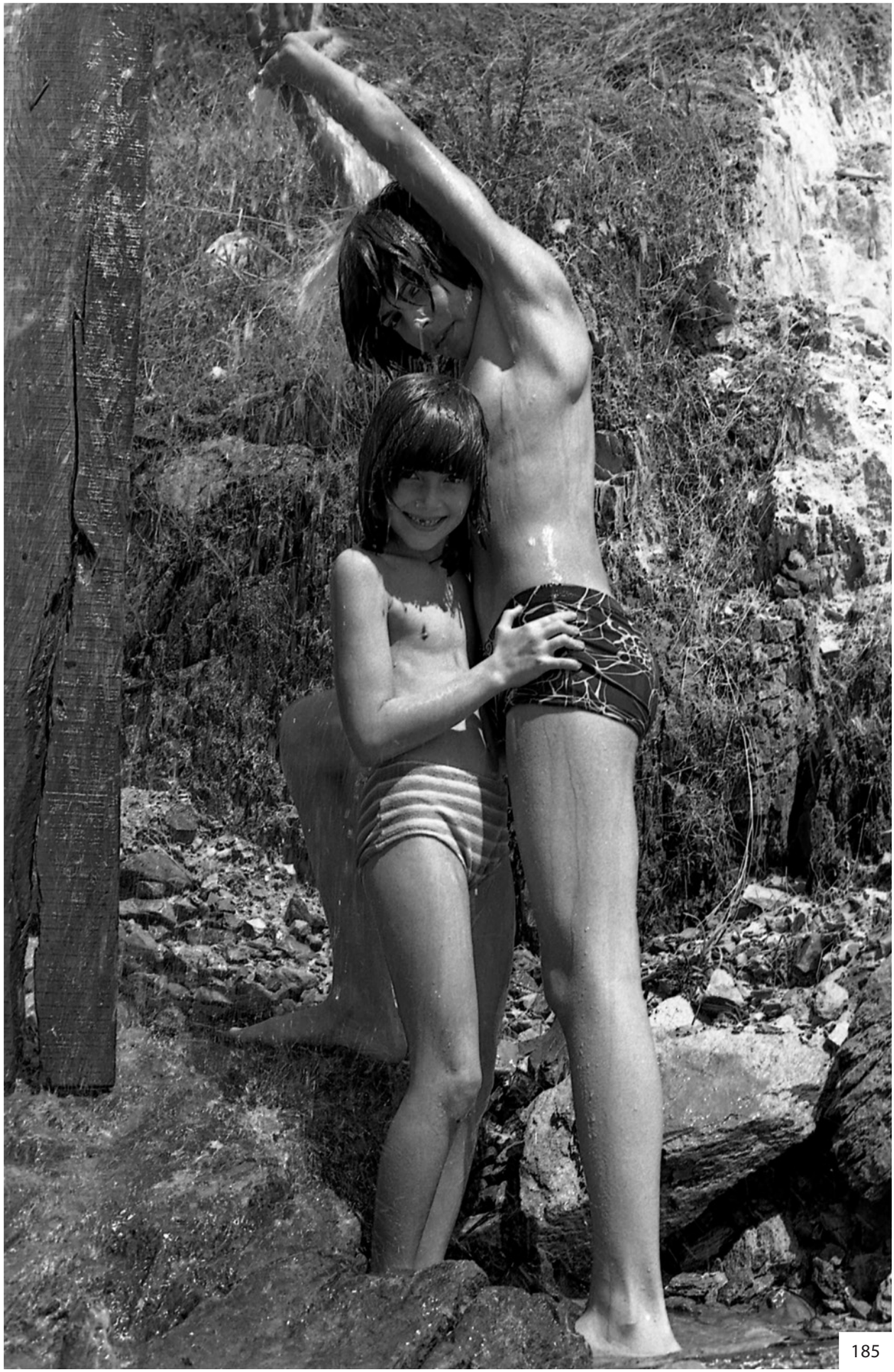


183

Nós os quatro, algures no Sul de Angola.

184

Olivier e Fabienne para os lados de Moçamedes.



185

185-186-187-188 – **Nós os quatro, nas águas quentes do Alto Hama, acampados perto da fábrica de engarrafamento.**

186

187

188

189

189-190-191-192 – **Christine, Olivier e Fabienne na praia.**

190

191

192

193

194

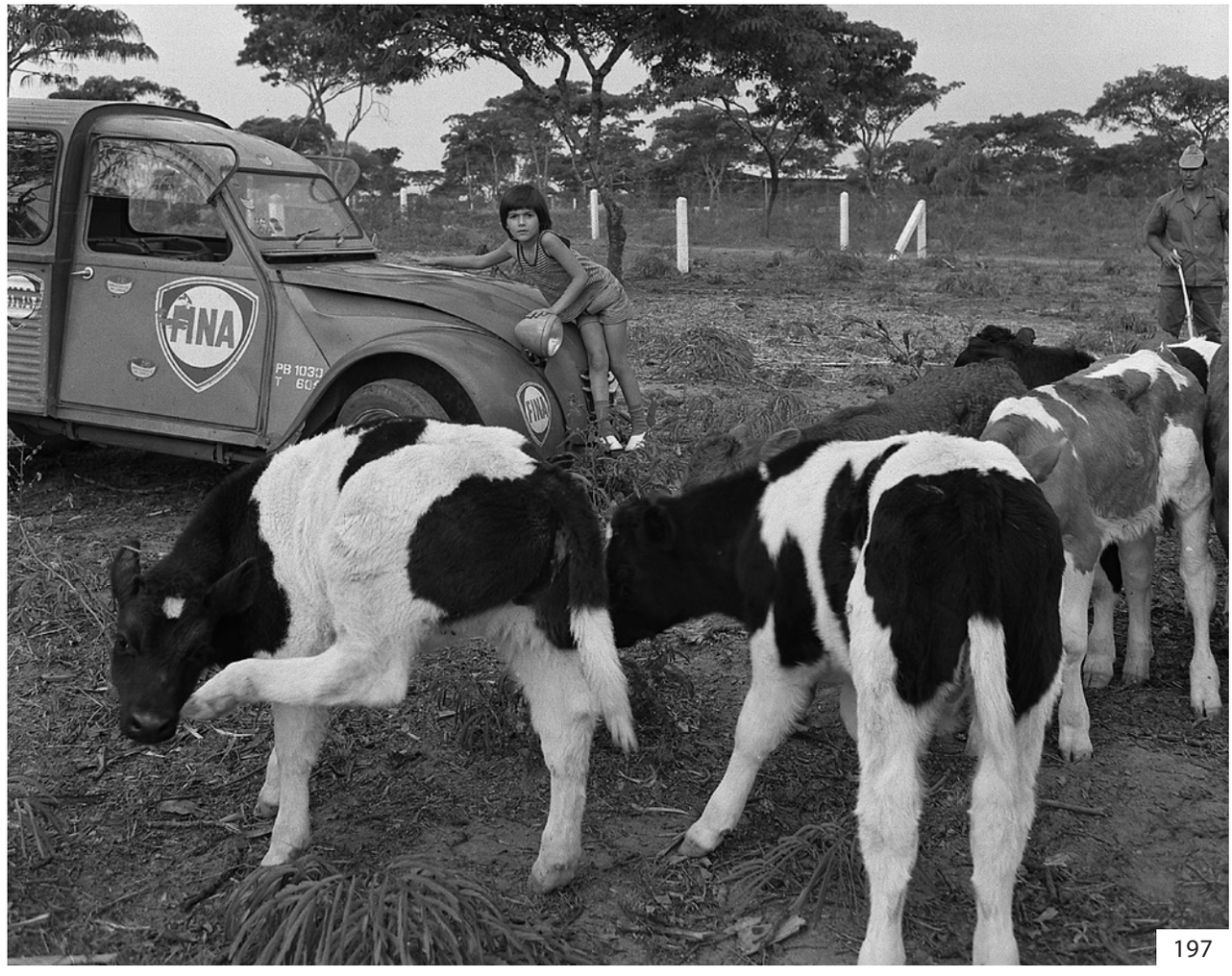
193-194-195 – **Na piscina o Olivier queria que a Fabienne mergulhasse, mas ela tinha medo.**

195

Christine, Olivier e Fabienne posando no bordo da piscina.

196

Uma paragem para comer o farnel.



197

197-198-199 – **No Sul de Angola, a Fabienne visitando uma criação de gado de raça.**

198

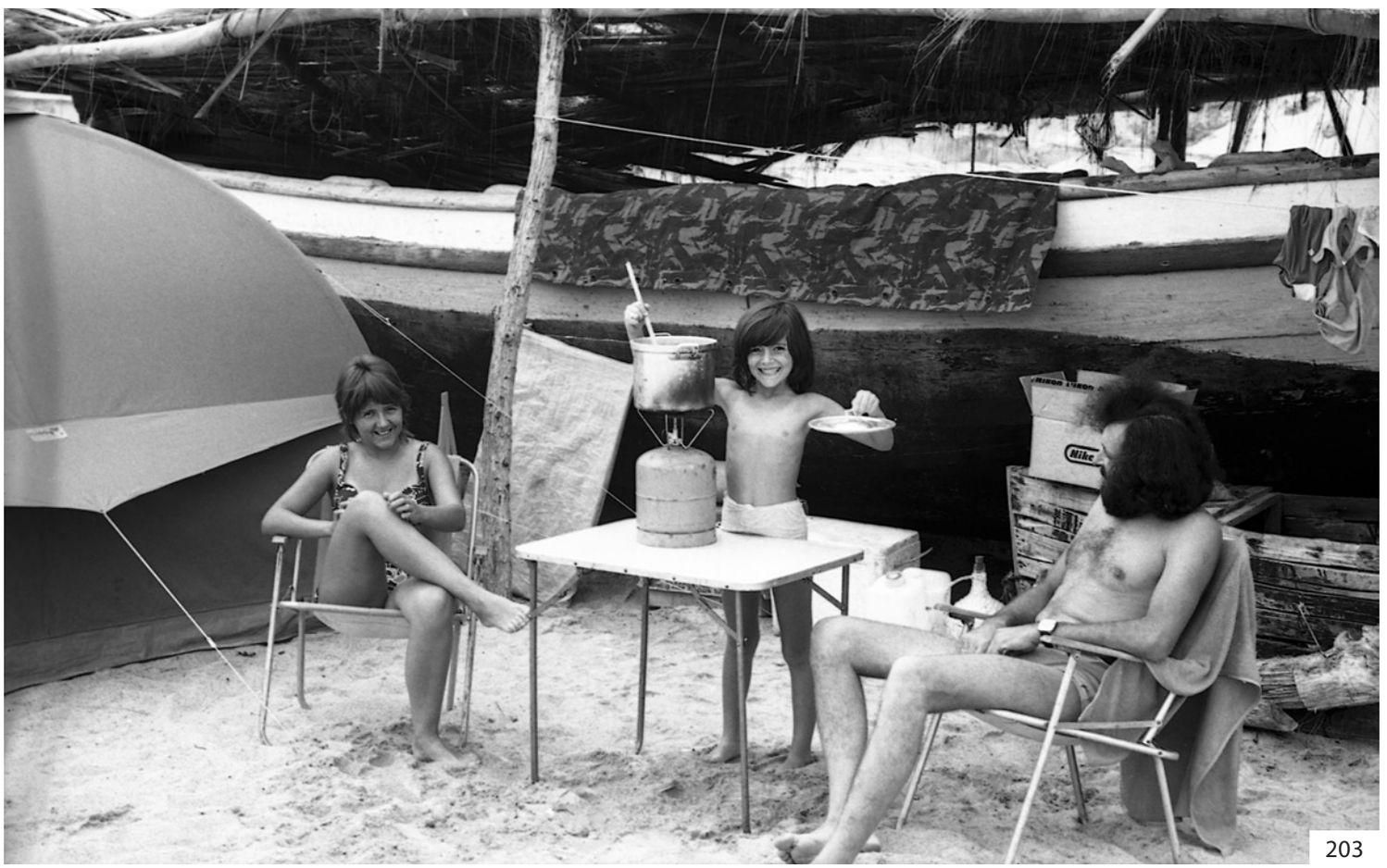
199

200-201-202-203 – **Os quatro acampados numa praia nos arredores de Moçamedes.**

201

200

202



203

204

205

206

204-205-206-207-208 – **Christine e Fabienne com um casal de origem francesa, dentista em Moçamedes, numa praia dos arredores de Moçamedes.**

207

208

209

209-210-211 – **Christine fotografando, em 1973, a prova automobilística das 6 Horas de Nova Lisboa.**

210

211

212

212-213-214-215-216 – **Christine brincando com uma onça de um militar, já adulta e perigosa.**

213

214

215

216

217

INVERNOSOL
ÇÃO: FRANCISCO PINHEIRO RAMOS

218

INVERNOSOL
ORGANIZAÇÃO: FRANCISCO PINHEIRO RAMOS

219

220

217-218-219-220-221-222-223-224 – **Christine dando bananas a comer a um bando de macacos no parque da Nossa Senhora do Monte em Sá da Bandeira.**

221

222

223

224

225

Um bonito sorriso da Christine.

226

Christine contemplando o magnifico parque de Sá da Bandeira.

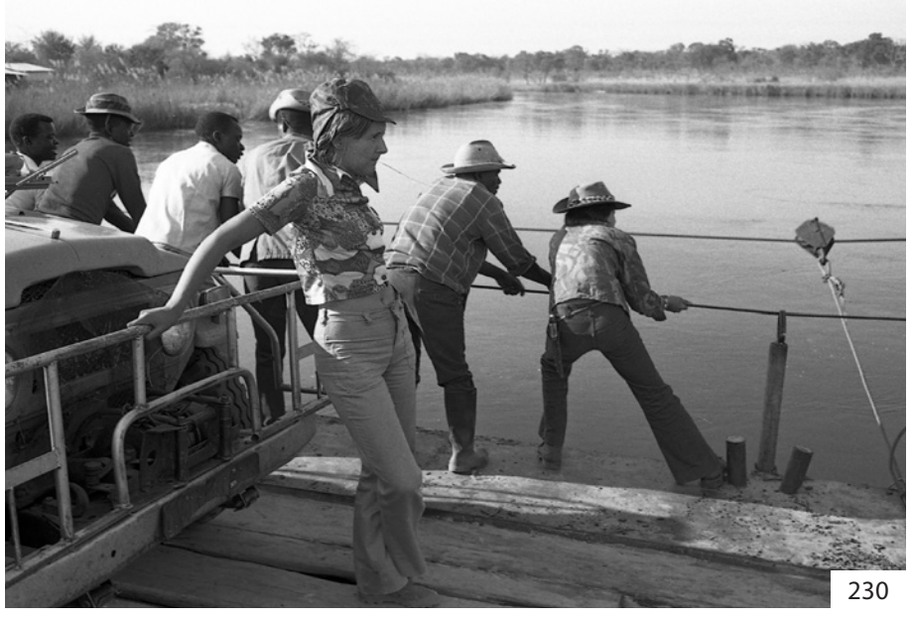
227

Christine, Fabienne e um funcionário da Organização dos Safaris Espinhas.

228

228-229-230 – **A travessia de um rio, numa jangada, nas Terras do fim do Mundo.**

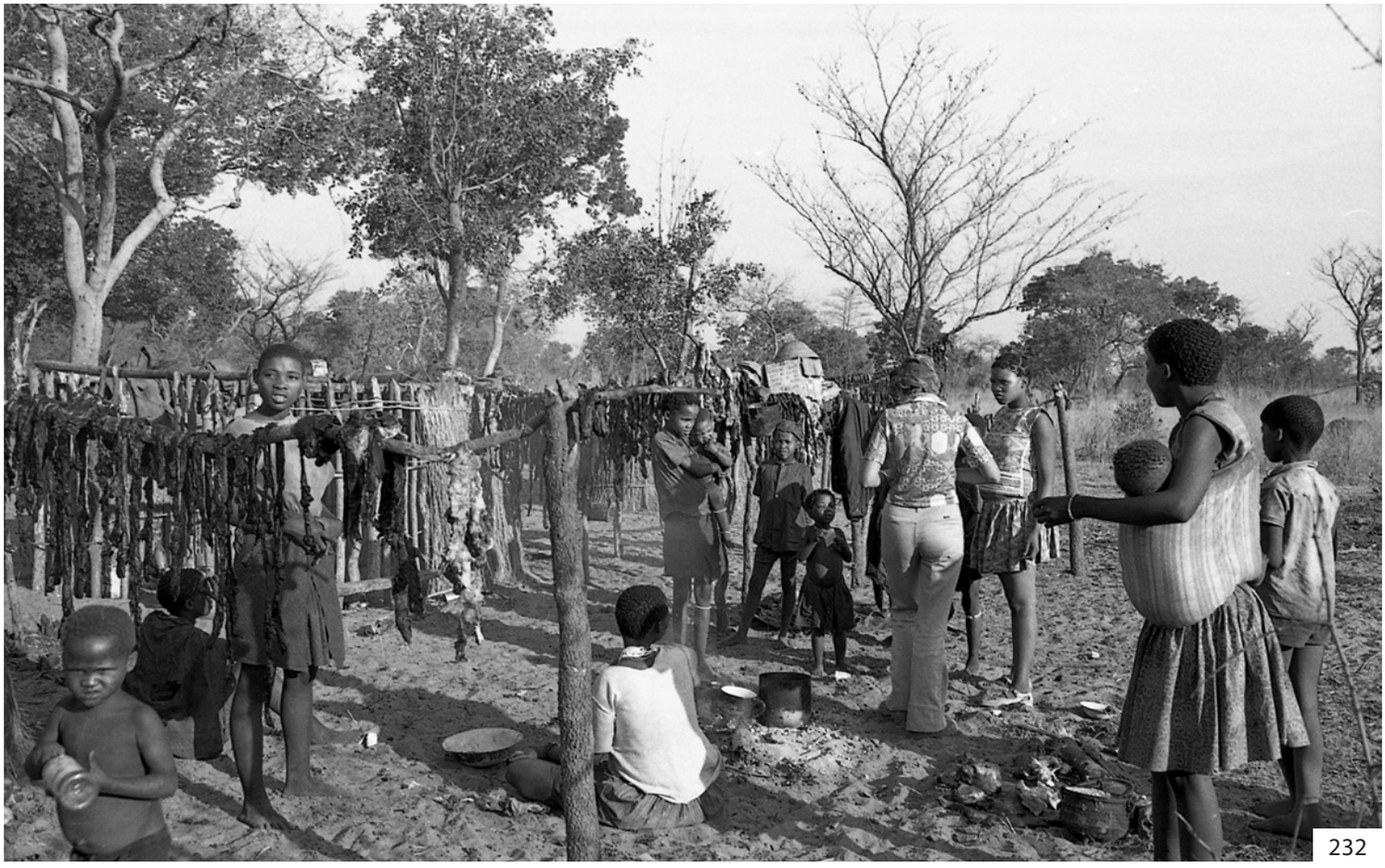
229



230

231

O parque de combustíveis para os Safaris Espinhas.

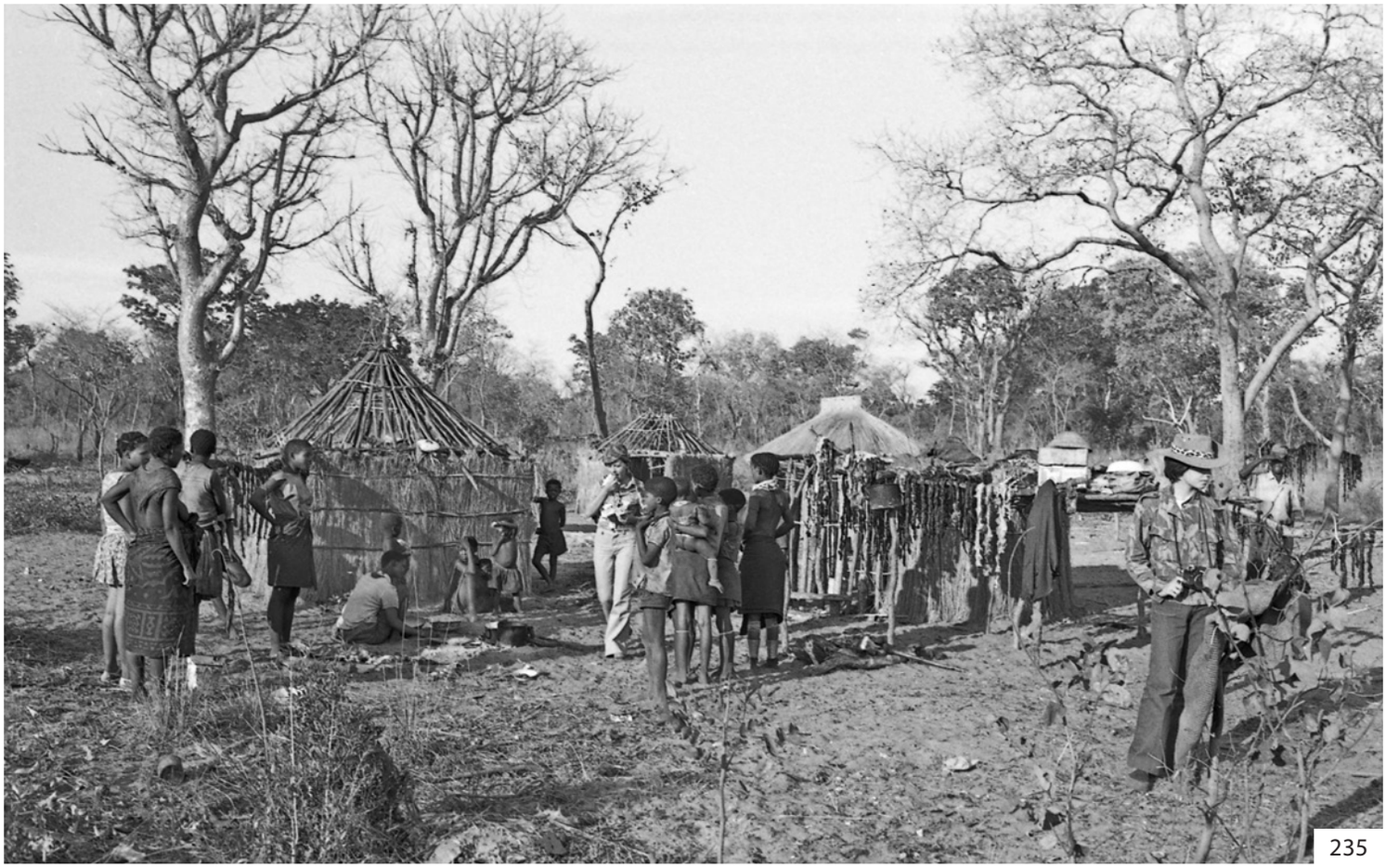


232

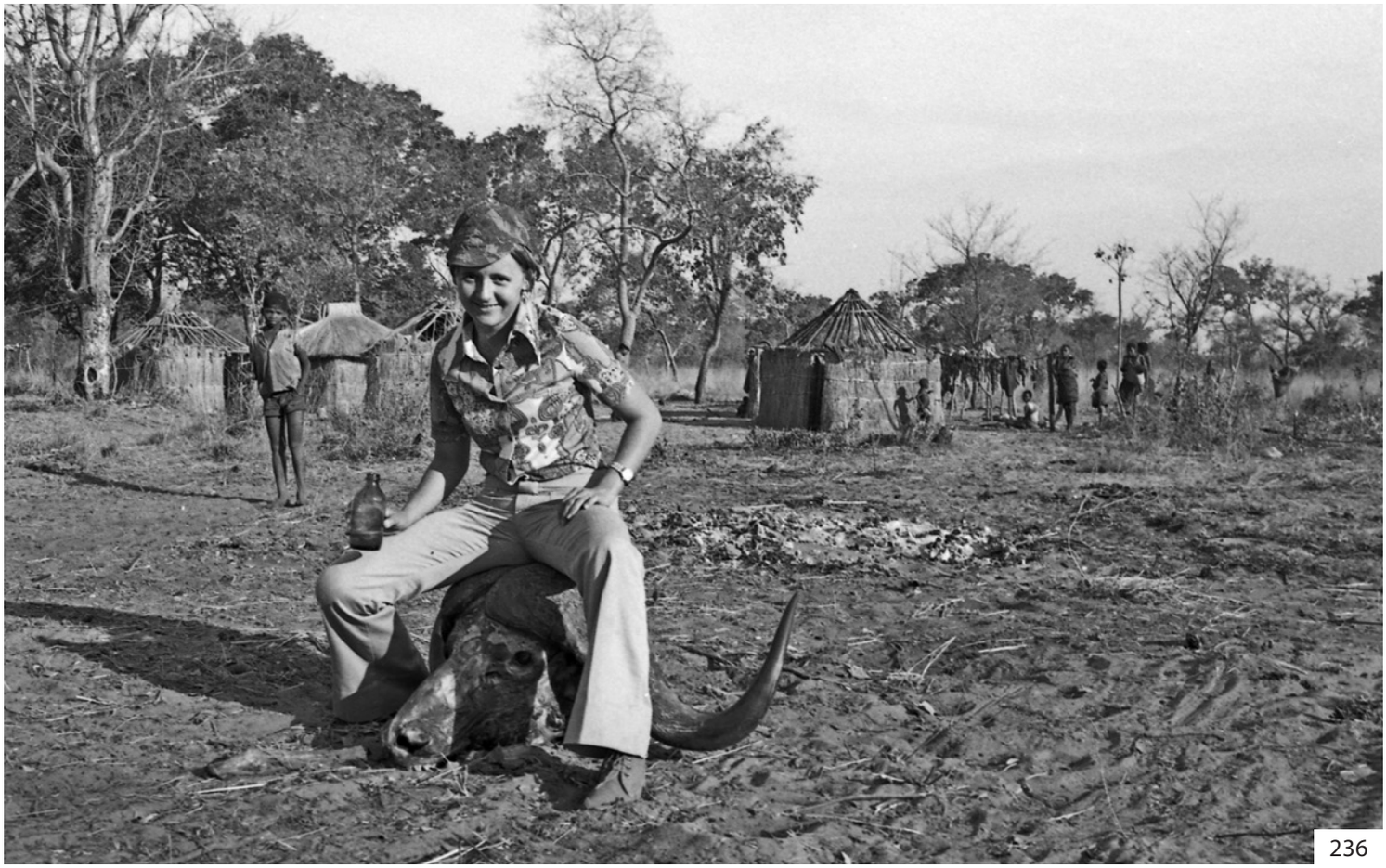
232-233-234-235 – **Christine e Olivier, em visita a um acampamento bosquímano, onde se vê muita carne secando ao sol, presente dos caçadores dos Safaris Espinhas.**

233

234

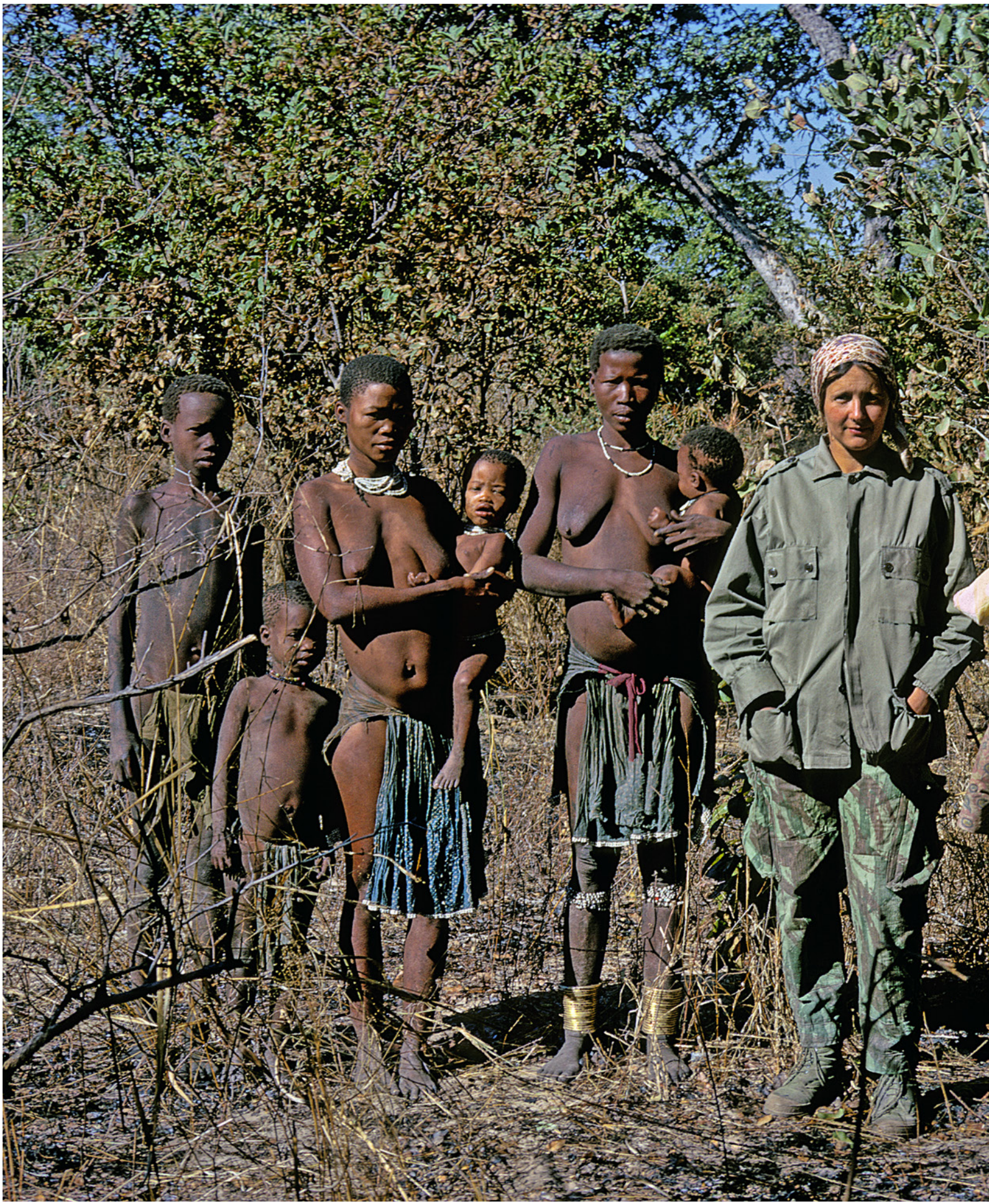


235



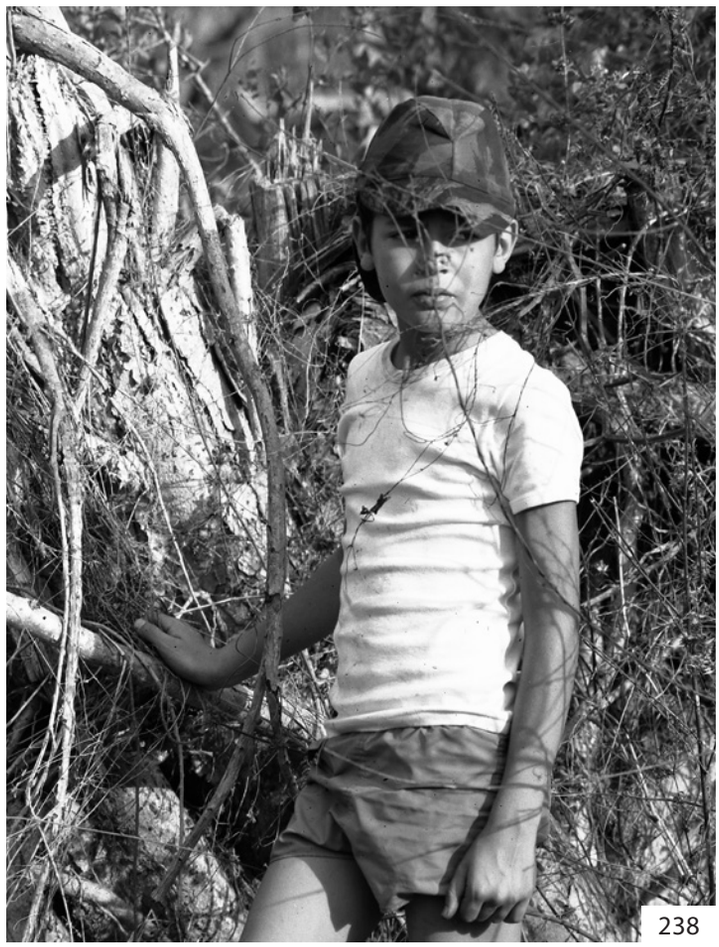
236

Christine saboreando uma Cuca, sentada na cabeça de um búfalo.



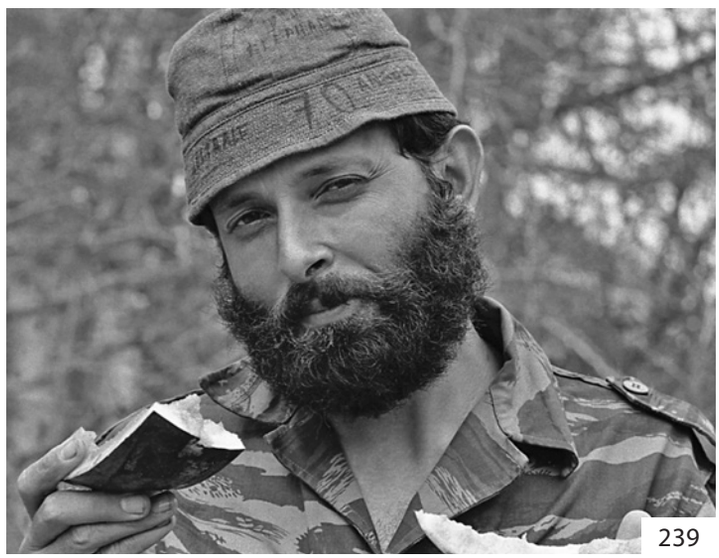
Christine e um grupo de mulheres e crianças bosquímanas.

237



238

Uma pose do Olivier.



239

Saboreando uma melancia bem fresquinha.

240

Com o guia caçador examinando as pegadas dos animais numa poça lamacenta.

241

Preparando um esconderijo para poder fotografar os animais.

242

Christine fotografando a partir de um esconderijo.

243

Christine e o seu guarda-sol, um nenúfar.

244

Outro retrato da Christine.

A Christine e a Fabienne, abastecendo a Toyota de gasolina, salvo erro, numa estação de Nova Lisboa.

245

A chegada ao parque do Bicuari, para fotografar a fauna e a flora locais.

PARQUE NACIONAL
DO
BICUARI
PROIBIDO ENTRAR SEM
AUTORIZAÇÃO

246

247

247-248-249 – **Saída do acampamento de madrugada, quando o frio aperta, afim de poder fotografar os animais.**

248

249

250

251

250-251 – **Uma lagoa algures no parque. O Olivier vestiu-se com uma capota por causa do frio.**

252

252-253 – **Percorrendo as picadas do Bicuari.**

253

254

Pausa para almoçar.

255

Olivier fotografando perante o olhar atento da Fabienne.

256

257

Uma lagoa quase seca onde os animais vinham beber.

258

257-258 – **Fotografando uma lagoa com patos selvagens.**

259

Jean Charles de regresso ao carro, depois de fotografar paisagens e animais.

260

Bonita foto de um elefante a beber durante um forte calor.

261

261-262 – **Desta vez foi a Fabienne a interessar-se pela fotografia.**

262

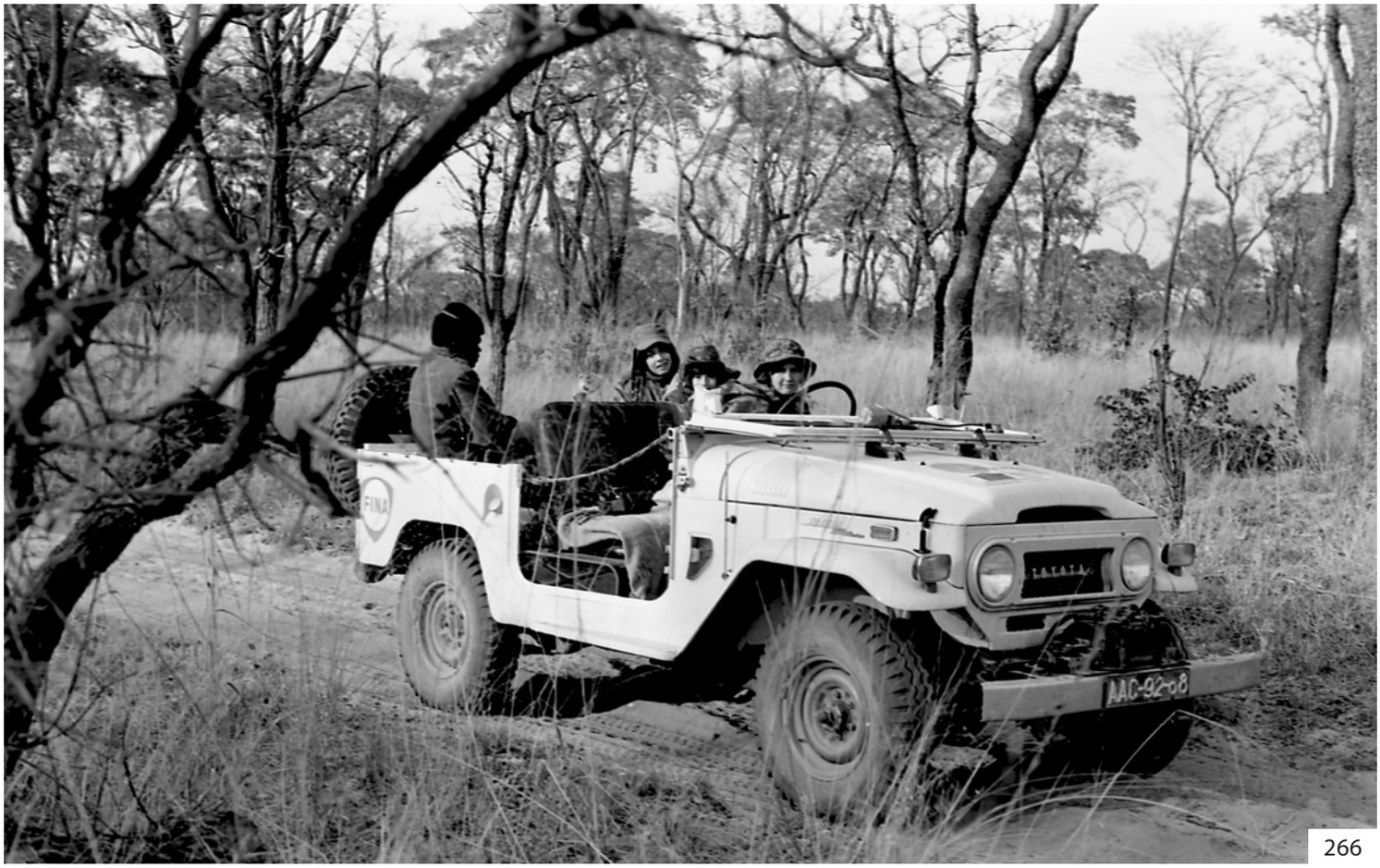
263

Num outro local, Olivier fotografando.

264

265

264-265 – **Christine diante do corpo morto de um filhote de elefante.**



266

266-279 – **Noutros lugares de Bicuari, sempre a fotografar.**

267

268

268-269 – **A Christine gostava mesmo de conduzir a Toyota.**

269

270

Uma paragem no meio da savana para descançar.

271

271-272 – **A Fabienne interessava-se em ver os animais com a téla de 500 m/m.**

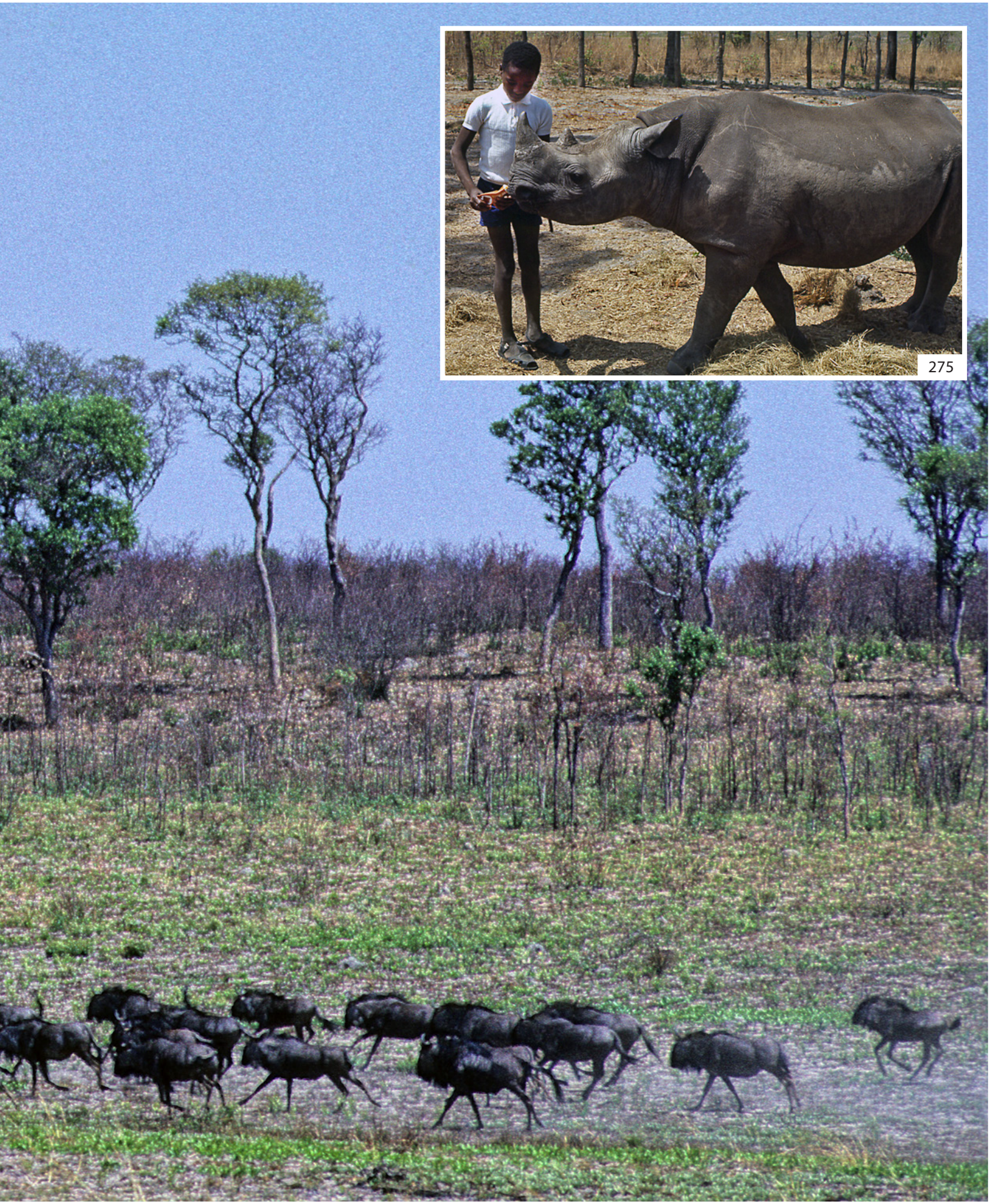
272

273

Perto do acampamento existia uma grande árvore com muita sombra e uma tosca mesa de madeira propícia para almoçar.

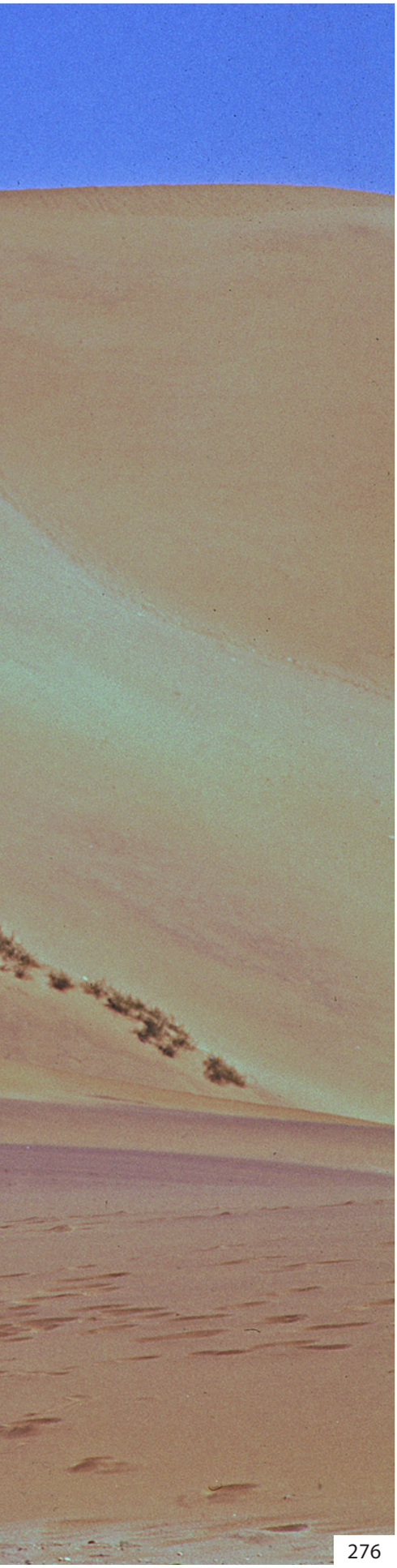
274

Uma bonita manada de gnus.



Um menino, filho de um guia, dando leite a um pequeno rinoceronte.

276-277-278-279-280-281 – **Mais a Sul, o deserto do parque do Iona. Entre as dunas era fácil a "2 cavalos" ficar atolada e era uma carga de trabalhos para a tirar de lá.**



276

277

278

279

ALA 08-07
20 000 KMS
40 MESES
ROLANDO EN PAZ POR
TERRAS DE
ANGOLA
80

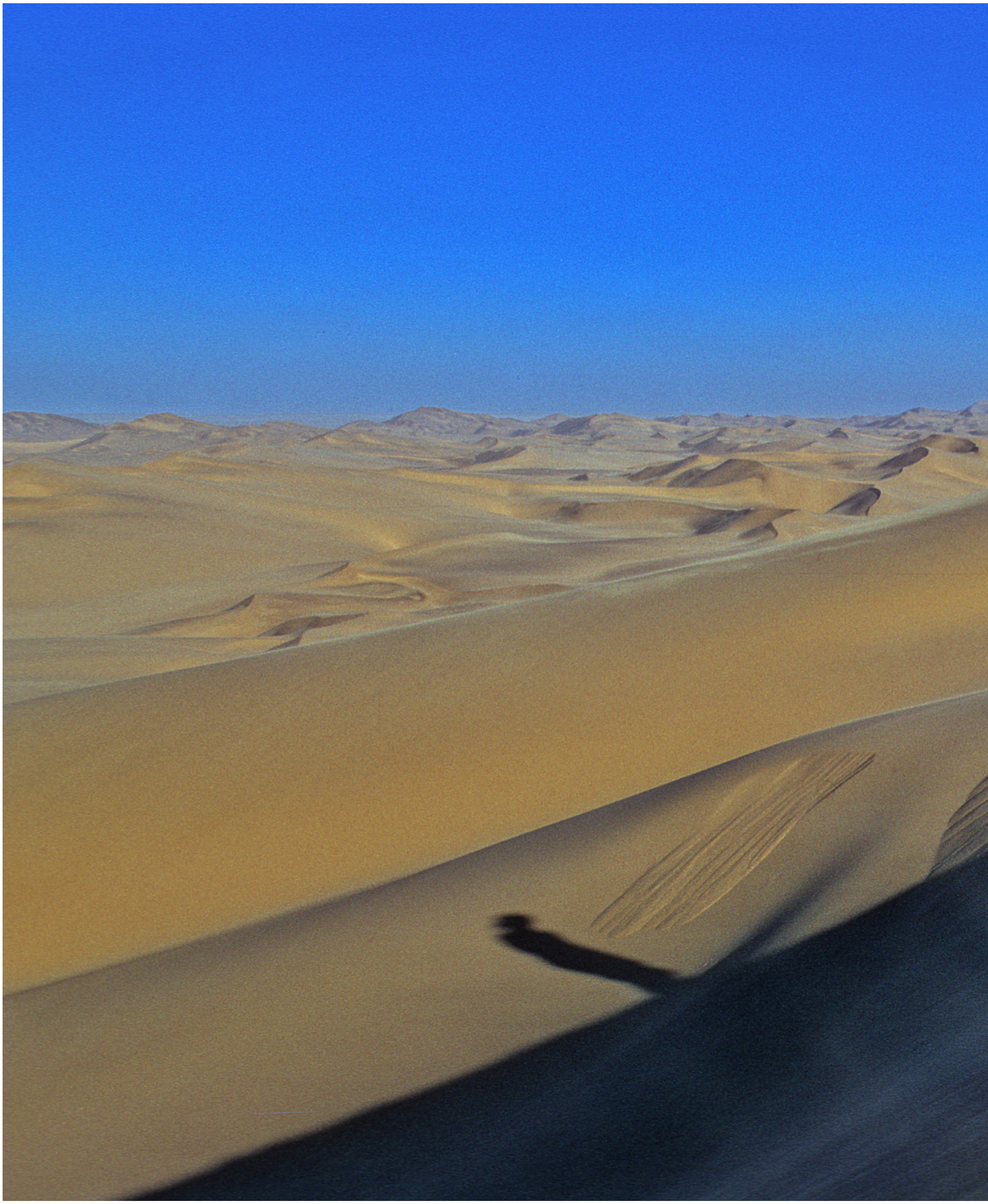
280

ALA 08-07
20 000 KMS
40 MESES
ROLANDO EN PAZ POR
TERRAS DE
ANGOLA
80

281

282

282-283 – **A Fabienne e o Olivier correndo em cima das dunas.**



283

A Christine admirando os rochedos de Pungo Andongo.

284

285

285-286 – **A Christine observando o desvio do leito do rio na área da Diamang, para poder tirar o cascalho, onde se encontravam os diamantes.**

286

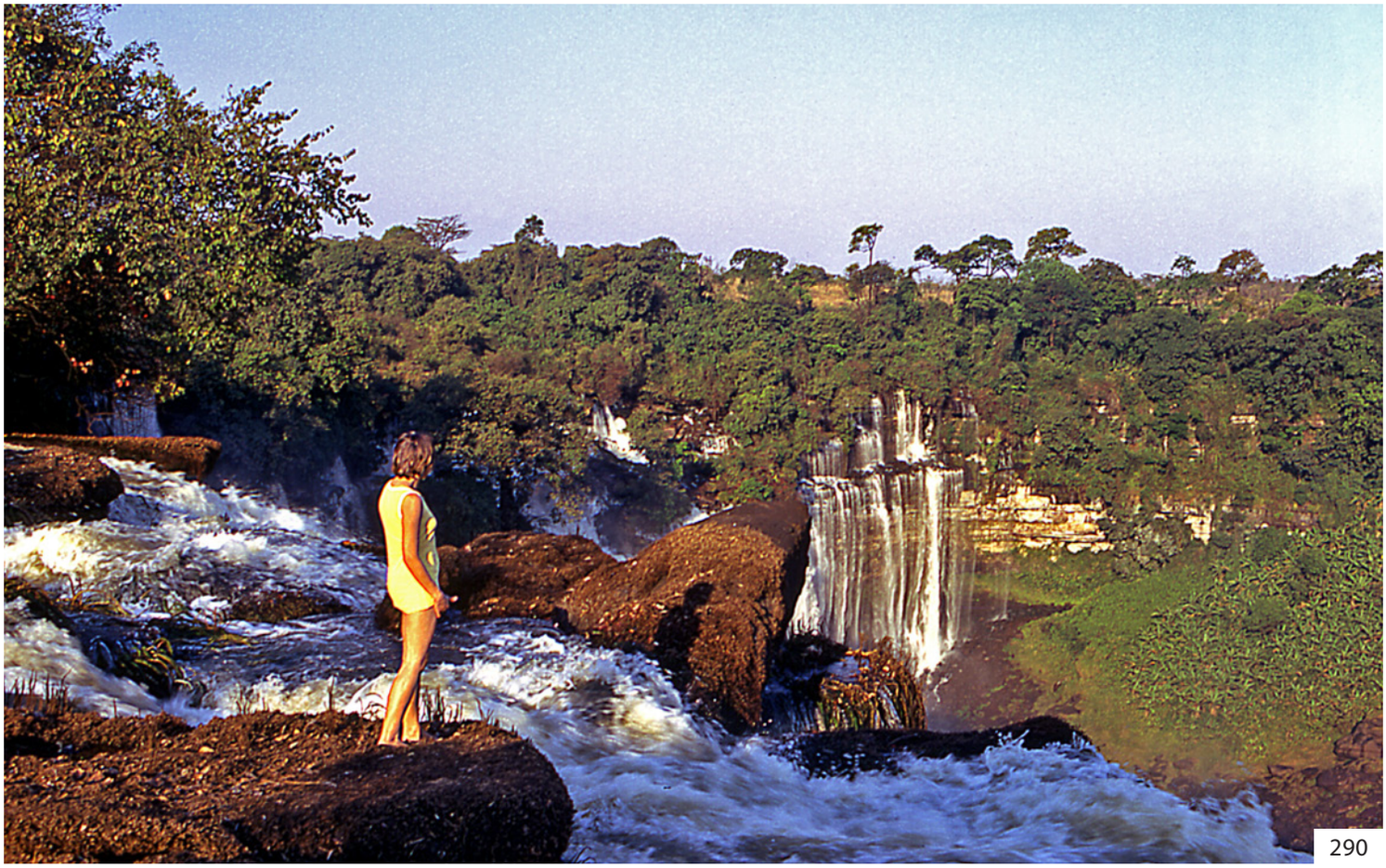
287

Christine e um "feiticeiro" na estrada de Henrique de Carvalho.

288

288-289-290-291 – **Christine junto às quedas de Duque de Bragança.**

289



290

291

292-293-294-295 – **Christine atravessa um dos braços do Rio Lucala com a ajuda de garotos da região.**

292

293

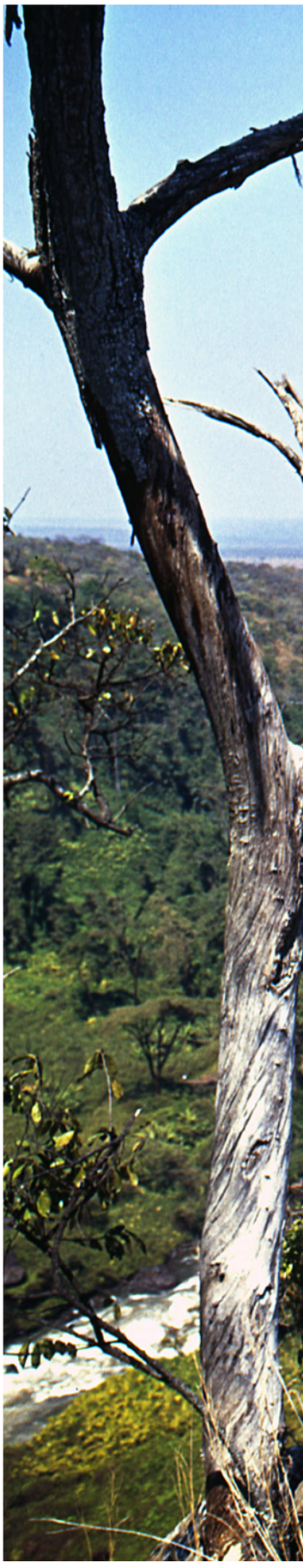
294

295

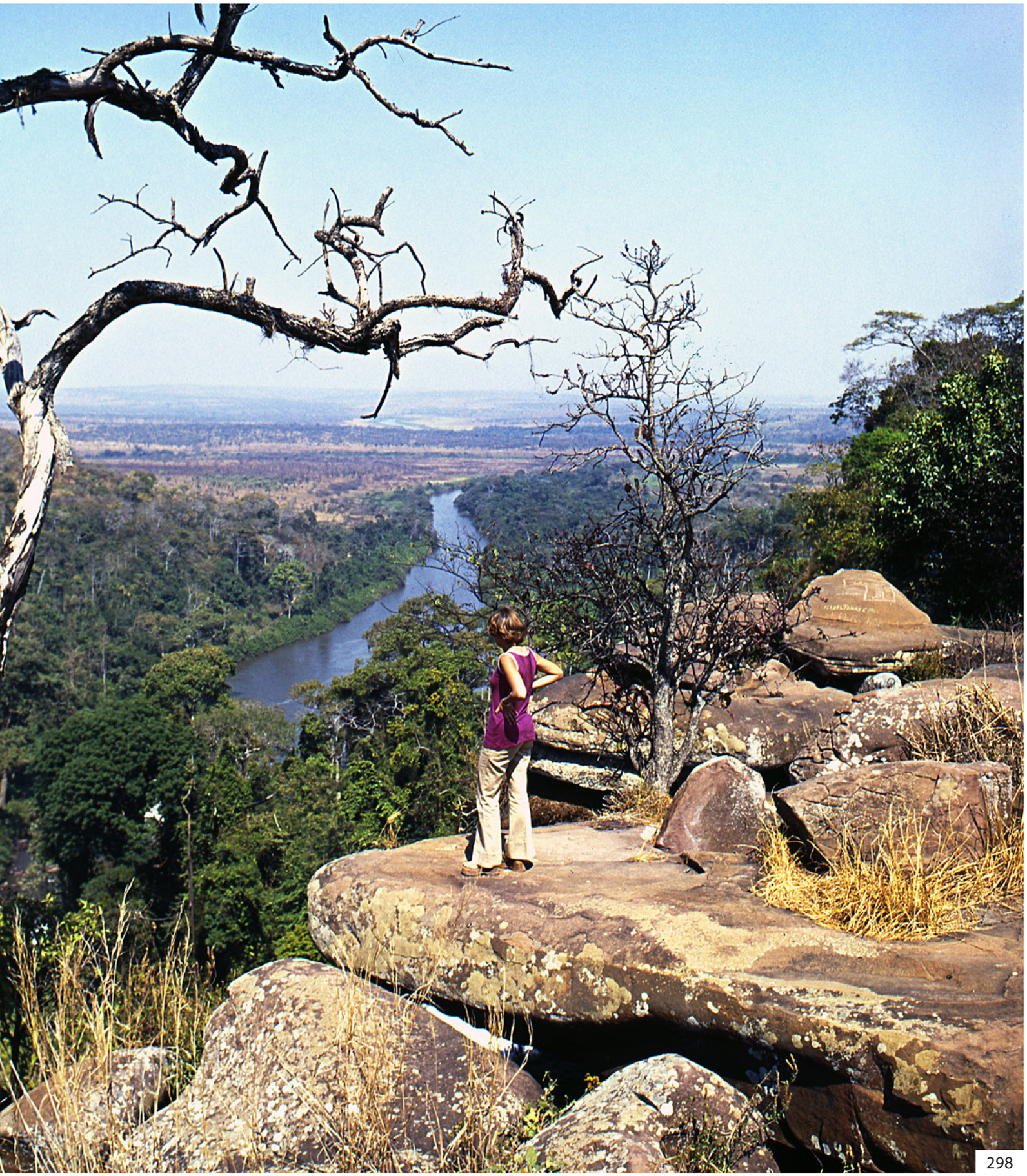
296

296-297-298 – **Christine admirando as quedas de Duque de Bragança.**

297

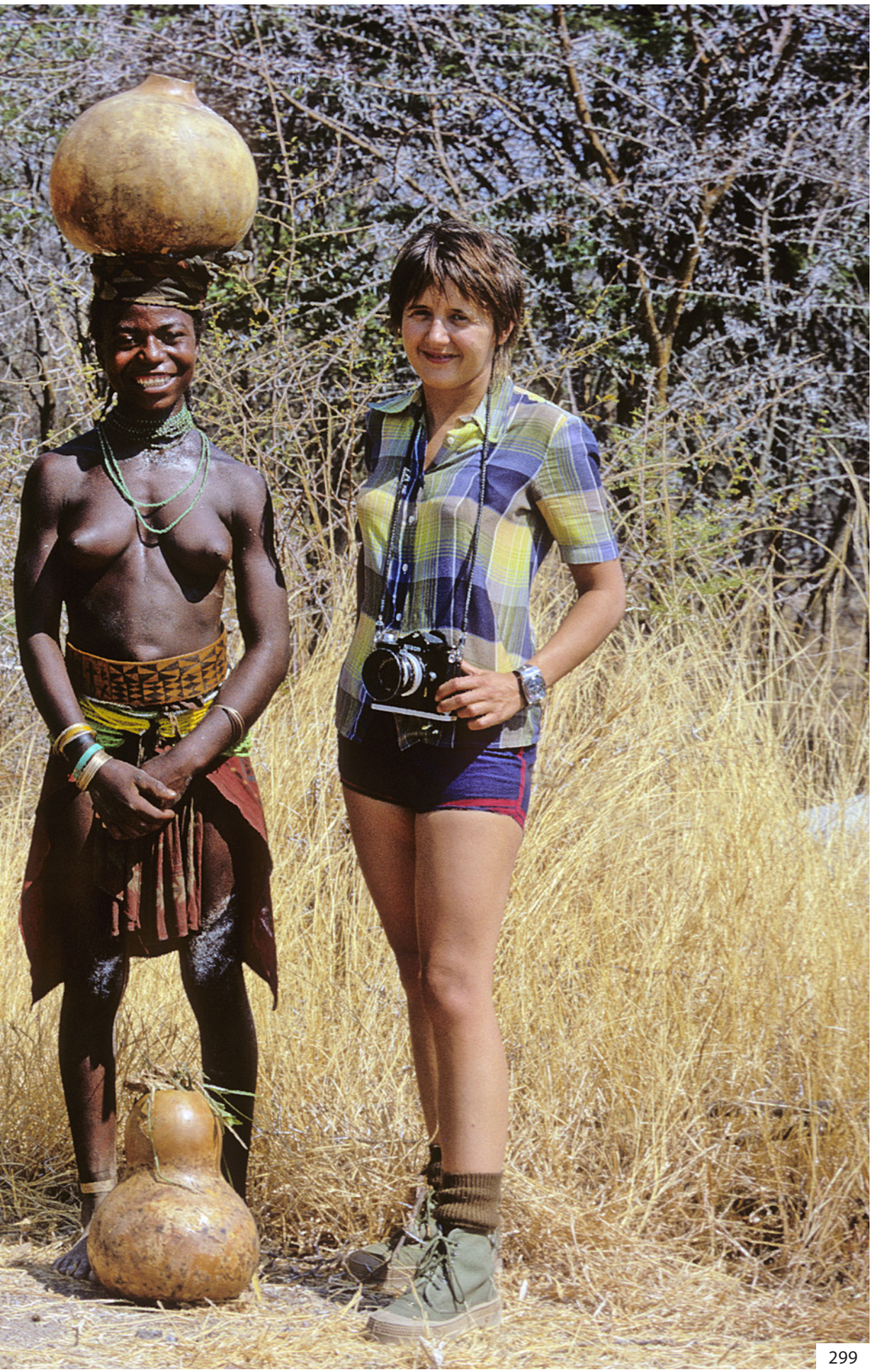


"ADIEU, DUQUE DE BRAGANÇA!"



298

Christine com duas raparigas e um rapaz M'Huíla transportando cabaças de água.



299

300

Christine pinta um quadro no meio de um grupo de adolescentes M'Huíla.

301

Grupos de crianças e raparigas na companhia da Christine e da Citroen.

302

302-303-304-305-306-307 – **Christine na companhia de mulheres e raparigas M'Huíla.**

303

304

305

306

307

Numa aldeia M'Huíla, a Christine aprende a pilar arroz com um grupo de mulheres.

Na aldeia M'Huíla as noites eram frias, mas as danças aqueciam.

309

310

310-311-312-313 – **Baptismo da "2 cavalos" com a sua nova pintura e diversas arrumações, à saída da oficina.**

311

Ancotel
NOVA LISBOA
ALA-08-07
Ancotel
NOVA LISBOA

312

Ancotel
NOVA LISBOA
ALA-08-07
Ancotel
NOVA LISBOA

313

No acampamento, numa ilha do Rio Cubango as crianças circuncisadas aprendiam as músicas e das danças M'Huíla.

314

315

Para atravessar o rio, a Christine teve de molhar os pés.

316

Em águas mais profundas apenas a travessia de canoa permitia o acesso à ilha.

317

318

317-318-319 – **Nas aldeias M'Huíla durante as festas da circuncisão, as danças eram magníficas. Uma adolescente espreitando pelo visor da Linhof.**

319

Uma linda rapariga M'Huíla levando a Linhof à cabeça.

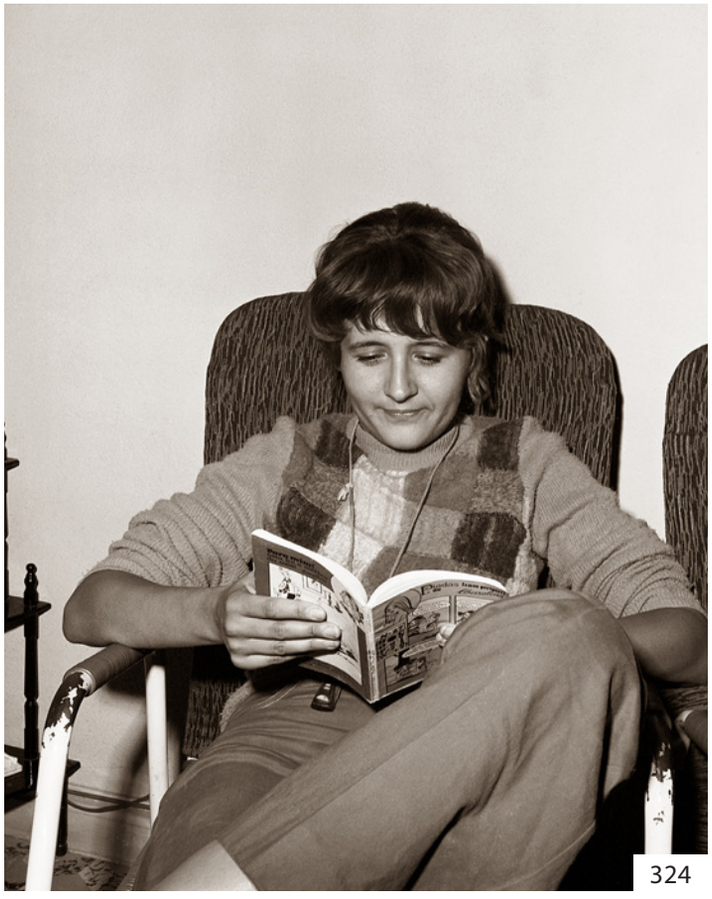
321-322 – **Estas duas fotos foram feitas junto a uma povoação M'Huila em companhia de duas meninas, todo o nosso material e a "2 cavalos".**

321

322

323

323-324-325-326-327-328-329 – **Jean Charles e Christine em casa do piloto-aviador do Governador de Sá da Bandeira.**



324

325

326

327

328

329

330

331

330-331 – **A Christine e um jovem antílope no jardim de uns amigos de Sá da Bandeira.**

332

332-333 – **Christine admirando as lindas paisagens da Tundavala e da Serra da Leba.**

334

Christine e uma jovem Mocubal com o seu chapéu e colares.

335

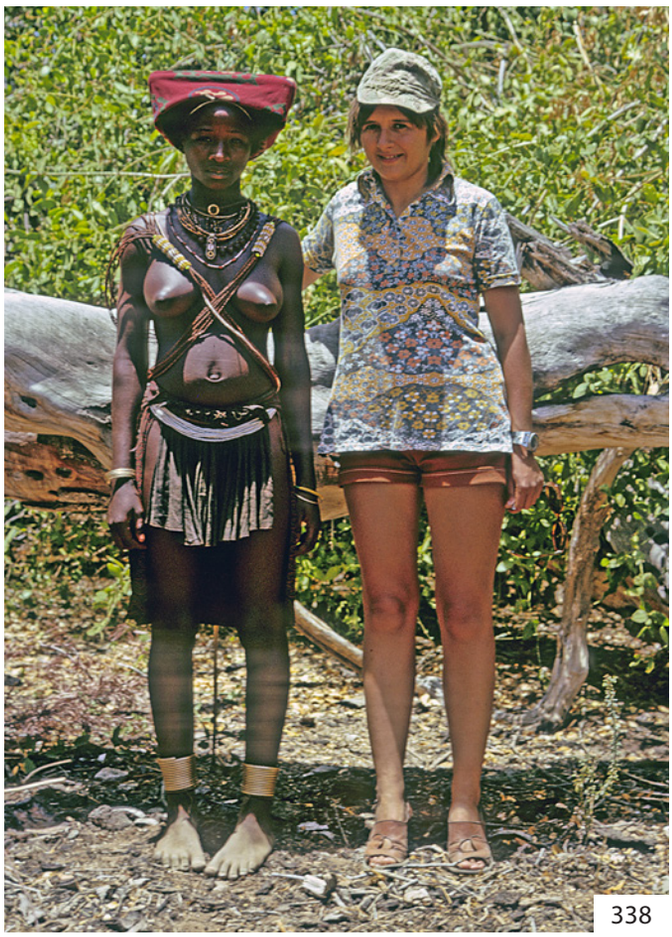
Christine, com o chapéu típico dos Mucubais, junto a um jovem.

336

Para ser uma verdadeira Mucubal a Christine tinha de ser um pouco mais escura.

337

Uma rapariga Mucubal, instruída, pois sabia ler e escrever.



338

Christine posando com uma moça Mucubal.

339

339 – **Não era o sorriso da Christine que a tornava mais Mucubal.**

340

Uma "misse" de Moçâmedes no meio de um grupo Mucubal.

341

Na estrada que ia para Pereira d'Eça, a Christine em casa de um professor da escola local.

342

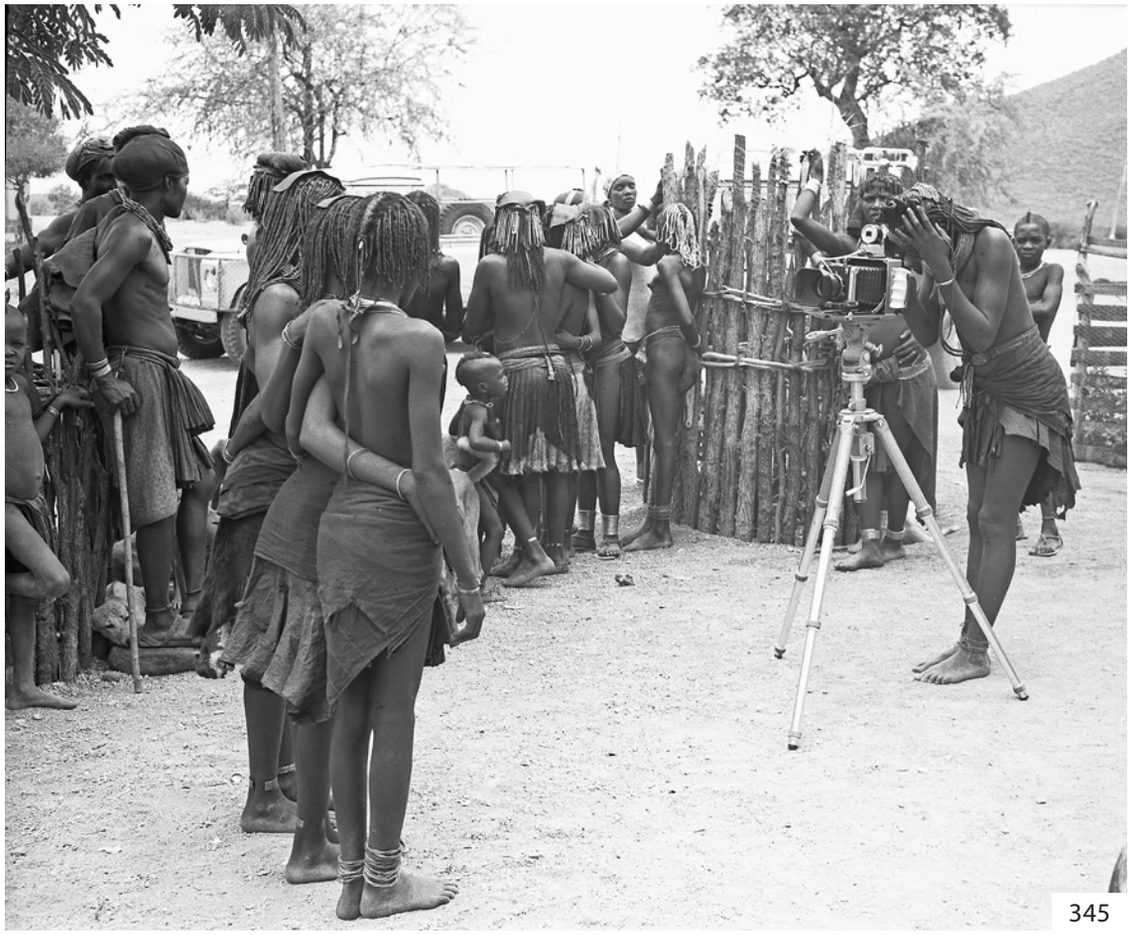
Numa povoação a caminho de Pereira d'Eça, no escritório do administrador cabo-verdiano que nos recebeu muito calorosamente.

No Carnaval do Lobito em Fevereiro de 74, a Christine sentada num "Tank soviético" tendo nas mãos o pequenino "Gastinhoné.

343

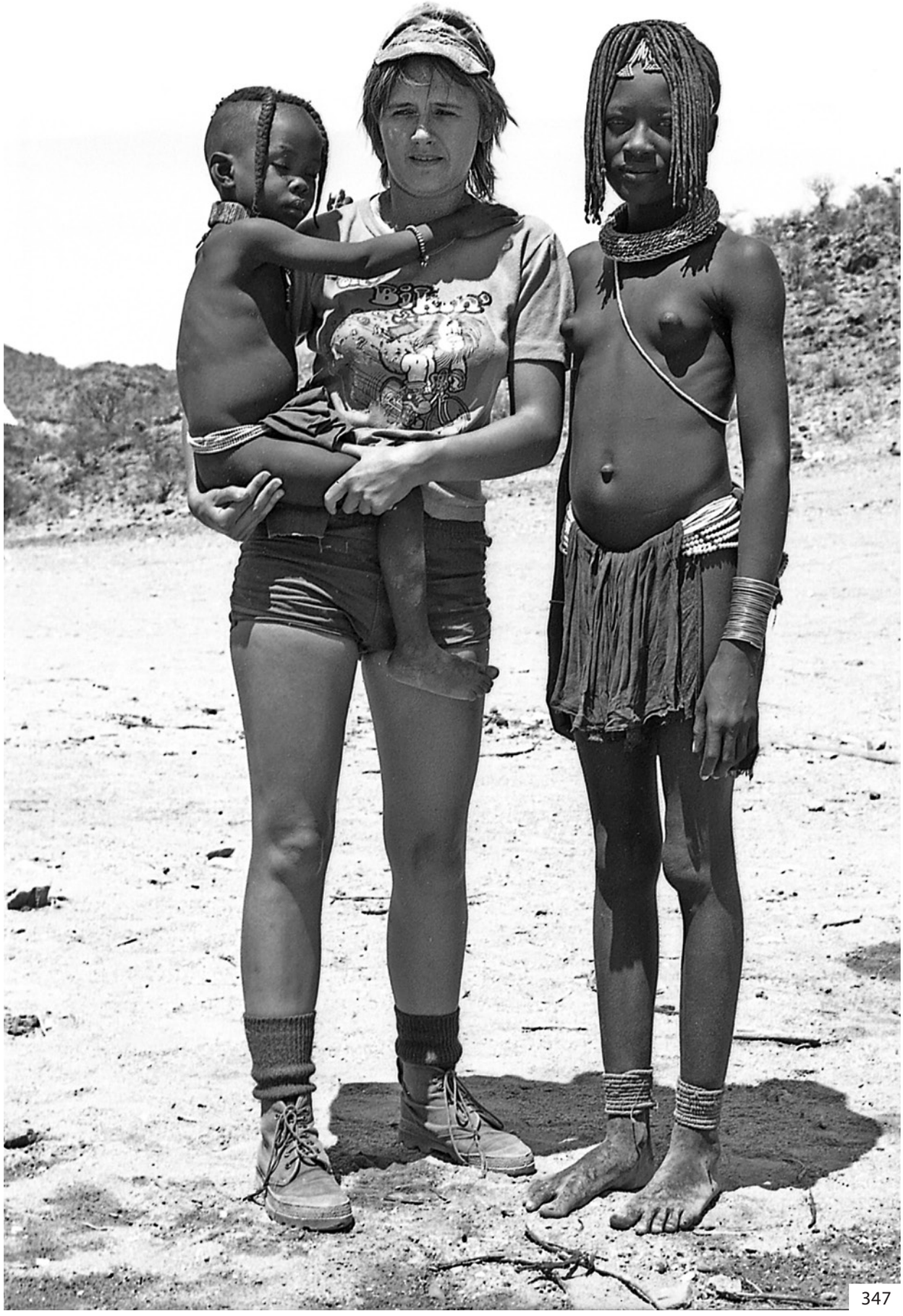
344

344-335-346 – **Para os lados do Cunene, a Linhof era admirada pelo muito acolhedor povo Muximba.**



345

346



347

347-348 – **A Christine e meninas Muximba.**

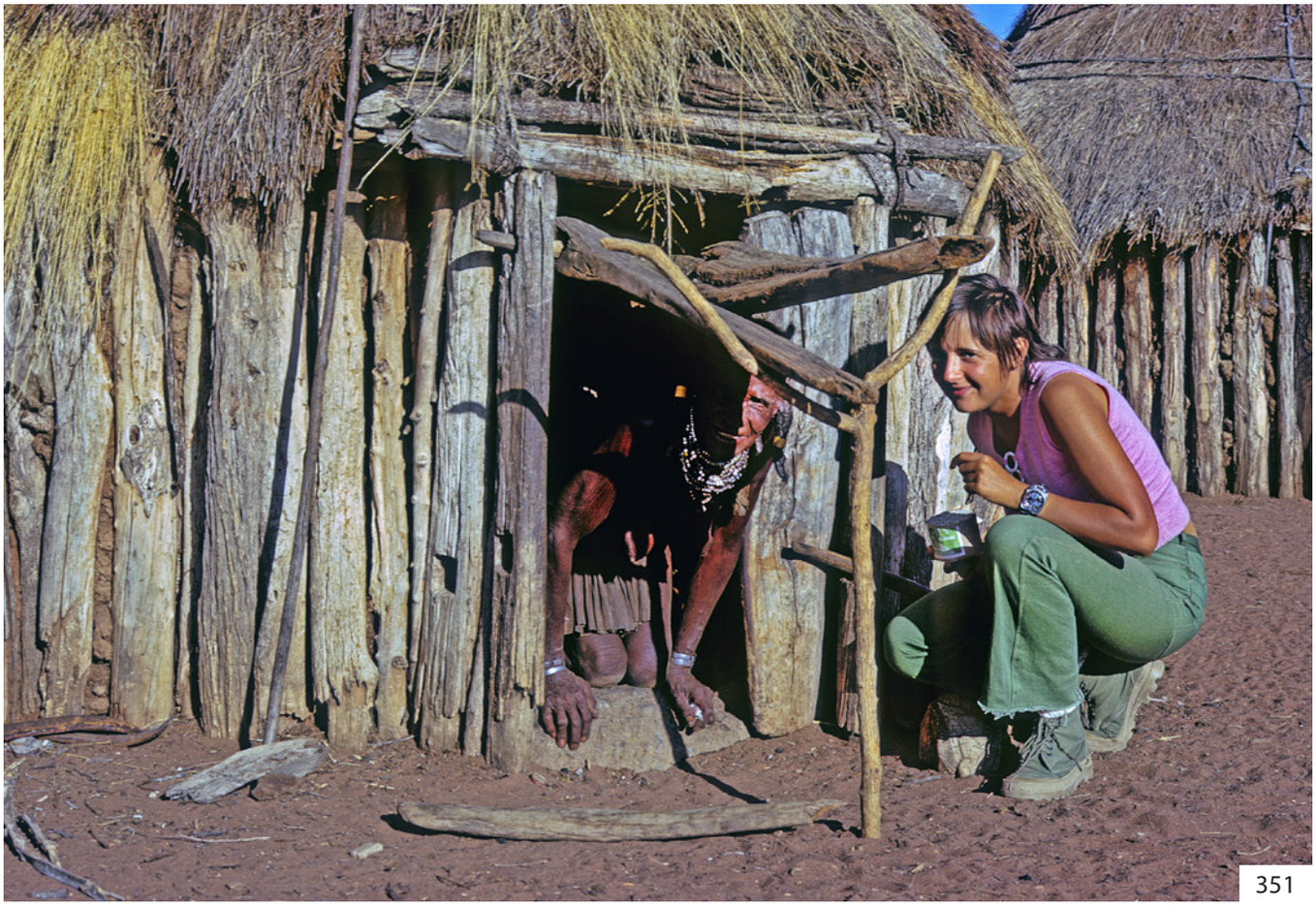
348

349

Uma Muximba e seus dois filhos na companhia da Christine.

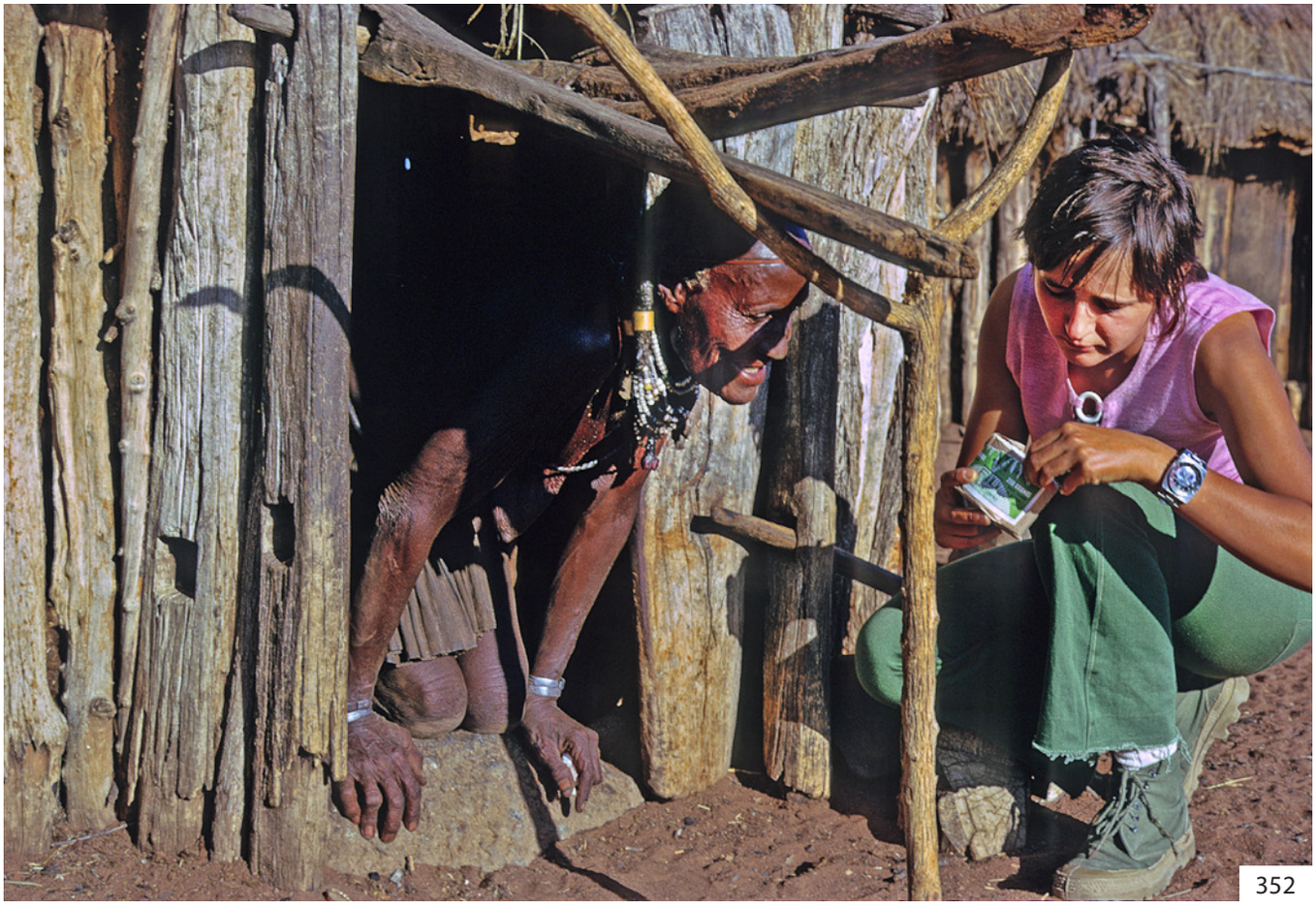
350

Christine, uma menina e um rapazinho Muximba.



351

351-352 – **Christine oferecendo a uma idosa cigarros que eram muito apreciados.**



352

353-354 – **Os maravilhosos Arcos do Parque do Iona.**

353

354

355

355-356-357-358 – **Christine nas magníficas dunas do Parque.**

356

357

358

359

360

359-360-361-362 – **Fim da tarde à procura dos camelos do Parque do Iona.**

361

362

363

363-364-365 – **Transitar pelas dunas era bastante difícil e era preciso um guia para o veículo não ficar enterrado.**

364

365

366

A Toyota parou junto de uma duna coberta de vegetação, alimentação dos camelos.

367

367-368 – **Cristine, "no seu traje tipico do deserto" boné, calções, meias e botas numa paragem para fotografar o padrão do Cabo Negro.**

368

369

Christine teve a coragem de subir a estas pedras para fazer a foto.

370

370-371 – **No Parque às vezes as estradas eram assim.**

371

372

Já fora do Parque do Iona, a caminho de Moçâmedes existiam estas pedras e o amigo (a quem chamávamos) "Turra", aproveitou-as para fazer um pequeno hotel-refúgio para os turistas.

373

Junto a uma árvore muito rara.

374

Christine e o seu gatinho "Gastinhoné".

O ADEUS AO PARQUE IONA

375

O adeus ao Parque do Iona.

376

Em frente da Pousada do Fasta, da direita para a esquerda: Jean Charles, a filha mais nova, o Director, Fabienne, Olivier, a filha mais velha, Christine e a esposa do Director.

377

O "gastinhoné" ficou com o Director do Fasta quando a Christine voltou para França em Setembro de 74.

378

378-379-380 – **As últimas fotos da Christine e do seu gatinho.**

379

380

De volta a Luanda, em Agosto de 1974, onde o ambiente nas ruas era este.

381

382

Um dos responsáveis da GRANDE CATÁSTROFE que se abateu sobre Angola, completando o resultado da sua política desastrada, ao balcão do Palácio do Governo em Luanda.

383

Em Agosto de 1974, para os lados do Catete, começaram a aparecer casas queimadas ou vandalizadas. Já era muito difícil circular, em segurança, pelas estradas de Angola.

FIM DA AVENTURA EM ANGOLA

Aqui termina, para mim, a aventura angolana, num mar de sangue, ódio e fogo. Em Dezembro de 1974, em Angola, era o princípio do fim.

Em Portugal, e sobretudo em Lisboa, o Povo enganado pelos abrileiros, de punho erguido e bandeiras vermelhas, manifesta para o seu bem estar, alheio ao horroroso drama das Provincias Ultramarinas.

DEVER DE MEMÓRIA

J. C. PINHEIRA

O que é o "Dever de Memória"?

É o dever daqueles que nasceram em Angola, ou que para lá foram viver, de não esquecerem a grande obra feita naquele país, por negros e brancos, e de divulgar aos seus filhos e netos o que era Angola antes do 25 Abril de 1974.

Aqueles que lá viveram não têm de se envergonhar pelo trabalho magnífico que lá foi feito, por angolanos e portugueses. Se alguma coisa pode envergonhá-los, essa coisa é a maneira como certos políticos e militares, socialistas uns e comunistas outros, entregaram a preço de saldo aquela terra a forças adversas que haviam sido derrotadas no terreno e que, na minha opinião, não representavam os anseios dos que lá nasceram ou viviam.

E poderão também sentir vergonha pela forma como foi feita a desgraçada Independência, que destruiu o trabalho de honestos cidadãos, brancos uns e negros outros, com consequências que afectaram e afectarão muitas gerações. Pois não foi pelas armas que os adversários de Portugal conseguiram a vitória de se apoderarem das Províncias Ultramarinas, mas sim pela vil traição de alguns pulhas que vegetavam em Portugal e fora dele. Não era preciso ser muito inteligente para imaginar o resultado final daquela sinistra comédia, pois para se chegar a um acordo entre dois adversários políticos é preciso muita diplomacia, muita paciência, muita coragem. Em Angola, os adversários eram três.

O que pergunto é: como foi possível que os partidários do 25 de Abril tenham acreditado em acordos e promessas que dois dias depois já estavam caducos, e que esses partidos angolanos que lutavam pelo poder pudessem vir a negociar uma solução para uma independência honrosa, mantendo a paz entre todas as etnias?

Em Angola existem 9 grandes grupos étnico-linguísticos e 80 subgrupos designados por tribos, que constituem a população nativa. Foram os portugueses que conseguiram o milagre de os unir e de pô-los a viver em paz. Foram os portugueses que edificaram as fronteiras da actual Angola, e foram os portugueses e os nativos que as construiram.

Meninas brancas, pretas e mestiças brincam juntas na piscina de Sá da Bandeira…

Para os lados da Serra da Leba, numa pequena cascata, lavadeiras brancas e pretas, lado a lado, onde lavam as suas roupas, sem problemas...

Por desconhecerem esta realidade, por incapacidade de compreendê-la, por cobardia, ou simplesmente por vil traição, os governantes do pós-25 de Abril de 74 foram responsáveis por 27 anos de uma guerra civil atroz, que resultou em perto de 1 milhão de mortos, centenas de milhares de feridos, milhões de desalojados, milhões de minas deixadas por toda a parte, e um país completamente destruído.

Daqui a 30 ou 40 anos, quem dos nossos netos se vai lembrar daquela terra amada onde centenas de milhares de portugueses e angolanos, de todas as cores e credos, contruíram um país único no mundo africano? Quem daqui a 30 ou 40 anos saberá que eles foram atraiçoados, por gente alheia à sorte dos seus compatriotas, que viviam um calvário e que vergonhosamente tiveram de abandonar tudo o que possuíam, deixando para trás muitos anos de duro labor sem compensação alguma?

Seria assim tão importante para os angolanos que o Presidente da República e a maioria dos ministros e deputados fossem negros? Importante teria sido serem escolhidos como representantes das suas etnias, e pelas suas capacidades de governar. Ora, uma das maiores tragédias que se abateu sobre Angola foi a fuga desordenada da etnia branca e da totalidade dos seus quadros, o que desequilibrou o país durante muitos anos.

O povo português da então metrópole também foi ludibriado pelos partidários do 25 de Abril, que acusavam os "retornados" (sendo que dezenas de milhares deles nunca tinham sequer ido a Portugal) de todos os males e, designadamente, o de terem andado em África a "roubar os pretos", males que afinal tiveram origem no colapso da política em Portugal no pós-25 de Abril de 1974.

Será que o povo esqueceu, ou será antes que ignorava que os produtos do então Ultramar que eram exportados para Portugal eram pagos a um preço mais baixo do que o do mercado mundial, e que depois, já manufacturados, eram vendidos a um preço mais elevado? Quem terão sido realmente os "ladrões"?

Silvino Silvério Marques foi o último Governador-Geral de Angola antes do 25 de Abril de 1974. O primeiro foi Paulo Dias de Novais, em 1575. Entre os dois passaram-se 400 anos de presença portuguesa. Algumas nações tentaram

De madrugada o frio aperta no Leste de Angola, irmãos de armas partem para mais uma patrulha.

apoderar-se daquele território, mas houve sempre heróis para o defender. Por fim, foi um pequeno bando de traidores que conseguiu em escassos meses o que durante quatro séculos outras nações não haviam conseguido.

Comunistas e norte-americanos queriam "correr com os europeus" dos territórios onde tinham interesses. Partidários de uma independência rápida, os "abrileiros" resolveram sanear o General Silvino Silvério Marques, bem como alguns outros generais que nunca haviam sido favoráveis ao abandono das então colónias. A ida para África de movimentos comunistas foi um grande flagelo e uma verdadeira maldição que se abateu sobre os povos africanos.

As tropas da FNLA eram tropas do Zaire, com armamento pesado, postas à disposição de Holden Roberto pelo Presidente Mobutu. O MPLA estava completamente esgotado devido a desordens internas, e teve de abrir as prisões para recrutar os seus soldados. As forças da UNITA eram poucas e o Dr. Savimbi "namorou" a etnia branca que queria ficar em Angola. Se tivesse havido eleições, Savimbi tê-las-ia ganho.

Um amigo, o Dr. Pinheiro da Silva, que fez muito pelo ensino em Angola, disse: «O terrorismo nunca foi interno, foi organizado e subsidiado pelos estrangeiros e pelos comunistas, que são os responsáveis pelo alastrar da guerra em todo o território de Angola.»

Não podemos afirmar que a colonização portuguesa tenha sido exemplar, mas, se comparada com as de outros países europeus, teve as suas boas idiossincrasias. Bastará dizer que durante a Segunda Grande Guerra Mundial (1939–1945) dezenas de milhares de africanos perderam a vida nas diversas frentes de combate na Europa e em África, numa guerra que não lhes dizia respeito. O Governo português da época teve a sensatez de permanecer neutro, o que poupou a vida a muitos milhares de cidadãos portugueses, brancos uns e negros outros.

Norton de Matos tinha mil vezes razão quando afirmou: «Que nunca consentireis que os Territorios de Além-Mar, onde há cinco séculos trabalhamos e sofremos, sejam considerados terra de ninguém, onde outros povos se possam estabelecer livremente.» Portugueses e angolanos, brancos

Crianças de uma escola católica dando as boas-vindas ao Sr. Governador-Geral Rebocho Vaz aquando da sua visita ao Norte de Angola, em Agosto de 1970.

e negros, foram "corridos" para que mais tarde milhares de "amarelos", os chineses, viessem, como vieram já, a protagonizar uma nova colonização – não apenas em Angola, mas também noutros países. Sem guerras nem massacres, com grandes sorrisos, ajudas e promessas, para melhor explorarem as riquezas daqueles países, sem grande proveito para as populações mais carentes. Hoje, estão em todo o lado, onde decerto permanecerão por muito tempo ainda.

É preciso lembrar que em 1974, antes do 25 de Abril, Angola era um colosso de riquezas, só ultrapassado pela África do Sul. Tinha petróleo, diamantes, ferro e outros minerais, que eram pouco explorados. No entanto, uma sua outra enorme riqueza reside nos seus rios. Pois água com fartura é sinónimo de uma agricultura e de uma pecuária potentes que, se bem exploradas, dariam de comer a todo o povo angolano. Num país com 7 milhões de habitantes teria sido fácil para o Governo da época encontrar um equilíbrio entre os mais ricos e os mais pobres, incluíndo nisso todas as etnias. Era o que as autoridades tinham a intenção de fazer, caso tivesse sido possível.

Em Angola, em 1974, não havia guerra, mas sim um patrulhamento das fronteiras para evitar penetrações de guerrilheiros que tinham as suas bases nos países vizinhos, e cujo maior feito de armas era o de atacar povoações indígenas pacatas, sobretudo no Norte e no Leste, apesar de aquelas se defenderem, pois tinham armas para isso, fornecidas pelo Governo-Geral.

Durante a minha estadia, de 1970 até ao final de 1974, nunca ouvi falar de um ataque de guerrilheiros a uma cidade importante ou à mais modesta vila do interior de Angola. A prova é que durante os 55 meses em que percorri Angola, do Norte ao Sul, de Leste a Oeste, por estradas alcatroadas e outras de terra batida perdidas no meio da mata, fazendo muitos milhares de quilómetros, descendo dois dos maiores rios em barcos de borracha, o Cubango e o Cunene, sem nenhuma escolta, dormindo em quimbos dentro da minha carrinha, em companhia da minha mulher e por vezes dos meus filhos, então de 6 e 12 anos, nunca encontrei um guerrilheiro.

**O Governador-Geral no meio da população à chegada a uma aldeia no Norte de Angola.
Note-se que não está acompanhado por nenhum segurança.
Qual o país africano ou mesmo europeu, em que tal coisa poderia acontecer?**

Em Luanda e noutras cidades havia decerto simpatizantes dos três grupos de guerrilha, mas nunca se manifestavam, e nunca tive a oportunidade, nem os meus companheiros, de os encontrar e falar com eles. Convém não esquecer que uma grande maioria da população, branca ou negra, não queria qualquer contacto com a guerrilha. Nessa altura havia mais segurança nas cidades e nas estradas de Angola que hoje nas cidades e estradas da Europa. Seria isto, um país em guerra? Era o que afirmavam os media do mundo inteiro, porém sem nunca terem estado em Angola.

Nenhum dos movimentos de guerrilha que diziam agir em nome das populações nativas de Angola tinham qualquer poder, e foi o morticínio das populações de civis. Na década dos anos 1970, o número de africanos abatidos é muito superior ao dos europeus, incluíndo os militares. Convém também não esquecer que os autores dos massacres do Norte de Angola, em Março de 1961, perpetrados sobre uma população pacata de negros e brancos, estiveram presentes à mesa das negociações do Alvor, ao lado dos autores do 25 de Abril. Um insulto intolerável e grosseiro à memória daqueles que tombaram, ou que ficaram estropiados em defesa de Angola e do seu povo.

Podem os "abrileiros" orgulhar-se daquilo que fizeram: de terem acabado com a "ditadura", de terem dado a "liberdade" ao povo de Portugal e aos povos do então Ultramar, ou até de terem empurrado esses mesmos povos para "os braços" da União Soviética. Mas será que se orgulham de terem sido responsáveis pela sangrenta guerra civil que sucedeu à dita "descolonização exemplar"?

Livros sobre este trágico período, existem às dezenas, uns contando verdades mas muitos mais narrando mentiras.

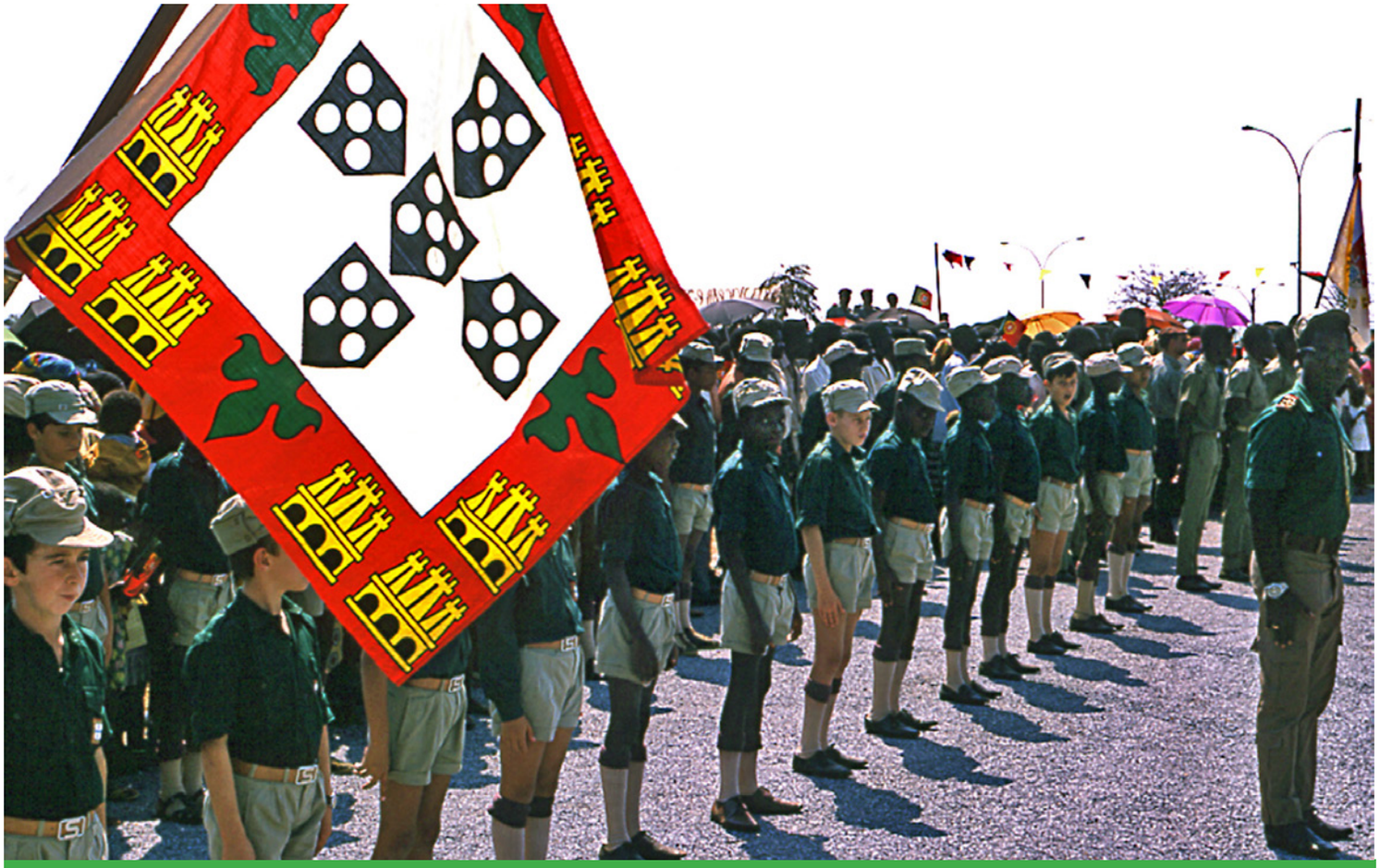
Operárias brancas e pretas, lado a lado, trabalhando numa fábrica de enlatados de atum em Benguela...

Dos que li, cito dois que considero estarem muito mais perto da verdade, e que todos aqueles a quem interessa o fim das províncias ultramarinas deveriam ler: "Longe está a Lua", de Rogéria Guillemans, e "Segredos da descolonização de Angola", de Alexandra Marques. Infelizmente para os Angolanos, tudo mudou a partir de 25 de Abril de 1974 e da celébre Revolução dos cravos. Uma revolução que em Angola foi de sangue.

Pelo o que vi e ouvi depois do 25 de Abril de 1974, uma grande parte da população de Portugal, sobretudo jovem, estava disposta a ser um novo satélite da União Soviética. Cabelos longos, barba, punho levantado e bandeiras vermelhas desfraldadas, como os «companheiros cubanos», pois estava na moda… Felizmente, havia ainda em Portugal patriotas, que não aceitaram a nova desgraça que estava prestes a abater-se sobre o martirizado país.

Angola era um país pacifico, próspero e muito rico, cobiçado por muitas nações, e cuja população, de todas as cores e etnias, confiava nas forças armadas para a defender. Ainda em 1974, após o 25 de Abril, as fronteiras foram abertas ao inimigo, com a conivência dos chefes militares do MFA, do Partido Comunista de Álvaro Cunhal e do Governo de Lisboa, que deixaram entrar em Angola grupos armados pertencentes aos partidos que tinham combatido as tropas portuguesas sem nunca conseguirem impôr-se no terreno, bem como instrutores de Moscovo e mercenários cubanos armados com material pesado, tudo isto perante a passividade e a cooperação do exército português e dos "abrileiros", muito antes da independência. Uma traição, um insulto à memória daqueles que tombaram ou ficaram feridos para defender o Ultramar português.

A Nação Portuguesa, na sua maioria, não era comunista, e apenas desejava um pouco mais de liberdade e uma



**À sombra da Bandeira das Quinas todos eram Portugueses.
Luanda, Dia de Portugal, em 1973.**

democracia, seguindo o exemplo dos países ocidentais. As eleições livres aguardadas pelos angolanos teriam dado a vitória a Jonas Savimbi. A população, na sua grande maioria, nada queria ter a ver com o MPLA, comunista, nem com a FNLA, responsável da terrível chacina de 1962 no Norte de Angola. Os «camaradas» de Lisboa e de Luanda, por estarem enfeudados na União Soviética, temiam essa vitória, que iria aniquilar os seus planos, ou seja, a entrega de territórios, povos e bens das provincias ultramarinas à URSS, sem auto-determinação, sem discussão, e sobretudo o mais rapidamente possível. A partir de Agosto de 1974, já não havia entendimento, e a situação em Angola tornou-se terrível, um caos impossível de conter. Assim se deu Angola, de mão-beijada, à União Soviética, com a cumplicidade dos «abrileiros» e dos comunistas portugueses. Nessa altura, o canal de Suez estava fechado, e os petroleiros eram obrigados a passar pelo Canal de Moçambique e pela Costa Atlântica de Angola. Foi assim que aquela rota estratégica caiu nas mãos dos cúmplices dos soviéticos sem que alguma guerra tenha sido declarada.

Sobre o 25 de Abril de 1974, disse Marcello Caetano: «Em poucas décadas estaremos reduzidos à indigência, ou seja, à caridade de outras nações, pelo que é ridículo continuar a falar de independência nacional. Para uma nação que estava a caminho de se transformar numa Suíça, o Golpe de Estado foi o principio do fim. Resta o Sol, o Turismo e o servilismo de bandeja, a pobreza crónica e a emigração em massa. Veremos alçados ao Poder analfabetos, meninos mimados, escroques de toda a espécie que conhecemos de longa data. A maioria não servia para criados de quarto e chegam a presidentes de câmara, deputados, administradores, ministros e até presidentes de República.»

O Governo de Marcello Caetano trabalhou e sonhou em fazer dos países que compunham o Ultramar nações multi-raciais, sobretudo Angola, e esse objectivo quase foi atingido. Nos anos 1970, os angolanos discutiam com relativa liberdade a ideia de uma independência próxima, mas ficando ligados a Portugal, e davam como exemplo o Brasil. Ou seja, antes do 25 de Abril de 74, já se respirava

Pois é, afinal sempre conseguiram a tal independência total, e mais rapidamente do que julgavam, graças aos «abrileiros», o que ocasionou uma guerra civil atroz que destruiu completamente o País, causou perto de 1 milhão de mortos e centenas de milhares de estropiados. Já lá vão 40 anos e o Povo Angolano ainda está a pagar pelos erros cometidos pela tal «descolonização exemplar».

essa Liberdade, sobretudo em Luanda. Eu tinha muitos contactos com diversas pessoas, militares e vários jornalistas dos diários de Luanda e de outras cidades, e todos ansiavam por essa independência o mais rapidamente. Nos anos 1970, um enorme esforço foi feito em Angola no ensino e na saúde, na construção civil, na construção de estradas, barragens, pontes, aeroportos, portos, etc. A evolução das indústrias, minas, pecuária, pesca, agricultura, era fantástica. Angola não se podia comparar com outros países africanos entretanto tornados independentes, e que, infelizmente, caíram num poço sem fundo de miséria, fome, guerras, mortes e corrupção.

Seria possivel uma nação multirracial, apesar de haver em Angola cerca de 80 etnias diferentes? Ninguém censura o Brasil por ter uma população de origem europeia que fez a sua riqueza e que poderia ter sido um exemplo para Angola e Moçambique. Um outro país que conseguiu o milagre da passagem de poderes foi a África do Sul, onde a população negra sofreu com o racismo durante décadas, orgulhando-se hoje de ser um país multirracial.

É certo que o Governo de Marcello Caetano também teve culpas no que aconteceu. Não teve mão nos generais, na hierarquia do exército, e deixou a situação deteriorar-se, levando ao 25 de Abril. Uma outra lacuna do Governo marcelista foi a de não ter criado uma elite, e também quadros e funcionários naturais do País, brancos uns e negros outros, a fim de mais tarde, numa passagem de poderes, viabilizarem a governação em democracia. Caetano teve também responsabilidades na não-abertura das fronteiras a uma maior emigração europeia, ou de outros países, o que teria sido uma riqueza extraordinária para Angola e Moçambique.

Tudo está dito? Não, ainda há muitas verdades por dizer. A Angola que conheci, a Angola que centenas de milhares de cidadãos conheceram, morreu. Angola é agora um novo país africano que não conheço. Desejo-lhe muita paz e progresso, pois bem o merece, e tem recursos para isso. Infelizmente, falta-lhe um «Mandela» para governar...

ANEXOS

SENHOR GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

EXCELÊNCIA:

Conforme o solicitado por V.Exª., venho a informar que a colecção de "SLIDES" a côres (2.000 sobre os diversos aspectos de vida e paisagens Angolanas) será entregue a esse Governo Geral em Dezembro próximo, sendo o seu custo (a liquidar depois da entrega) de 400.000$00.

Entretanto, em 8 Setembro próximo serão mostrados a V.Exª. os restantes "SLIDES" da referida colecção.

Apresento a V.Exª. os meus cumprimentos.

Luanda, 18 de Agosto de 1972.-

JEAN CHARLES PINHEIRA

S. R.
REPÚBLICA PORTUGUESA
PROVÍNCIA DE ANGOLA

CENTRO DE INFORMAÇÃO E TURISMO DE ANGOLA

TELEG. CITA

Exmº. Senhor

Jean Charles Pinheira

LUANDA

Sua referência	Sua comunicação de	Nossa referência	C. P. 1240 — LUANDA
		09229/1820/06.01.21	

ASSUNTO

Em referência à carta de 18AG072, transcrevo a V.Exª. o despacho que o assunto, referido na mesma, mereceu de Sua Excelência o Governador-Geral:

" Os 2.000 slides são uma selecção de 50.000. Podem efectivamente ser escolhidos de acôrdo com a orientação que o CITA melhor julgar: etnografia,urbanização, indústria etc. etc.
Nada a opôr a que se estabeleça contacto vizando a hipóteze de pagamento em 1973, repito, caso o CITA tenha interesse.

28/8/972

ASS: Rebocho Vaz "

Assim sendo, solicito a V.Exª. que apresente neste Centro, para apreciação, com a urgência possível, o material fotográfico que sugere venha a ser adquirido.

Com os melhores cumprimentos,

A BEM DA NAÇÃO

CENTRO DE INFORMAÇÃO E TURISMO DE ANGOLA,EM LUANDA,AOS 8 DE SETEMBRO DE 1972.-

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS,

HENRIQUE CHAGAS LOPES
CORONEL DO CEM

J. de Carvalhos

Apesar de todos os meus esforços junto dos antigos e novos Governos de Angola e de Portugal, antes e depois do 25 de Abril, nunca o CITA fez a escolha dos slides. Em fins de 1972, o Governador-Geral mudou, o que certamente explica este procedimento. Depois do 25 de Abril de 1974 houve outras prioridades, e tudo ficou sem efeito.

Depois de um dia de brincadeira no «Barracuda», o Olivier e a Iona adormeceram na mesa da redacção do jornal «A Provincia de Angola». Fotografia de João Pestana.

Luanda, 30-10-72

Direcção Geral dos Serviços de Pecuária
Rua Victor Gordon nº 4 - Lisboa.

Exmo Senhor Director,

Tendo em meu poder um felino (Panthera Pardus) do qual sou tratador, e pretendo para trabalhos cinematograficos sobre Angola, afim de divulgar o Ultramar português no estrangeiro, venho por este meio solicitar com urgência, a V. Exa se digne autorizar o ingresso na metropole do referido animal que será entregue, depois da conclusão dos meus trabalhos, como oferta a S. Exa o Sr. Ministro do Ultramar conforme combinado na sua ultima visita a este Estado em Outubro de 1972.

Com toda a consideração,

De V. Exa.
Atenciosamente.
J. C. Pinheira

Luanda, 30-10-72

Exmo Senhor Director, dos
Serviços de Veterinaria
Luanda

Exmo Senhor.

Tendo em meu poder um felino (Panthera Pardus) de 10 meses de idade, do qual sou tratador, e a fim de poder realizar uns trabalhos cinematograficos e fotograficos sobre Angola, venho por este meio solicitar a V. Exa se digne autorizar a sua circulação dentro deste Estado assim como a respectiva guia de embarque do referido animal, após que o mesmo seguirá para a Metropole em minha companhia, para ser oferecido a S. Exa o Ministro do Ultramar, conforme o combinado na sua visita a Angola em Outubro de 1972.

Com toda a consideração

De V. Exa
Atenciosamente,
J. C. Pinheira

C.I.T.A-CT 1240
Luanda.

Cartas escritas aos serviços de Veterinária de Luanda e de Lisboa para tentar embarcar, por avião, a Iona rumo à Europa.

S. R.

PROVÍNCIA DE ANGOLA

Direcção dos Serviços de Veterinária de Angola

TELEFONES, 7501/7503 — TELEGRAMAS, VETERINARIA — LUANDA

U R G E N T E

EXMO SENHOR
J. C. Pinheira
Caixa Postal 1240

L U A N D A

V/ Referência	V/ Comunicação	N/ Referência	Av. Paulo Dias de Novais Cx. P. 527 — LUANDA
		11160 1920 /12.09.2/F.	

Assunto :- Trânsito de um felino para a Metrópole.-

1.- Reportando-me ao assunto da carta de V. Exa., datada de 30/10/72, cumpre-me informar que, apenas por se tratar de uma determinação do Governo Geral, esta Direcção, excepcionalmente autoriza o embarque do animal (Panthera Pardus), porém, condicionada à apresentação de um documento da Direcção Geral dos Serviços Pecuários, a autorizar a sua entrada na Metrópole, sem o que estes Serviços não poderão emitir qualquer licença, para o efeito.

2.- Quanto à livre circulação do animal, não é de permitir, devendo o mesmo ser mantido em cativeiro, até o seu embarque.

Apresento a V. Exa. os meus cumprimentos.-

A bem da Nação.

Direcção dos Serviços de Veterinária, em Luanda, aos 22. DEZ. 1972

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS,

JOSÉ HENRIQUE DO AMARAL FERNANDES.-

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS PECUÁRIOS

3009 /S.P.F.

Exmº. Snr. J.C. Pinheira
C.I.T.A.
C.P. 1240

LUANDA

ASSUNTO: Entrada no território metropolitano de 1 felino (Panthera Pardus), procedente de Angola

Na posse a sua carta, datada de 30 do mês findo, no qual me é solicitada autorização para a entrada de 1 felino (Panthera Pardus) proveniente da Província de Angola, oferece-se-me comunicar-lhe o seguinte:

a) - Por virtude da variabilidade que a dispersão dos casos de raiva pode oferecer, esta Direcção-Geral suspendeu a emissão de parecer sanitário prévio para a entrada da pantera dessa Província, considerando-se inoportuna, em princípio, a entrada na Metrópole de panteras de Angola;

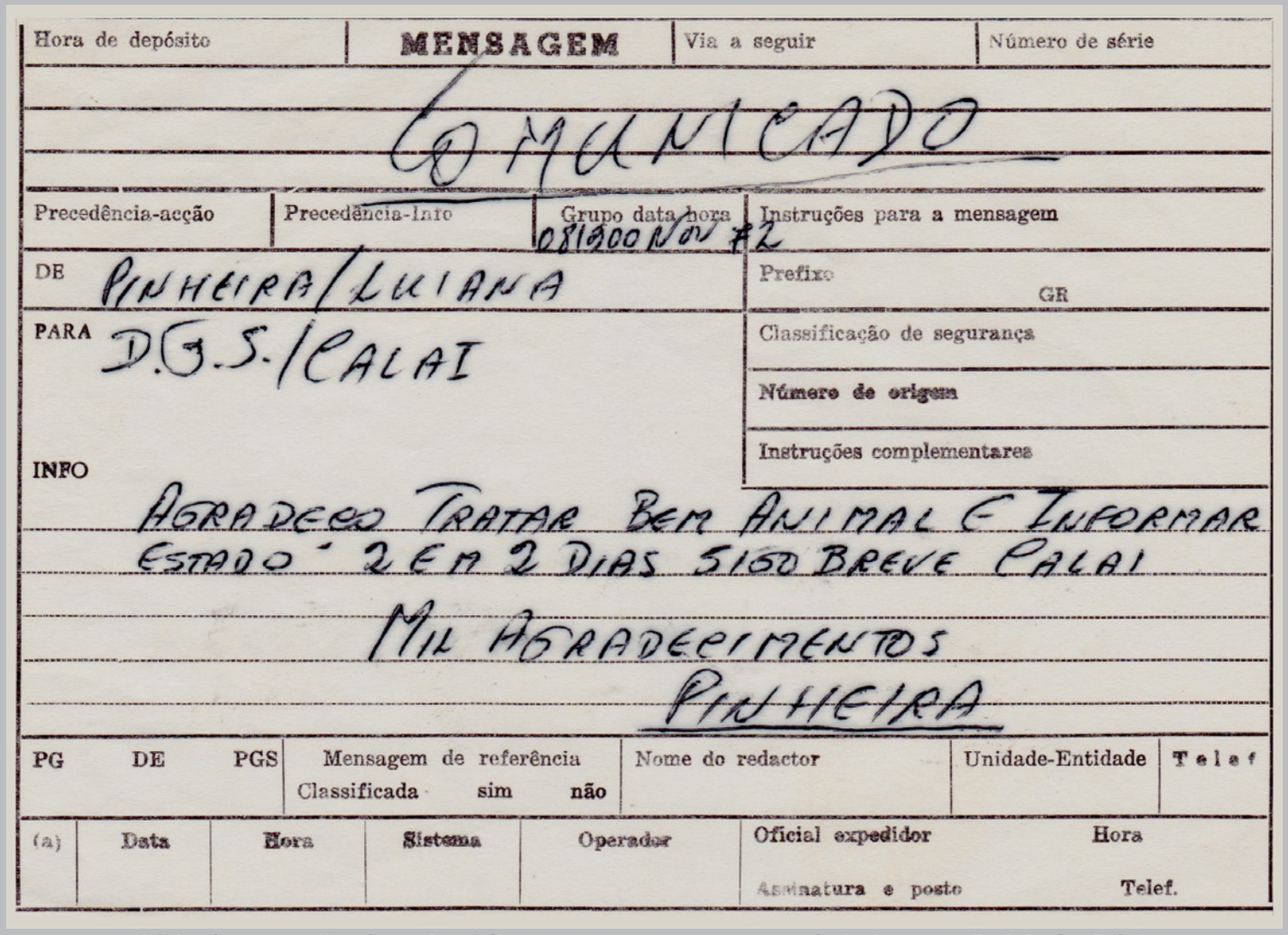
b) - Todavia o assunto poderá ter viabilidade desde que os Serviços Veterinários de Angola, com sede em Luanda, os quais superintendem em todos os casos relacionados com a saúde dos animais, inclusivé os respeitantes às exportações, possam certificar, nos termos das Convenções Internacionais Veterinárias, que a pantera a enviar para o Continente apresenta no momento do embarque todas as possíveis garantias de indemnidade relativamente ao terrível flagelo que é a raiva.

Deverá, portanto, V.Exª. dirigir-se ao Director dos Serviços Veterinários da Província.

A bem da Nação
Lisboa, em 10 de Novembro de 1972
O DIRECTOR-GERAL,

/E.P.

Correspondência trocada com os Serviços de Veterinária de Luanda e de Lisboa, a fim de tentar embarcar a Iona, por avião para a Europa.



Hora de depósito | **MENSAGEM** | Via a seguir | Número de série

COMUNICADO

Precedência-acção | Precedência-Info | Grupo data/hora 081900 Nov 82 | Instruções para a mensagem

DE PINHEIRA/LUIANA | Prefixo GR

PARA D.G.S./CALAI | Classificação de segurança | Número de origem | Instruções complementares

INFO

AGRADECO TRATAR BEM ANIMAL E INFORMAR ESTADO 2 EM 2 DIAS SIGO BREVE CALAI

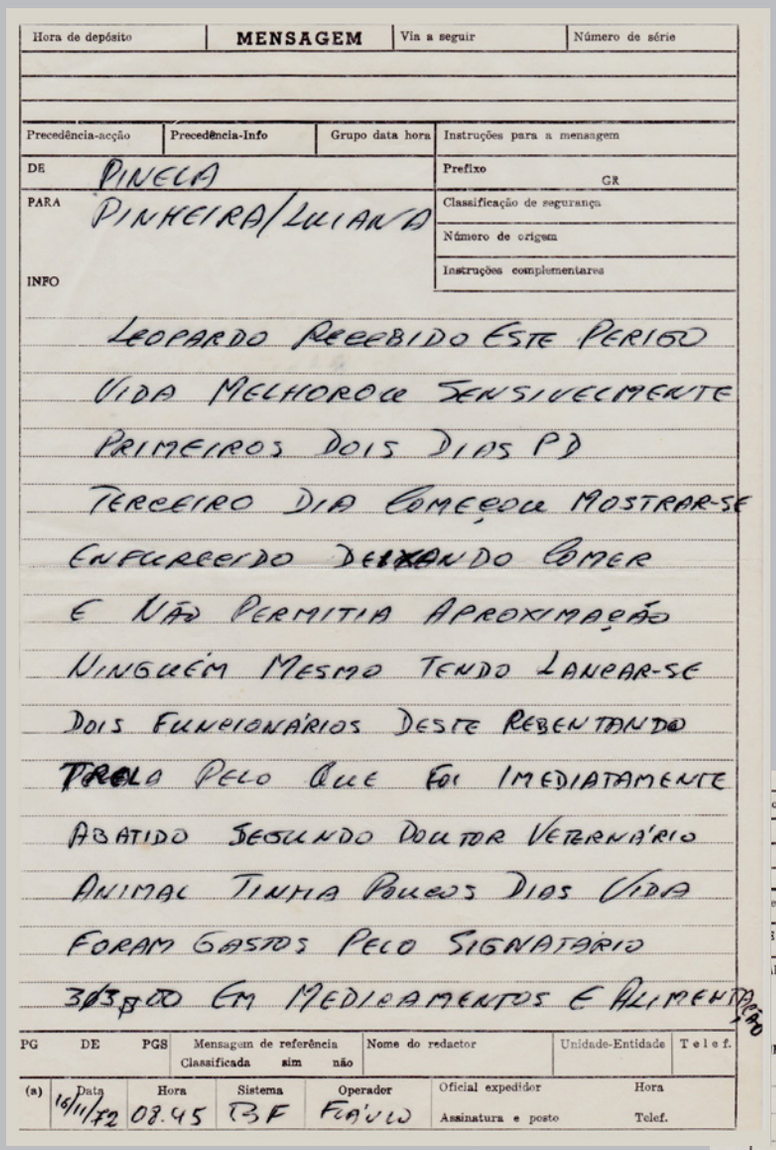
MIL AGRADECIMENTOS

PINHEIRA

PG | DE | PGS | Mensagem de referência Classificada sim não | Nome do redactor | Unidade-Entidade | Telef

(a) | Data | Hora | Sistema | Operador | Oficial expedidor Hora | Assinatura e posto Telef.

Série de comunicados, via rádio, entre o acampamento da Luiana e a D.G.S. do Calai.



Hora de depósito | **MENSAGEM** | Via a seguir | Número de série

Precedência-acção | Precedência-Info | Grupo data hora | Instruções para a mensagem

DE PINELA

PARA PINHEIRA/LUIANA

INFO

Prefixo GR

Classificação de segurança

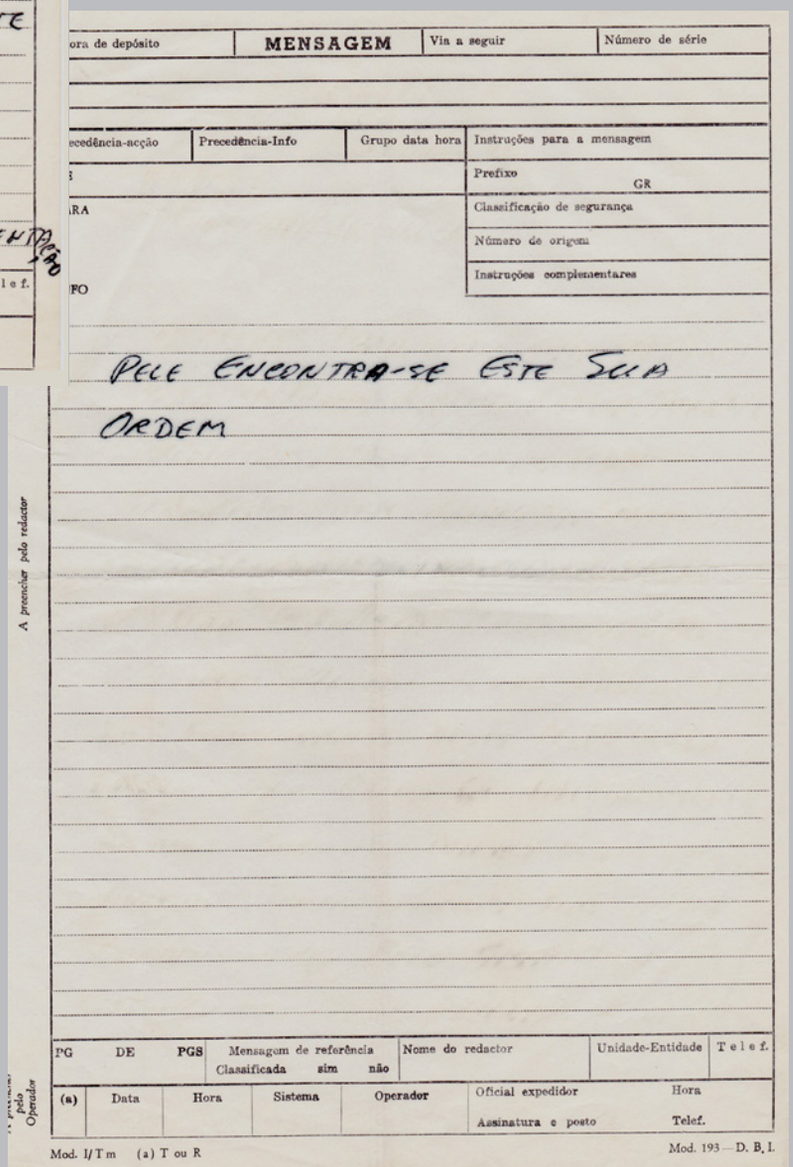
Número de origem

Instruções complementares

LEOPARDO RECEBIDO ESTE PERIGO
VIDA MELHOROU SENSIVELMENTE
PRIMEIROS DOIS DIAS PD
TERCEIRO DIA COMEÇOU MOSTRAR-SE
ENFURECIDO DEIXANDO COMER
E NÃO PERMITIA APROXIMAÇÃO
NINGUÉM MESMO TENDO LANÇAR-SE
DOIS FUNCIONÁRIOS DESTE REBENTANDO
PELO QUE FOI IMEDIATAMENTE
ABATIDO SEGUNDO DOUTOR VETERNÁRIO
ANIMAL TINHA POUCOS DIAS VIDA
FORAM GASTOS PELO SIGNATÁRIO
3$00 EM MEDICAMENTOS E ALIMENTAÇÃO

PG | DE | PGS | Mensagem de referência Classificada sim não | Nome do redactor | Unidade-Entidade | Telef.

(a) | Data 16/11/72 | Hora 08.45 | Sistema TBF | Operador FÁVIO | Oficial expedidor Assinatura e posto | Hora Telef.



ora de depósito | **MENSAGEM** | Via a seguir | Número de série

ecedência-acção | Precedência-Info | Grupo data hora | Instruções para a mensagem

RA

FO

Prefixo GR

Classificação de segurança

Número de origem

Instruções complementares

PELE ENCONTRA-SE ESTE SUA
ORDEM

A preencher pelo redactor

PG | DE | PGS | Mensagem de referência Classificada sim não | Nome do redactor | Unidade-Entidade | Telef.

(a) | Data | Hora | Sistema | Operador | Oficial expedidor Assinatura e posto | Hora Telef.

A preencher pelo Operador

Mod. 1/Tm (a) T ou R

Mod. 193 — D. B. I.

pelo centro transmissões

Hora de depósito	MENSAGEM	Via a seguir	Número de série
	COMUNICADO		

Precedência-acção	Precedência-Info	Grupo data hora	Instruções para a mensagem
		150930 NOV 72	

DE LUIANA

Prefixo GR

PARA CALAI

Classificação de segurança

Número de origem

INFO

Instruções complementares

DECLARAÇÕES PILOTOS S. A. LEOPARDO

ENTREGUE PINELA PERFEITO ESTADO SAÚDE.

E ABATIDO A TIRO MESMO INDIVIDUO.

SIGO IMEDIATAMENTE LUANDA FALAR

GOVERNADOR GERAL RESPONSABILIZANDO

PINELA MORTE ANIMAL.

A preencher pelo redactor

PG	DE	PGS	Mensagem de referência Classificada sim não	Nome do redactor	Unidade-Entidade	Telef.

pelo Operador

(a)	Data	Hora	Sistema	Operador	Oficial expedidor Assinatura e posto	Hora Telef.
TR	15/11/72	09.35	BF	FLÁVIO		

Mod. I/T m (a) T ou R

Mod. 193 — D. B. I.

Em Luanda e em Lisboa, apesar de todos os meus esforços, as minhas «démarches» foram infrutíferas e tudo ficou «em águas de bacalhau».

JEAN-JACQUES DUCOS
EXPERT FISCAL
346, RUE DES PYRÉNÉES
PARIS. 20e
PYRÉNÉES 70-17

le 21. 2. 73

Mon cher ami,

Ci-joint la lettre de la TV.

J'ai vu M. Dos Santos de la Casa du Portugal qui m'a très aimablement reçu, a pris note de nos désirs et doit me donner une réponse.

J'espère que tout va bien pour vous et que nous serons tous réunis en Angola dans peu de temps.

Amitiés

Votre ami

J. Jacques

Cartas do meu amigo Sr. Ducos e da televisão francesa confirmando a reportagem encomendada sobre a Palanca Negra. Infelizmente, o Sr. De La Grange faleceu e nada pôde ser feito.

OFFICE DE RADIODIFFUSION-TÉLÉVISION FRANÇAISE

François de la Grange
O.R.T.F
34-36, rue des Alouettes
PARIS 19ème

Paris, le 6 Février 1973

Monsieur Jean Jacques DUCOS
346, rue des Pyrénées

PARIS 19ème

Cher Ami,

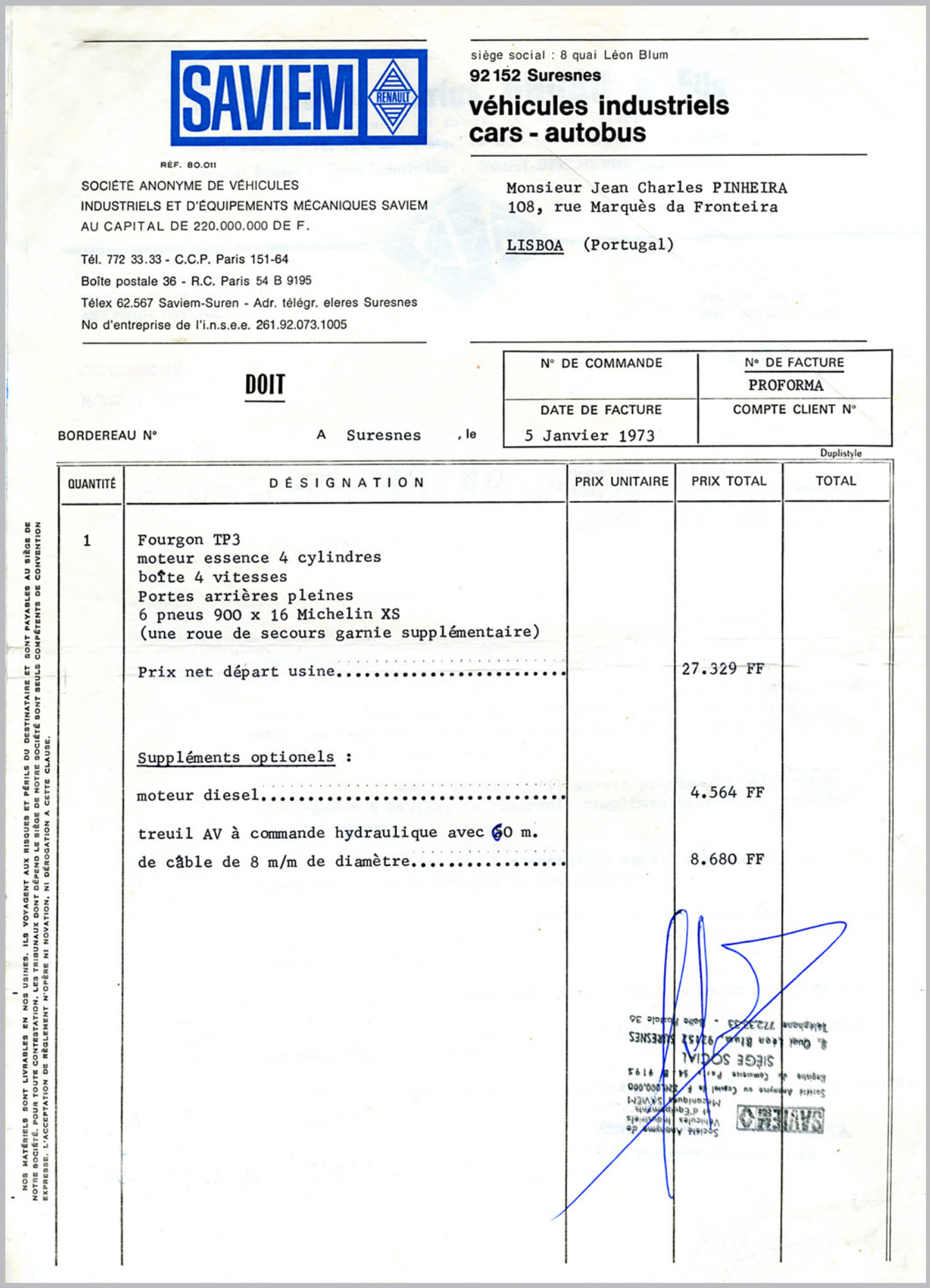
Reprenant notre série des "Animaux du Monde", nous serions heureux de renouveler avec vous une collaboration qui s'est révélée bénéfique lorsque nous avions diffusé vos images sur les animaux de l'Angola.

Voudriez-vous nous faire savoir si vous avez d'autres projets du même ordre et nous tenir informés le cas échéant.

Il n'est d'ailleurs pas exclu que nous puissions vous aider en vous fournissant la pellicule et en assurant le montage de vos documents, moi-même serais heureux heureux de vous accompagner pour assurer interviewes et commentaires.

Veuillez croire, Cher Ami, à l'assurance de mes sentiments les meilleurs.

F. de la Grange



SAVIEM

RÉF. 80.011

SOCIÉTÉ ANONYME DE VÉHICULES
INDUSTRIELS ET D'ÉQUIPEMENTS MÉCANIQUES SAVIEM
AU CAPITAL DE 220.000.000 DE F.

Tél. 772 33.33 - C.C.P. Paris 151-64
Boîte postale 36 - R.C. Paris 54 B 9195
Télex 62.567 Saviem-Suren - Adr. télégr. eleres Suresnes
No d'entreprise de l'i.n.s.e.e. 261.92.073.1005

siège social : 8 quai Léon Blum
92 152 Suresnes

véhicules industriels
cars - autobus

Monsieur Jean Charles PINHEIRA
108, rue Marquès da Fronteira

LISBOA (Portugal)

DOIT

N° DE COMMANDE	N° DE FACTURE
	PROFORMA
DATE DE FACTURE	COMPTE CLIENT N°
5 Janvier 1973	

BORDEREAU N° A Suresnes , le

Duplistyle

QUANTITÉ	DÉSIGNATION	PRIX UNITAIRE	PRIX TOTAL	TOTAL
1	Fourgon TP3 moteur essence 4 cylindres boîte 4 vitesses Portes arrières pleines 6 pneus 900 x 16 Michelin XS (une roue de secours garnie supplémentaire)			
	Prix net départ usine.....		27.329 FF	
	Suppléments optionels :			
	moteur diesel.....		4.564 FF	
	treuil AV à commande hydraulique avec 60 m. de câble de 8 m/m de diamètre.....		8.680 FF	

NOS MATÉRIELS SONT LIVRABLES EN NOS USINES. ILS VOYAGENT AUX RISQUES ET PÉRILS DU DESTINATAIRE ET SONT PAYABLES AU SIÈGE DE NOTRE SOCIÉTÉ. POUR TOUTE CONTESTATION, LES TRIBUNAUX DONT DÉPEND LE SIÈGE DE NOTRE SOCIÉTÉ SONT SEULS COMPÉTENTS DE CONVENTION EXPRESSE. L'ACCEPTATION DE RÈGLEMENT N'OPÈRE NI NOVATION, NI DÉROGATION À CETTE CLAUSE.

Em 1973, pensava ficar em Angola e comprar um camião todo equipado para me dedicar a fotografar, principalmente a flora e a fauna. O banco não me concedeu o crédito que esperava. O que acabou por ser a minha sorte, pois com a situação catastrófica de 1974/75, teria ficado sem todo esse material. Mais um sonho que se desvaneceu...

JEAN CHARLES PINHEIRA

Rua Marquês de Fronteira, 108 - 1º Esq. LISBOA 1

Lisboa, 22 de Fevereiro de 1973

Exmo. Senhor

Director-Geral do Banco de Angola,

LISBOA.

Exmº. Senhor,

Nos termos da conversa tida em Luanda com o Exmº. Snr. Dr. Oliveira e Castro, sôbre a ilustração do livro referente ao 50º aniversário do Banco de Angola, no que respeita a fotografias de:

- Borboletas, Insectos, Répteis, Pássaros, Animais Selvagens, Peixes, Conchas e outros, cujo total atingirá umas centenas de slides originais 60 X 60 e 60 X 90, em exclusivo para o Banco de Angola, é evidente que para realizar uma tal colecção, que por não existir terá de ser levada a cabo mediante um trabalho exaustivo e de muito difícil realização no plano técnico, necessário se torna a aquisição de material e meios de acção adaptados à vida africana e a longas estadias na floresta.

Como é do conhecimento de V. Exª., Angola não possui, neste aspecto, fontes de abastecimento pelo que se tornaria necessário proceder à compra de todo o material e aparelhagem indispensável, aqui na Europa, para que se pudesse levar a bom termo e no mais curto espaço de tempo um trabalho de tão grande responsabilidade.

Seria necessário um camião "Saviem" equipado para longas estadias na floresta,

- Equipamento fotográfico "HASSELBLAD" 60 X 60,
- Equipamento fotográfico "NIKON" 24 X 36
- Equipamento de som
- Equipamento diverso
- Filmes a cores

num total de Esc. 800.000$00, para o que necessito de um adiantamento de Esc. 600$000$00, nas condições a estabelecer de comum acordo.

Tendo de partir para Angola, a terminar alguns trabalhos que ali ficaram em suspenso, muito grato ficaria a V. Exª se enquanto me demoro em Lisboa, quizesse ter a bondade de me dar uma resposta sobre este assunto.

Com a mais elevada consideração, me subscrevo,

De V. Exª.
Mtº Attº e Obgdº.,

S R

CENTRO DE INFORMAÇÃO E TURISMO DE ANGOLA

LUANDA

C R E D E C I A L

Solicita-se às Autoridades e Entidades Oficiais a quem for presente esta Credencial se dignem conceder à Senhora MARIE CHRISTINE GASNIER e Senhor JEAN CHARLES PINHEIRA, as necessárias e possíveis facilidades para a realização de trabalhos fotográficos, sem dispendio para a Fazenda Nacional.

CENTRO DE INFORMAÇÃO E TURISMO DE ANGOLA, EM LUANDA, AOS 17 DE SETEMBRO DE 1973.-

p/ O DIRECTOR DOS SERVIÇOS,

/

HENRIQUE CHAGAS LOPES

J. de Lopes

Câmara Municipal de Luanda

N.º.....

Ref.....

A QUEM INTERESSAR

Agradeço as facilidades concedidas ao portador desta, Sr. Jean Charles Pinheira, fotógrafo, que se encontra em Luanda preparando uma reportagem fotográfica destinada a ilustrar uma publicação comemorativa do IV Centenário da cidade de Luanda, intitulada "Vamos descobrir Angola.

Luanda, 6.Abr.74

O Director dos Serviços Centrais

O LOBITO DIÁRIO

Última página

Redacção Administração e Oficinas
Avenida Governador Silva Carvalho (ao Compão)

Cinzas do Carnaval

«FIQUEI ENCANTADA POR VER A população colaborar nas danças»

—disse-nos Marie Christine Gasnier

Marie Christine Gasnier uma jovem repórter francesa, que há oito meses está em Angola, tendo percorrido já largos quilómetros, fazendo fotografia. Foi a única, que este ano desceu o Cunene, num barco de borracha, tendo vencido grandes dificuldades durante o percurso. Sua figura frágil, mas corajosa impõe-se, dado que no meio de dificuldades e privações seu sorriso jamais se apaga.

Está no Lobito pela primeira vez, veio fazer o Carnaval e também fazer fotografia, pois quer fazer um pequeno artigo com fotografias a cores sobre o Carnaval do Lobito, a fim de o enviar ao grande jornal francês PARIS-NORMANDIE, onde seu pai trabalha. Este jornal abrange toda a zona norte de França.

Marie Christine com seu sorriso de menina e sua juventude radiosa, verdadeiramente encantadora, prende com simpatia quem dela se aproxima.

Aconteceu encontrá-la no Exágonos com seu marido, também fotógrafo, entusiasta e de valor, e o diálogo estabeleceu-se sugestivo, franco e interessante.

Junto de nós uma jovem mulher, bem do nosso tempo, que gosta da aventura de percorrer florestas e de viver no meio da natureza.

À primeira pergunta respondeu-nos:

— Gosto do Lobito, é uma cidade limpa, com muita vegetação, lindas vivendas, e belíssimas praias, de águas bastante quentes.

— Gosta do nosso Carnaval? O que tem a dizer-nos sobre o que viu?

— Sim. Nunca tinha vivido um Carnaval tão animado, como este do Lobito. Fiquei encantada por ver a população colaborar nas danças. Se toda a população viesse para a rua, então seria um Carnaval maravilhoso

O desfile foi muito bom. carros bem apresentados, as danças nativas formidáveis, não só pelo colorido, mas pela alegria comunicativa que atirou bastante povo para as ruas, formando grupos onde havia todas as cores a dançarem

O grupo brasileiro deu grande animação ao baile, mas no meu entender o Carnaval do Lobito é um Carnaval diferente do Carnaval do Rio, o Carnaval brasileiro. Achamos que foi uma despesa enorme, que se poderia ter evitado, em benefício dos grupos de cá, pois que o Carnaval de Angola tem as suas características especiais. A rapaziada de cá, a rapaziada nova gosta de dançar o merengue, a rebita e uns «shows». Também temos aqui boas orquestras para animar este Carnaval. O Carnaval do Lobito tem que ser um Carnaval de cá, e o Carnaval brasileiro é de lá.

O Carnaval daqui tem é que ser mais popular, quer dizer a população europeia tem que se misturar mais Não pode ser só o desfile dos componentes das danças nativas. O povo tem que se juntar aos grupos e dançar com eles, durante

o desfile. É o que acontece no Rio, pois *o Carnaval faz-se na rua, o Carnaval é uma festa do povo.* Quem é que faz o *Carnaval do Brasil*? Quem é que faz aqueles grandes desfiles? São aqueles miseráveis das favelas, que quanto mais pobres são, mais comunicativos se mostram. Os dias de Carnaval são os que eles verdadeiramente vivem, o resto do ano trabalham para sobreviver. Eles vivem assim aqueles momentos, fazendo o Carnaval, o Carnaval da rua, que tanta fama alcançou no mundo inteiro.

Acho que o Lobito tem condições para fazer um bom Carnaval, e, em Angola devia haver um Carnaval — o Carnaval do Lobito. Cada Distrito teria a sua delegação. enviaria os seus carros, os seus grupos de danças. O desfile teria uma maior extensão, por exemplo, da Praça Salazar até à ponta da Restinga. Seria então um grande Carnaval, o Carnaval de Angola, aqui no Lobito. Agora estar a dividir forças, fazer um Carnaval em Luanda, depois outro em Nova Lisboa, Sá da Bandeira, Moçâmedes, cada um querendo o seu, não está certo. Luanda teria uma festa noutra data assim como os outros Distritos, de modo a chamar os turistas. Mas deixem o Carnaval para o Lobito, ele já vem sendo um programa há muito tempo e só precisa de um empurrãozinho para se tornar num grande Carnaval. Turisticamente seria um grande valor o Carnaval de Angola, não só turisticamente, mas até sob o ponto de vista político teria um valor imenso. Era mesmo fazer convites a jornalistas e cineastas estrangeiros para que viessem a Angola ver o Carnaval do Lobito, ver o Carnaval de Angola. Pode dizer-se, mas onde é que estão os hoteis, que alojem milhares de pessoas? Ora as pessoas que vêm ao Carnaval, vêm para dançar vêm para folgar, não vêm para descansar. Se querem descansar, então, vão para as águas do Cota-Cota e então ali descansarão. No geral, quem vem ao Carnaval é gente nova que vem para se divertir, por consequência, se houvesse um centro de recepção que distribuisse depois esses grupos de rapazes e raparigas, senhoras e senhores por tendas armadas mesmo na praia, ou nos locais dos parques de campismo (já há um bom parque, um mini-parque, e outros se poderiam fazer desde que arborizassem outros recintos), não seria difícil conseguir-se alojamento para toda a gente a fim de descansarem algumas horas. Vimos grupos descansando na praia. A Câmara poderia mesmo armar essas tendas. E, então, se fossem tendas grandes do exército, onde alojassem vinte, trinta, cinquenta pessoas era formidável. Tendas para mulheres, tendas para homens. Pensar também em fornecer refeições a preços módicos — 5$00 por um prato. Talvez o Centro de Férias fosse uma solução. A Câmara de Luanda poderia ajudar, conseguindo carreiras de autocarros de Luanda-Lobito de modo a que as pessoas menos abastadas do seu distrito pudessem vir ao Lobito

ENTREVISTA DE MARIA HELENA

por um preço mais económico, eu sei lá bilhete de ida-volta por 250$00, 300$00. Seria fantástico, pois essas pessoas por pouco dinheiro que trouxessem sempre gastariam umas centenas de escudos, em bebidas, idas a bailes, ou outras compras que fizessem. Seria um movimento grande para o comércio e indústria hoteleira, o que pesaria bem na economia da cidade.

E quando essa estrada que vem de Luanda, ao longo da costa estiver pronta, e que será um saltinho, ter autocarros, que gente do povo e de todas as cores, e sem muitos recursos possa utilizar, vindo ao Lobito participar do seu Carnaval Angolano.

Ora que venham grupos da Metrópole, do Brasil, de outras províncias ultramarinas, mas que venham fazer concorrência leal, sem dispêndio para os de cá. Vêm concorrer ao Carnaval como qualquer grupo angolano, vêm trazer a sua animação, vêm viver o Carnaval com os de cá. Mas primeiro comecemos pelo panorama angolano e depois então os de fora.

O grupo do Brasil viria a Angola em saudação do povo brasileiro com um subsídio do Governo brasileiro, os da Metrópole com subsídio do Estado Português, e os de outras províncias ultramarinas também com subsídios arranjados lá. Assim não haveria qualquer dispêndio para a Comissão de Turismo do Lobito, e todos os seus fundos seriam empregues com os grupos de cá e toda a organização do Carnaval, incluindo prémios, etc. etc.

O Lobito tem condições extraordinárias para a realização do Carnaval. A avenida, com mar dum lado e doutro, onde corre uma brisa que ameniza o calor. O Carnaval de Angola, tem que ser o Carnaval do Lobito e quando todos se juntarem, sem dividir forças, teremos sem dúvida alguma um grande Carnaval em Angola.

Até os comerciantes, proprietários de hoteis e bares deveriam dar um subsídio para a realização do Carnaval. Todos tiveram grande movimento nestes dias, segundo informações colhidas por nós, portanto, se eles ganham, podem dar um pouco para que o Carnaval se torne melhor de ano para ano. Por exemplo um bar pequeno poderia dar 1500$00, um maior três ou quatro contos, um bom hotel um pouco mais e, não é isso que vai desfalcar as receitas nem nada, pois o subsídio que dão, fará com que vá atrair mais gente cá, pois há possibilidade de uma melhor organização, uma maior publicidade.

Quanto maior for a publicidade mais gente vem, mais bebidas se vendem, mais dinheiro entra, e, é como uma bola de neve que à medida que vai rolando fica cada vez maior.

Agora uma sugestão:

Em um ou dois pontos do percurso deviam ter depósitos com garrafões, barris ou bidões com água fresca, para dar aos dançarinos. É que nós assistimos ao espectáculo do que aconteceu quando os grupos chegavam à ponta da Restinga. Os componentes das danças correram para as torneiras que servem para regar o jardim e beberem água. Ora é natural que depois daquele esforço fantástico tenham sede. Por isso seria agradável que no percurso do desfile alguém os acolhesse e desse água pura com um bocado de limão ou laranja, para os desedentar

Também deviam autorizar no percurso vários postos de venda de cerveja, laranjada ou sorvete e cujo preço fosse um pouco mais elevado que o normal. Haveria um controle e o excedente das vendas efectuadas seria entregue à Comissão de Turismo para o Carnaval do ano seguinte.

A propaganda do Carnaval do Lobito não pode só ser feita cá, tem que ser feita lá fora também, tanto na metrópole, como no estrangeiro. Por que não fazer propaganda nas feiras internacionais? Agora há a Feira de Milão, em Itália. Ora, quando pedissem a documentação, enviar uns folhetos sobre o Carnaval de Angola, no Lobito. Os italianos poderiam não vir, mas tomavam conhecimento do Carnaval de Angola, e da cidade onde se realizava. E isto não ficaria muito dispendioso.

Temos é que ir para a frente com este Carnaval. Não pode é haver rivalidade. Não é Carnaval de Luanda, não é Carnaval do Lobito, é sim, *Carnaval de Angola.* E não há dúvida nenhuma que é o Lobito quem melhor pode representar o Carnaval Angolano. O trabalho tem vindo a ser feito há já alguns anos. E o Carnaval do Lobito já está muito bom. Mais um empurrãozinho, com mais um bocadinho de som, mais um bocadinho de cor, mais um bocadinho de movimento e teremos um Carnaval grande e maravilhoso.

— Que tem para nos dizer da batalha da fuba?

—Verdadeiramente fantástica. Pena é terminar tão bruscamente. Deveria durar uma hora e meia a duas horas, fazendo depois um intervalo de dez minutos, um quarto de hora, para descanso e ao mesmo tempo os carros se retirarem. Então, virem dois ou três conjuntos em cima de camionetas e pararem em diversos pontos da avenida e atacarem com música no final desse pequeno intervalo. O público ainda excitado da batalha dançaria animado durante umas duas a três horas seguindo-se depois uma dispersão mais lenta.

Também deveria haver postos dispersos pela avenida para venda de serpentinas, confetis e outros artigos, uma entrada de 5$00, para suportar os conjuntos que actuassem no final. Vivemos plenamente a batalha, percorrendo a avenida várias vezes, levando com fuba e água, até nossos aparelhos levaram. mas não importa. Foi formidável. Jamais esqueceremos.

E, respondendo, à nossa última pergunta, Marie Christine declarou-nos:

— A noite de terça-feira, no Lusitano foi muito boa, com cor, ritmo e alegria, mas tivemos pena que aquele espectáculo não se prolongasse até à uma hora da madrugada com um baile popular ali mesmo ou numa praça da cidade. Assim, sim, o Carnaval terminaria em grande. Estas quebras fazem com que ele perca bastante. Mas foi um bom Carnaval

E para finalizar o nosso voto de que para o ano se resolvam essas diferenças do Carnaval em Angola, fazendo-se um *único Carnaval, o do Lobito.* Pena é que não estejamos cá para gozar. E que venham muitas moças bonitas de Angola inteira, rapazes e raparigas novas para animar o Carnaval.

Tivemos grande prazer em dialogar com Marie Christine e seu marido. Suas sugestões são de interesse e auguramos, se não todas, pelo menos algumas que sejam aproveitadas por aqueles que têm a

(Conclui na página 11)

noticiário nacional

INSTITUTO POLITÉCNICO DE VILA REAL

LISBOA, 29 — O ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão, confere posse, no próximo sábado, na cidade de Vila Real, à comissão instaladora do Instituto Politécnico.

Aproveitando a deslocação, aquele membro do Governo terá, ainda, reuniões de trabalho com os presidentes das Câmara Municipais e com directores dos estabelecimentos de ensino do distrito.

REFORÇO DE VERBAS PARA ANGOLA E CABO VERDE

LISBOA, 28 — Uma portaria do Ministério do Ultramar publicada hoje na folha oficial abre créditos especiais destinados a reforçar verbas da tabela de despesa ordinária dos orçamentos gerais de Cabo Verde e de Angola para o ano económico de 1973.

BENEFICIOS DA ASSISTÊNCIA NA DOENÇA

LISBOA, 28 — O Diário do Governo publica hoje um decreto lei dos Ministérios das Finanças e do Ultramar tornando extensivos os benefícios da assistência na doença aos servidores civis do Estado, ao pessoal dos organisms consultivos independentes do Ministério do Ultramar e aos funcionários do Ultramar aposentados ou desligados do serviço para efeitos de aposentação.

ACTO CRIMINOSO EM BISSAU

BISSAU, 28 — Pelo Comando da Polícia de Segurança Pública da Guiné foi ontem distribuido o seguinte comunicado: «Pouco depois das 22 horas de ontem, deflagrou um engenho explosivo no Café Ronda, na cidade de Bissau. A explosão provocou um morto civil africano e 63 feridos civis e militares, dos quais seis graves, cujas identidades foram comunicadas às famílias, além de alguns danos materiais.

Este acto criminoso e cobarde mereceu a mais viva repulsa de toda a população».

DESENVOLVIMENTO EM ANGOLA IMPRESSIONA VISITANTES

L. MARQUES, 28 — «Estou vivamente impressionado pelo surto de desenvolvimento que me foi dado ver em Angola, cuja comunidade participa activamente nas tarefas exigidas pelo progresso económico-social de toda a Nação Portuguesa» — declarou ao chegar a Lourenço Marques o prof. Ribeiro Saraiva, delegado do Ministério da Educação do Brasil para o nordeste do seu país.

L. MARQUES, 28 — Cento e quarenta milhões de pessoas poderão dar-se as mãos e ter oportunidade de realizar grandes decisões no mundo moderno — assim se referiu à Comunidade Luso-Brasileira, entrevistado à sua chegada a L. Marques, o deputado federal do Brasil pelo Estado de S. Paulo, dr. António da Cunha Bueno.

Acerca das impressões que trás de Angola, o dr. Cunha Bueno afirmou: «Fiquei muito bem impressionado com o índice de progresso ali existente e com a determinação que anima africanos e europeus relativamente à construção pacífica do futuro».

Cinzas do Carnaval

(Conclusão da última página)

seu cargo a organização do *Carnaval do Lobito — Carnaval de Angola,* como ambos tão bem o chamaram, e que é opinião de muitos.

Resta-nos agradecer-lhes a amabilidade e simpatia com que nos acolheram e desejar-lhes um êxito pleno na realização dos seus trabalhos e projectos. Venham sempre porque serão sempre bem-vindos. O vosso trabalho está engrandecendo Angola. Não esqueceremos nunca o tempo, as canseiras e privações para realizarem a obra gigante que têm em mãos.

Bem Hajam.

m. h.

Reportagem do jornal «O Lobito» consagrada à Christine pelo Carnaval de 74.

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE INDÚSTRIA
SERVIÇO DE PROMOÇÃO INDUSTRIAL

Agradece-se as facilidades concedidas ao portador, Sr. Jean Charles Pinheiro, fotografo, que se encontra em Luanda preparando uma reportagem para a publicação intitulada "VAMOS DESCOBRIR ANGOLA"

Luanda 25 de Abril de 1974.

Eng. Antonio Pinto
Chefe dos Serviços de P:I.

Credencial cedida para poder fotografar a Indústria na região de Luanda no infeliz dia 25 de Abril de 1974.

Rascunho

M. Bruno Crimi
Jeune Afrique
Paris

Lisboa, mars 1974

Cher Monsieur,

Je crois que vous vous souvenez encore de mon bref passage chez vous à Jeune Afrique, où nous avons pu nous entretenir à propos de votre dernier article sur la situation en Angola et notamment sur ce que vous appelez les « zones libérées ».

Je vous suis reconnaissant de l'amabilité et de la courtoisie dont vous avez fait preuve pour me recevoir, ce qui témoigne, j'en suis certain, de votre désir de dialogue et de votre recherche permanente de vérité. Et ce, en toute objectivité, indépendamment de vos opinions personnelles.

Faisant suite à cette conversation j'ai pu obtenir de mes amis portugais la certitude et la garantie qu'ils vous accorderont toutes les facilités pour visiter l'Angola, quand et où vous le souhaitez.
D'ailleurs, j'ai aussi appris que le gouvernement Portugais vous a invité en Guinée pour vous y rendre à votre convenance sans que vous n'ayez encore répondu à leur offre. Ce qui les a beaucoup surpris.

Voilà ce que je tenais à vous dire à propos de l'excellent entretien que nous avons eu ensemble et que j'espère pouvoir poursuivre bientôt.

Dans l'attente de vous rencontrer en Angola et ainsi avoir la possibilité de vous confirmer mes dires, et surtout dans l'espoir de vous lire bientôt même si votre réponse est négative.

Je vous prie de croire, cher M. Crimi, à mes sentiments les plus cordiaux.

J.C. PINHEIRA

Não é de estranhar a atitude de certa imprensa estrangeira, ligada aos Partidos comunistas e à União Soviética, não respondendo à minha carta, e assim não aceitando a honesta proposta do Governo português. Estariam certamente a par a da situação militar nas Províncias Ultramarinas, sobretudo em Angola, onde o M.P.L.A., nos primeiros meses de 1974, estava completamente destroçado no terreno. Sem vergonha, a «Jeune Afrique» publicou uma reportagem completamente falsa e fantasiosa, pois sabiam perfeitamente que estavam a ser enganados pelos 'camaradas', muito embora isso não os tenha incomodado. Nesses anos difíceis, Portugal tinha muitos inimigos, e também falsos amigos, invejosos do Ultramar Português. Eram poucos aqueles que ousavam divulgar a verdade, como por exemplo a revista mexicana «Auge International», de Abril de 1971, com uma notável reportagem de 274 páginas sobre Portugal e o seu Ultramar. Guardei como recordação um exemplar escrito em inglês.

O livro que estava a ser produzido quando se deu a tal «revolta dos cravos»...

«VAMOS DESCOBRIR ANGOLA»

Uma imagem fascinante para mostrar ao mundo inteiro!...

UM TRABALHO DIFERENTE DE TUDO O QUE SE TEM PUBLICADO...

Edições Excelsior vai publicar uma obra com apresentação gráfica excepcional. Todas as suas páginas serão ilustradas a cores. O texto e as legendas de fotografias e mapas serão publicadas em português e inglês. E será dedicada a **Angola,** essa terra portentosa que exerce tal fascínio sobre os portugueses que lá vivem ou que alguma vez lá estiveram, que para sempre lhes fica no coração.

...PARA RELATAR A VIDA HERÓICA, TRABALHOSA, CONFIANTE, DOS PORTUGUESES DE ANGOLA...

No decorrer de séculos, mesmo quando não eram mais do que um punhado, os Portugueses, em Angola, realizaram prodígios, para que essa terra, que foram os primeiros europeus a pisar, nunca deixasse de ser portuguesa. Praticaram-se, e de certo modo ainda se praticam, embora de maneira diferente, verdadeiras epopeias. Porém, as páginas que as deveriam relatar ainda não foram escritas ou são desconhecidas.

...UMA OBRA ESPLENDOROSA, QUE PROCURARÁ DAR CLARA IDEIA DO PASSADO E DO PRESENTE DE ANGOLA...

Não perdemos ainda a esperança de encontrar os colaboradores qualificados para reunir as memórias e os documentos esparsos que permitam dar à estampa o relato dessas epopeias. Mas, por ora, e desde já, vamos publicar uma obra monumental, esplendorosa, que possa mostrar algo do que os Portugueses aí têm feito e estão fazendo, com os olhos postos no futuro. Lindíssimas fotografias, mapas coloridos, aspectos da paisagem, de cidades, de portos, de estradas, de barragens, de fábricas, de praias, de piscinas, de estádios, do trabalho quotidiano, numa palavra: a vida angolana nos seus múltiplos e variados aspectos.

...PARA SATISFAZER A CURIOSIDADE DE MUITOS QUE OUVEM FALAR DE ANGOLA E PARA OS QUAIS ESSA TERRA É UM MISTÉRIO...

Por isso, e porque esta obra vai pôr em destaque as qualidades de trabalho e o espírito de iniciativa da Gente de Angola, queremos que venha a ter a mais larga circulação no estrangeiro. A primeira edição sairá, como acima dizemos, em português e inglês, mas esperamos poder fazer em seguida novas edições noutras línguas. E isto para que figure nas Bibliotecas eruditas; nas Bibliotecas dos Organismos Internacionais; nas Bibliotecas dos Homens Públicos e dos Homens de Negócios de todo o Mundo, e, finalmente, para que algo de positivo se possa oferecer à curiosidade das pessoas que tantas vezes ouvem falar nesse Estado, mas sobre o qual pouco sabem e sobre o qual as informações que circulam são incompletas, desactualizadas ou erradas — a começar, singularmente, na Metrópole! E até em livros didácticos, para ensino nas Escolas!

...NA HORA QUE PASSA, ESCLARECER O MUNDO SOBRE O ESFORÇO QUE SE REALIZA EM ANGOLA PARA DESENVOLVIMENTO DO TERRITÓRIO E PROMOÇÃO SOCIAL DAS POPULAÇÕES, É UMA CRUZADA QUE SE IMPÕE...

Porém, este trabalho, para ser visto, para ser lido, para alcançar a expansão sem a qual o seu valor seria nulo, carece do apoio, do carinhoso interesse senão de todos os Portugueses, pelo menos dos Portugueses esclarecidos e conscientes. E isto, porque antes de tentar a venda nos mercados estrangeiros, para depois procurarmos fazê-la chegar às mãos das figuras marcantes nos outros países, precisamos de ter aqui, primeiro, uma base de assinaturas, que garanta o êxito da iniciativa. Porque não temos, para o efeito, outras receitas.

...ASSINAR ESTA OBRA, DADO O FIM EM VISTA, É PARTICIPAR NUMA BELA CRUZADA...

Na hora actual, em que a propaganda é uma força que se maneja como arma poderosíssima que, impressionando, adormece ou vitaliza, dobra consciências e faz amigos ou inimigos, esclarecendo, mostrando através desta obra a realidade angolana, pensamos que se podem desfazer cabalas e fazer amigos que — quem sabe?... — uma vez esclarecidos, nas tribunas em que formos atacados, poderão fazer ouvir também as suas vozes, para repor a verdade e defender Angola e os portugueses, com o valor de um voto decisivo.

Pedimos, pois, estimado Leitor, que apoie esta iniciativa, que assine esta obra e que convença os seus amigos, os seus colegas, os seus subordinados mais cultos a assiná-la também. E pela sua simpática receptividade ao pedido de adesão a uma iniciativa tomada a pensar no interesse comum, pedimos-lhe que receba desde já um caloroso **muito obrigado!**

...UM PASSADO QUE É GARANTIA DO PRESENTE...

Edições Excelsior, foi fundada em 1945. Tem publicado outras obras de puro portuguesismo, algumas das quais se encontram completamente esgotadas. A que vai agora publicar — **VAMOS DESCOBRIR ANGOLA** — será, porém, a mais grandiosa e a mais bela, superando as suas edições mais recentes «Francisco d'Ollanda» e «Lisboa no Passado e no Presente», unanimemente consideradas como do melhor que tem saído de prelos portugueses.

Programa da obra monumental, ilustrada a cores em todas as suas páginas, com texto e legendas de fotografias em português e inglês:

VAMOS DESCOBRIR ANGOLA

I
ANGOLA PORTENTOSA (visão de conjunto)
II
A ORGANIZAÇÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA DO ESTADO E AS AUTORIDADES TRADICIONAIS
III
OS POVOS DE ANGOLA
IV
O IMPACTO DA CIVILIZAÇÃO PORTUGUESA
V
PORTOS, CAMINHOS DE FERRO E NAVEGAÇÃO
VI
A REDE DE ESTRADAS
VII
CARREIRAS DE AVIAÇÃO
VIII
O COMÉRCIO, FACTOR DE PROGRESSO
IX
A INDÚSTRIA EM EXPANSÃO
X
AGRICULTURA E FRUTICULTURA
O Café — o Algodão — os Cereais — as Frutas e as Indústrias delas derivadas
XI
A PECUÁRIA, UMA REALIDADE E UMA ESPERANÇA
XII
A ABUNDÂNCIA PISCÍCOLA DO MAR DE ANGOLA
XIII
AS RIQUEZAS DO SUB-SOLO
Diamantes — Ferro — Petróleo, etc.
XIV
INSTITUIÇÕES BANCÁRIAS
XV
PANORÂMICA DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E ASSISTÊNCIA
XVI
A INSTRUÇÃO EM AUMENTO ESPECTACULAR
XVII
A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA
XVIII
A IMPRENSA, A RÁDIODIFUSÃO, A LITERATURA E A ARTE
XIX
A FAUNA DE ANGOLA, ATRACÇÃO TURÍSTICA
XX
OS DESPORTOS
XXI
TERRAS DE ANGOLA

Descrição das principais cidades e dos distritos de:

CABINDA — ZAIRE — LUANDA — CUANZA NORTE — UIGE — MALANJE — LUNDA — CUANZA SUL — BENGUELA — HUAMBO — BIÉ — MOXICO — MOÇÂMEDES — HUÍLA — CUNENE — CUANDO — CUBANGO.
Em cada um destes capítulos, encontrar-se-ão os seguintes mapas; impressos a 4 cores:

— da Divisão Administrativa;
— da Distribuição étnica;
— das Estradas do Distrito;
— da Ocupação humana;
— da Ocupação escolar;
— da Ocupação sanitária;
— de Campos e Pistas de aviação.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Modalidade A — Séries de 4 fascículos, à cobrança, com embalagem especial ..... **85$00**
Modalidade B — Séries de 12 fascículos, pagas adiantadamente contra entrega do 1.º ..... **216$00**
Modalidade C — A obra completa (36 fascículos), paga adiantadamente contra entrega do 1.º ..... **576$00**

A obra **«VAMOS DESCOBRIR ANGOLA»** será publicada em fascículos semanais, que serão vendidos, na Metrópole, ao preço de 20$00.

DESCOBRINDO ANGOLA. NO DESERTO DE MOÇAMEDES, ONDE SE VÊEM ANIMAIS SELVAGENS EM QUANTIDADES PRODIGIOSAS, ESTES JOVENS VÃO FIXAR NAS SUAS OBJECTIVAS ALGO DE SURPREENDENTE E DE INESQUECÍVEL ...

(Foto Jean Pinheira)

VAMOS DESCOBRIR ANGOLA?

O convite é aliciante. Quando o viajante se dirige a qualquer país da Europa, das Américas ou do Oriente, já sabe o que vai encontrar. Paisagem, aspectos das cidades, obras de arte, tudo foi descrito, fotografado de todos os ângulos, publicado e republicado em inúmeros guias e publicações turísticas. Quando chegar ao seu destino, nada do que se dispuser a ver tem já grande novidade para si. Ruas, edifícios, monumentos, estão já na sua retina. São-lhe familiares.

Outro tanto não sucede no que se refere a Angola. Aqui, terras, monumentos, paisagens, usos e costumes, a fauna, a flora, condições de vida, potencialidade económica e aspectos do seu desenvolvimento, fora daquele Estado, só de bem poucos são conhecidas. Para a maioria das pessoas, Angola é um mistério. Sabem apenas que é atacada em todas as Assembleias Internacionais, a fim de constranger os Portugueses, que ali estão há quatro séculos, a sair de lá para outros ocuparem o seu lugar.

Contudo, Luanda está a 9 horas de voo de Lisboa e Angola pode ser percorrida, de um extremo a outro, em todos os sentidos, através de uma magnífica rede de estradas asfaltadas, que ultrapassam já os 8000 quilómetros e aumentam, sem cessar, à razão de mil ou mais quilómetros por ano. Mas também se pode viajar de avião, na linha aérea interna que liga Luanda às outras 15 capitais de distrito ou, ainda, por caminho de ferro e em confortáveis autocarros.

E o que se depara à curiosidade do viajante? Se for de avião, ao desembarcar em Luanda, verá uma cidade moderna, em crescimento alucinante, grandes prédios em construção por todo o lado, estabelecimentos que se destacariam em qualquer parte do Mundo pelo bom gosto e pela qualidade e variedade dos artigos expostos, bons hotéis, bons cinemas, estádios, autódromo, movimento estonteante, dia e noite, que só abranda quase de madrugada, para se intensificar logo que amanhece. E, à noite, quando as luzes se acendem e centenas de reclamos, em néon multicolor, se projectam sobre a maravilhosa baía, reflectindo-se nas águas tranquilas, o espectáculo, visto de um ponto alto, é verdadeiramente deslumbrante.

Ao sair de Luanda, por exemplo, na direcção de Viana, a cidade satélite, formada em poucos anos, erguem-se grandes fábricas, cada vez mais fábricas. O progresso industrial, como o mais, é um facto inegável.

Quando a neve cobre a Europa e a América do Norte com um manto alvinitente e o frio enregela quem é forçado a sair das casas aquecidas, em Angola, no litoral, a temperatura é um pouco elevada, mas o calor não é excessivo e, nos planaltos, brilha um Sol de Primavera, que dá origem a que, todos os frutos que na Europa se colhem nessa estação, lá amadureçam, pode dizer-se, durante todo o ano.

À SAÍDA DA ESCOLA, EM MOÇAMEDES, JEAN PINHEIRA FOCOU UM

As cidades do interior são, em geral, dotadas de agradáveis, convidativas e alegres piscinas e, ao longo da costa, em praias extensíssimas, de areias limpas e aveludadas, onde ainda se podem apanhar búzios de colorido e formas caprichosas, toma-se banho durante todo o ano.

Mas sai-se de Luanda para o interior e a paisagem, invulgar, inesquecível, é bela, mesmo ainda quando, durante quilómetros e quilómetros, de um lado e de outro da estrada, quase só se vê, entre mato rasteiro e arbustos de pequeno porte, perfilando-se, espectrais, desnudados embondeiros, alguns com muitos metros de diâmetro.

Mais quilómetros andados e a paisagem muda. E vão surgindo serras altas, montes descomunais, rios caudalosos, vales profundos, de onde emergem árvores altíssimas e uma vegetação luxuriante, em que se combina toda a gama de tons verdes, num cenário de indescritível encanto. E, a par disso, vão surgindo povoações de autóctones, crianças brincando entre animais domésticos, enquanto os adultos se entregam às suas ocupações. E casario. Grandes áreas cultivadas. Fazendas agrícolas de grande extensão. Lojas isoladas de comerciantes brancos. Postos Administrativos. Aldeias. Vilas. Cidades.

E o que se disse de Luanda, observa-se também nas outras urbes. Crescem espantosamente, alindando-se. Por todo o lado, novos prédios em construção. Novas fábricas. Actividade febril, reflectindo confiança ilimitada no futuro.

No exterior, os inimigos rugem ameaças? Que importa! Brancos, pretos e mestiços trabalham lado a lado por uma Angola portentosa, onde eles e os seus filhos e os filhos dos seus filhos viverão felizes, em boa harmonia e estimando-se, sem necessidade de se empurrarem, pois a terra é vasta e nela cabem todos.

NUMA SOSSEGADA E BELA RUA DE MOÇÂMEDES, JOVENS PASSEIAM ALEGRE E TRANQUILAMENTE EM BICICLETA. NOUTRAS OCASIÕES VÊEM-SE, EM VERDADEIROS BANDOS, NAQUELA E NOUTRAS CIDADES, COM OS LIVROS A TIRACOLO, A CAMINHO DAS AULAS ...
(Foto Jean Pinheir

Entretanto, nas Escolas, nos Liceus, na Universidade preparam-se novas gerações — sem distinção de cor — para as novas tarefas, enquanto nos Laboratórios de Investigação Científica e Tecnológica se estuda a maneira de valorizar a terra e os animais, a fim de aumentar e melhorar a produção, criando novas fontes de riqueza.

Mas não será talvez isto o que interessa ao viajante. Apaixona-o, porventura, a pesca desportiva? Pois em parte alguma encontrará maiores alegrias do que nos rios e mares de Angola, onde a abundância de peixe, das mais variadas espécies, é verdadeiramente fantástica!

Não? O que interessa são animais selvagens? Quer ver as tímidas gazelas, as nervosas zebras, os ferozes rinocerontes, leões, leopardos, elefantes e tantas outras espécies zoológicas no seu autêntico «habitat»? Quer ver aves de raras e lindíssimas plumagens, borboletas em quantidades fenomenais, das mais variadas cores e desenhos os mais caprichosos ou, ainda, toda a espécie de répteis? Pois pode ver tudo isso em muitos lados, mas em especial nas reservas de caça, que pode visitar, sem perigo, isoladamente ou tomando parte em inesquecíveis safaris!

MERCADO RURAL, NO LOBITO. UM DOS MUITOS QUE SE VÊEM, QUASE EM TODOS OS LADOS, QUASE SEMPRE À BEIRA DAS ESTRADAS E PRÓXIMO DOS BAIRROS POPULARES, MAS SEMPRE CHEIOS DE COLORIDO E PITORESCO ...

UMA RUA DE LUANDA, CAPITAL DE ANGOLA, CIDADE ONDE O TRÂNSITO JÁ APRESENTA OS MESMOS PROBLEMAS QUE NAS GRANDES URBES DA EUROPA OU DAS AMÉRICAS.

(Foto Jean Pinheira)

É impossível citar aqui tudo o que se pode ver em Angola. Assim, pois, em trabalho com as justas proporções, numa obra monumental, como nenhuma outra ainda se publicou, e que tem por título

VAMOS DESCOBRIR ANGOLA

Algo de novo e de diferente se irá patentear aos olhos dos leitores.

Angola é muito grande e as condições de vida não são iguais em toda a parte. Por isso, cada capítulo corresponde a um distrito. E dentro de cada capítulo, tudo o que de interesse se encontra no distrito se descreve.

Toda a obra será impressa a cores, podendo desde já dizer-se que será deslumbrante.

Para a ilustrar temos já cerca de 2000 lindíssimas fotografias inéditas da autoria de um grande fotógrafo de categoria internacional — Jean Pinheira — que, tendo ido a Angola, há quatro anos, com dois cineastas — um francês e outro suíço — a fim de demonstrar que ali não há racismo, para lá voltou depois, sozinho, tendo percorrido já mais de 120 000 quilómetros em «jeep» e descido rios, como o Cubango e o Cunene, em barcos de borracha, fazendo assim mais de 40 000 clichés!

A obra **VAMOS DESCOBRIR ANGOLA**

será publicada em fascículos semanais, ao preço de 20$00, prevendo-se que seja constituída por 36 fascículos.

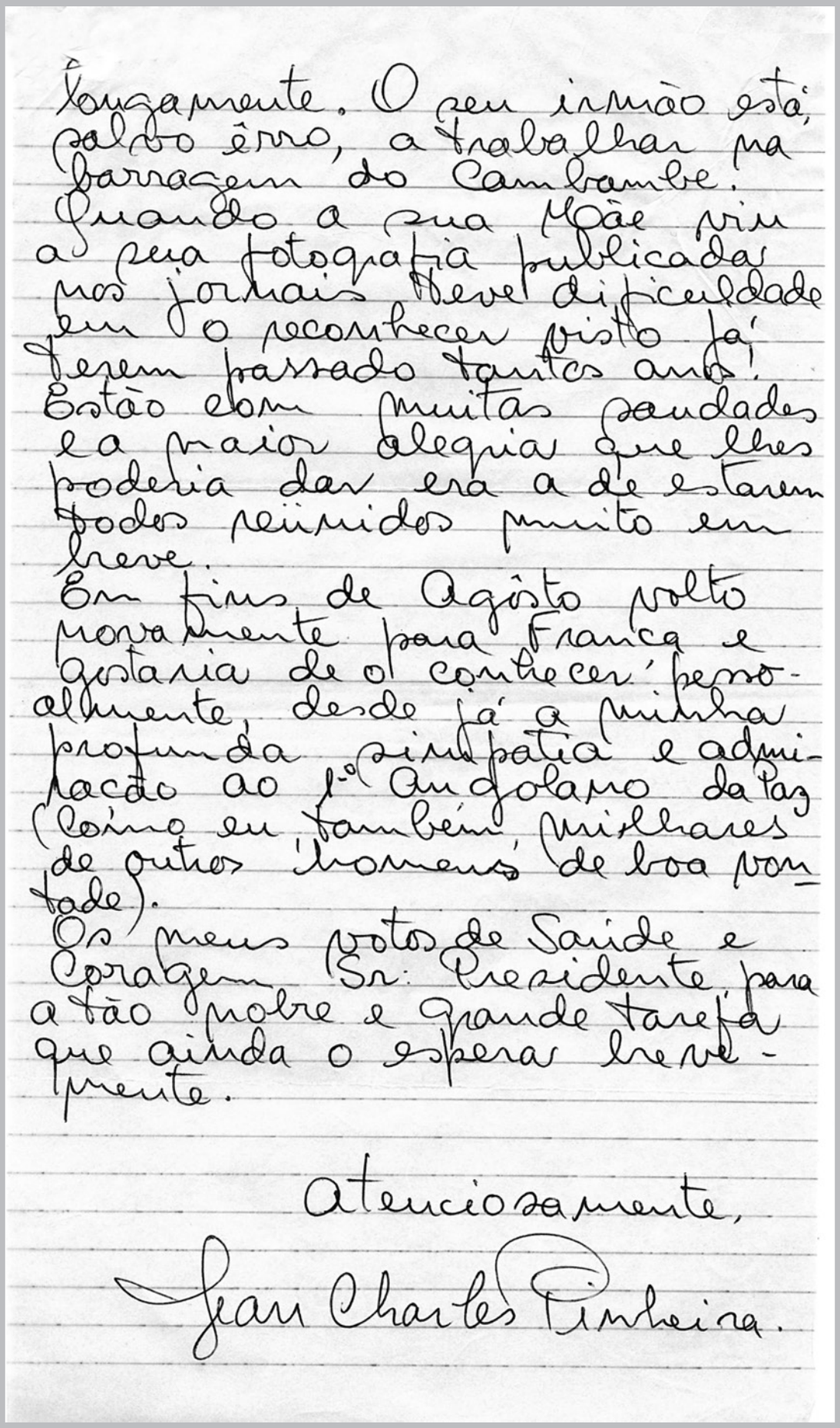
EDIÇÕES EXCELSIOR

Avenida Óscar Monteiro Torres, 35, 2.º, Esq.
Telef. 76 27 82 LISBOA-1

Junho 1974 Cópia

Amigo e Senhor Presidente,
Dr. Jonas Malheiros Savimbi

Desde a publicação do artigo da "A Província de Angola" sobre os contactos entre o Dr. e o padre Oliveira sobre as ofertas de Paz, tenho tentado entrar em contacto com o Sr. Presidente afim de fazer uma reportagem fotográfica para a Agência Francesa "France Match" de quem sou colaborador.
Encontro-me actualmente no Lusso e depois de uma conversa com o Padre Oliveira fiquei ciente das dificuldades de uma tal reportagem e compreendo perfeitamente todas as precauções de que o Dr. tem que se rodear.
Já agora aproveito a ocasião para lhe dar notícias da sua família com quem estive a semana finda na Missão do Chilesso e na povoação da Lobitanga. Pode crêr que se encontram de saúde, a sua Mãe um pouco fatigada devido á idade e aos reumatismos, a sua irmã e marido, professores, bem assim que seu Tio, reverendo director da Missão do Chilesso, com quem falei


longamente. O seu irmão está, salvo êrro, a trabalhar na barragem do Cambambe. Quando a sua Mãe viu a sua fotografia publicada nos jornais teve dificuldade em o reconhecer visto já terem passado tantos anos! Estão com muitas saudades e a maior alegria que lhes poderia dar era a de estarem todos reunidos muito em breve.
Em fins de Agôsto volto novamente para França e gostaria de o conhecer pessoalmente, desde já a minha profunda simpatia e admiração ao 1º Angolano da Paz (como eu também milhares de outros homens de boa vontade).
Os meus votos de Saúde e Coragem Sr. Presidente para a tão nobre e grande tarefa que ainda o espera brevemente.

atenciosamente,

Jean Charles Pinheiro.

Carta escrita ao Dr. Savimbi aquando da minha tentativa para encontrá-lo em Junho de 1974. A maioria da população apostava nele para Presidente de Angola.

Luanda, 12 de Dezembro de 1974

Exmo.Senhor

Director dos Serviços de Turismo de Angola

L U A N D A

1- Como é do inteiro conhecimento desses Serviços, em 1970 chegou a esta cidade, vinda de Lisboa, com o patrocínio oficial, uma equipa da qual faziam parte o signatário, Kosta Cveticanin, Geny Leroy e Bernard Bolle, os três cineastas.

2- Essa equipa, denominada "Australe 70", propôs-se realizar três filmes documentários, a cores, sobre Angola, para ser entregue ao governo deste Estado.

3- A equipa visitou quase todos os distritos, filmou o que considerou de maior interesse internacional e fez-se a montagem em Luanda.

4- Concluida a missão os três cineastas regressaram à Europa para terminarem os trabalhos de laboratório e sonorização dos documentários para,depois,serem entregues a quem de direito.

5- Acontece, porém, que apesar de todas as diligências do signatário, os documentários ainda não foram entregues nem se sabe quando serão recebidos em Angola, visto que para a sua conclusão falta ainda elevada quantia

6- Entretanto, o governo, através do CITA, abonou 450 contos como subsídio e liquidou despesas em hotéis, para os quatro, no valor de 86 contos - tudo no total de 536 contos.

7- Não podendo manter-se mais em Angola,por ter terminado o meu trabalho fotográfico e entrando brevemente na Europa a fim de concluir a montagem e sonorisação das colecções de "slids" na medida em que não deve manter-se indefinidamente à espera da chegada dos documentários ,como pessoa séria, o signatário toma a responsabilidade do pagamento dos 536 contos por meio da entrega de 400 "slids", a cores, com imagens sobre Angola,ao preço unitário de 1.500$00 ficando assim totalmente coberta a dívida.

8- Por outro lado o signatário roga a V.Exª., o favor de o habilitar com uma resposta, em que figure a quitação deste "affaire".

Na expectativa de bom acolhimento e de resposta, subscreve-se com toda a consideração,

Luanda, 11-12-1974

Exmo Senhor,
Director dos Serviços de Turismo de Angola
Luanda.

Em virtude da minha volta, em 20-12-74, para a Europa afim de montar e sonorizar os trabalhos fotográficos e cinematográficos realizados em Angola, venho por este meio rogar a V. Exa o favôr de pedir oficialmente aos Serviços da Inspecção de Créditos e Seguros uma transferência urgente de 25.000 F.S. para os Laboratórios Suissos "Authenticolor S.A." - 1 R. Industrielle - Genève - Suisse, onde se vão realizar os ditos trabalhos.
Na expectativa de bom acolhimento a este pedido, subscrevo-me com toda a consideração.

J. C. Pinheiro

Luanda, 3 de Dezembro de 1974

Exmo. Senhor

PRESIDENTE DO FUNDO DE TURISMO E PUBLICIDADE

L U A N D A

Com a presente tomo a liberdade de vir propor ao F.T.P. a venda de 80 a 100 »slids» originais focando diversos motivos sobre Angola.

Contam-se por centenas os »slids» em meu poder que colhi nesta terra através da qual viajei utilizando vários meios de transporte, inclusivamente calcurriando montes e vales para fixar na objectiva imagens inéditas muitas delas.

Das necessidades por que passei e dos meus sofrimentos só eu sei, para poder legar à posteridade os meus trabalhos.

Devo frisar que todo o serviço complementar de laboratório foi executado na Suissa, o que confere absoluta garantia na fixação para a pelicula e a fidelidade nas cores. Foi mais caro, mas foi muitissimo melhor do que se eu tivesse recorrido a outros laboratórios.

O preço de cada »slid» original é de 1.500$00.

Se forem adquiridos os 100 »slids» desta proposta faço a oferta de toda a restante colecção ou seja aproximadamente 1.500 »slids» 6X6.

Esperando o favor de uma resposta urgente porque estou para regressar à Europa, fico muito agradecido e subscrevo-me com toda a consideração.

JEAN PINHEIRA

JOAO CARLOS PINHEIRA

R E C I B O

ESC..... 150.000$ 00

Do Fundo de Turismo e Publicidade recebi a quantia de Esc. 150.000$00 (Cento e cinquenta mil escudos) relativa a venda de 100 slides 6x6 com vistas de Angola, englobando a oferta de 1.930 slides 6x6 e 6x7, 500 no formato 24x36 e também a oferta de 900 fotografias a preto e branco, tudo com motivos Angolanos.

Luanda, 10 de Dezembro de 1974

Esta venda de slides ao Turismo de Angola foi a minha salvação. Assim consegui pagar o meu bilhete de avião para a Europa, e expedir as malas com os preciosos slides que me restaram de um duro trabalho de 4 anos e meio.

S R

CENTRO DE INFORMAÇÃO E TURISMO DE ANGOLA

LUANDA

FUNDO DE TURISMO E PUBLICIDADE

DECLARAÇÃO

A pedido do interessado, Sr.João Carlos Duarte Pinheira, natural de Grenoble (França) residente em St.Martin Héres (também em França) repórter-fotográfico,portador do passaporte Nº.12041/71, acidentalmente nesta cidade, se declara que promoveu a cobertura fotográfica de vários aspectos da vida de Angola, tendo vendido alguns milhares de diapositivos, aos Serviços de Turismo deste Estado, por 150.000$00.

O Sr.João Carlos Duarte Pinheira acaba de nos comunicar que, tendo terminado a sua missão, vai ausentar-se para o estrangeiro, a fim de montar e sonorizar os seus trabalhos fotográficos, a cores, realizados em Angola, a fim de os projectar,como veiculos de propaganda, principalmente, em diversas cidades daquele país.

Como prova da venda acima referida, solicitou esta Declaração visto pretender pedir à Inspecção de Crédito e Seguros a transferência urgente de 25.000 francos-suissos a favor do Laboratório Suisso Anthenticolor-S.A.,1 Rue Industrielle em Genève, na Suissa, onde vão ser efectuados os referidos trabalhos de montagem e sonorização.

Porque de facto foram adquiridos e pagos, integralmente, os citados diapositivos, por cento e cinquenta mil escudos, se passa o presente documento que vai ser assinado pelo presidente da Comissão Administrativa do Fundo de Turismo e Publicidade, autenticado com o selo branco em uso.

COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO FUNDO DE TURISMO E PUBLICIDADE,EM LUANDA,AOS 13 DE DEZEMBRO DE 1974.-

O PRESIDENTE

DR.ANTÓNIO DUARTE DE ALMEIDA E CARMO

Em Dezembro de 1974, a situação em Angola estava péssima e tive muita sorte em ter conseguido a transferência de 25.000 francos suiços graças a diligência do Dr. Almeida e Castro. Era toda a minha fortuna para começar vida nova em França, depois de ter pago o que devia aos laboratórios suiços.

S R

CENTRO DE INFORMAÇÃO E TURISMO DE ANGOLA

LUANDA

D E C L A R A Ç Ã O

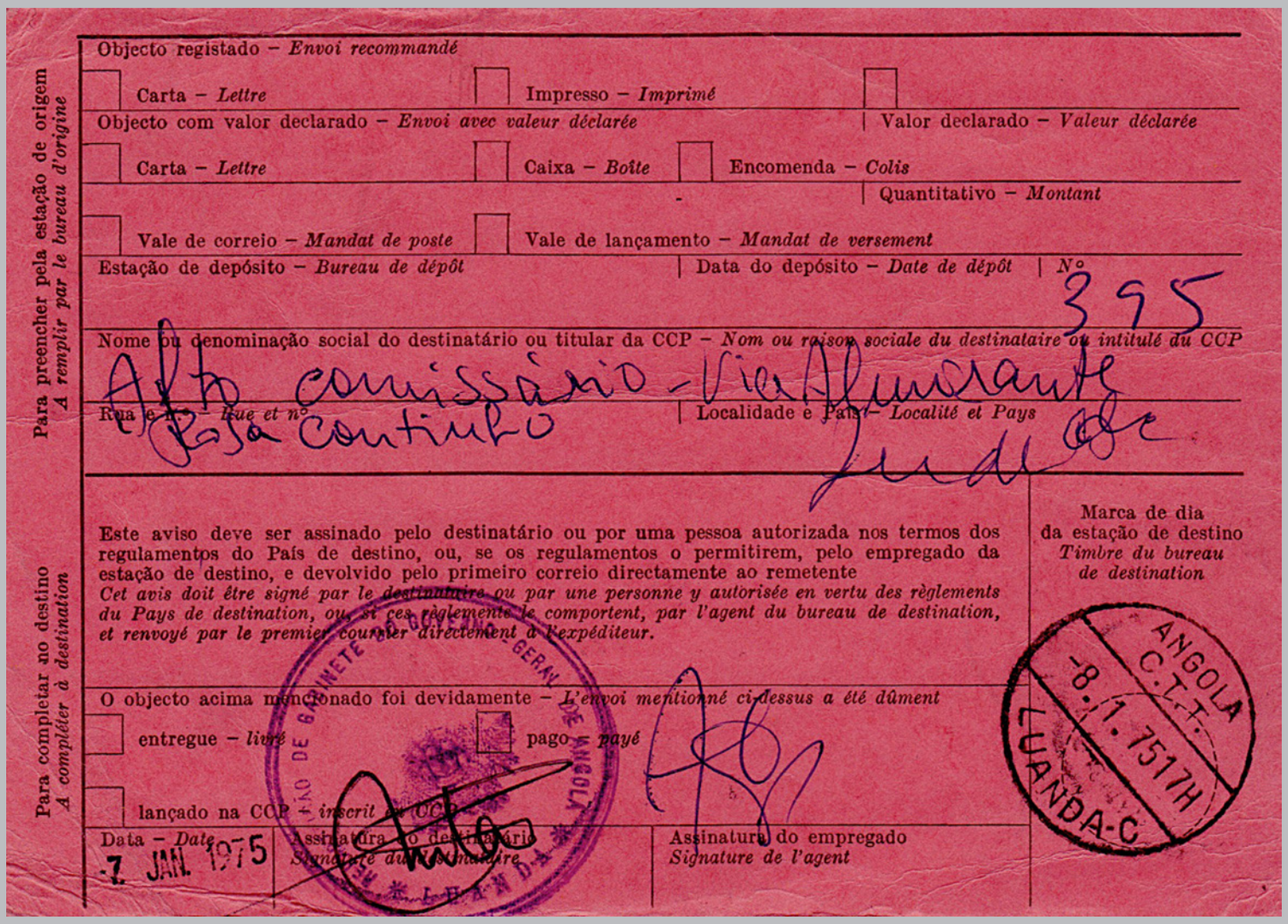
Declara-se que o Snr. JOÃO CARLOS PINHEIRA fez entrega nestes Serviços de Turismo de 400 "slides", coloridos, no formato 6x6cm, com imagens sobre Angola, como forma de pagamento dos subsídios recebidos pela "Austral 70", sendo 450 contos em numerário e 86 em pagamento de hospedagem.

Considera-se assim saldada a dívida da equipa "Austral 70" para com o Estado.

SERVIÇOS DE TURISMO DO CITA, EM LUANDA, AOS 18 DE DEZEMBRO DE 1974.-

O TÉCNICO DIRECTOR DOS SERVIÇOS
DE TURISMO, POR SUBSTITUIÇÃO

JORGE FERREIRA DE ALMEIDA



Registo dos correios de Luanda da carta endereçada a Rosa Coutinho que um amigo se encarregou de enviar.

JEAN CHARLES PINHEIRA
16 - Rue Carle Hebèrt
92.400 - Courbevoie
F R A N C E

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1975

Exmo Senhor,
Ministro da Coordenaçao Interterritorial
LISBOA.

Exmo Senhor,

Visto nao ter recebido resposta à minha carta de 20 - 12 - 74 enviada ao Alto Comissario de Angola, Almirante Rosa Coutinho, afim de resolver varios problemas pendentes e explicados nessa mesma carta, desloquei-me de Paris para Lisboa na tentativa de obter um encontro com V.Exa em que lhe explicaria pessoalmente o assunto em causa. Todos os meus esforços foram em vao visto V.Exa estar muito ocupado e nao podendo eu protelar por mais tempo a minha estadia em Portugal venho por este meio juntar fotocopia do documento dirigido ao Alto Comissario de Angola afim de V.Exa em seu alto critério resolver, pelo menos, o mais importante ou seja o paragrafo Nº 1 visto ter para entrega imediata ha ja longos mêses os referidos 2.000 Slides, que me acarretaram enormes sacrificios e um grande dispendio monetario.

Na expectativa de bom acolhimento e de resposta , subscreve-se com toda a consideraçao,

Carta escrita ao Ministro da Coordenação Interterritorial, que me respondeu em Maio sem grande resultado.

S. R.

MINISTÉRIO DA COORDENAÇÃO INTERTERRITORIAL

GABINETE DO MINISTRO

1933

/D/6/21
MJ/MS

Exmº. Senhor
Jean Charles Pinheiro
16, R. Carle Hebert
92.400 - Courbevoie
F R A N C E

Em referência à carta que dirigiu a este Gabinete, em 30 de Abril findo, informo V. Exª. que, nesta data, se insistiu junto do Governo de Angola por uma resposta ao seu pedido.

Com os melhores cumprimentos.

Gabinete do Ministro da
Coordenação Interterritorial,
em 5 de Maio de 1975

O CHEFE DO GABINETE,

António Correia Ribeiro

Nunca recebi resposta e, a partir de Maio de 1975, nunca mais toquei no assunto: não valia a pena. O Governo em Angola tinha outros assuntos para tratar...

RAPHO

Rapho
Agence de Presse
Photographique
8, rue d'Alger - 75001 Paris

Tél. : 260-30-06
(4 lignes groupées)
Adr. télégr. " Raphogro-Paris "

Rapho-Guillumette Pictures
59 E. 54th Street - New York 10022

C.C.P. Paris 8171-17
S.A.R.L. au capital de 30.000 F
R.C. Seine 56 B 3249
N° d'Entreprise 550-75-101-0-038-E

Monsieur Jean Charles PINHEIRA
16, rue Carle Hébert
92400 - Courbevoie

Paris, le 14 Novembre 1977

Cher Monsieur,

Je vous confirme mon grand intérêt pour le reportage que vous avez l'intention de réaliser sur les territoires de l'Angola libérés par l'UNITA et attends vos précisions sur vos dates de départ et de retour afin d'aviser mes différents clients et les intéresser à ce reportage.

Il est évidemment nécessaire d'avoir l'assurance que vous pourrez réaliser des photos du leader de l'UNITA, le Docteur Johnas SAVIMBI ainsi que de ses principaux collaborateurs, des conditions d'administration du territoire sous sa juridiction, ainsi que des conditions de lutte contre ses adversaires et les troupes Cubaines (armement et prisonniers, hôpitaux et blessés, etc...).

Une interview du Dr. Savimbi serait aussi très souhaitable.

Je vous confirme qu'en dehors des garanties que nous pourrons probablement obtenir de magazines très importants tels que MATCH, STERN ou TIME, nous avons la possibilité de diffuser ce reportage et l'interview du Dr Savimbi dans le monde entier par l'intermédiaire de nos différents correspondants.

Je vous remercie de me tenir au courant de vos démarches et vous prie de croire, cher Monsieur, à mes meilleurs sentiments.

Agence Photographique RAPHO
Le Directeur,

R. Grosset

Raymond GROSSET

Carta enviada por uma grande agência fotográfica de Paris, desafiando-me para fazer uma reportagem sobre o Dr. Savimbi e as suas tropas. Infelizmente, dada a situação bastante crítica em Angola, nada pude fazer.

AGRADECIMENTOS

General Robocho Vaz
– Governador-Geral de Angola,
pelo apoio prestado a todos
os membros da Australe 70

Combustiveis FINA, pela oferta dos combustíveis durante os longos meses da nossa estadia em Angola assim como a manutenção da Citroen

Rocha Monteiro, pela oferta de material fotográfico quando perdi as minhas máquinas no fundo do rio Cunene

Caminho de Ferro de Benguela, pela ajuda prestada durante a minha reportagem ao longo da via férrea entre o Lobito e Teixeira de Souza

CITA, pela ajuda de alguns funcionários que foram muito úteis

Comandante José Rogado –
Governador de Moçamedes

Familia Robalo – Moçamedes

Familia Brandão, professores em Moçamedes

Turra, guia de caça – Moçamedes

Familia Castelo Branco – Moçamedes

Quina, fotógrafo – Lobito

Familia Simões – Lobito

Familia Merlini – Nova Lisboa

O Restaurante Ibondeiro –
Nova Lisboa, onde comi muitas vezes a crédito

Pousada do Fasta – Nova Lisboa,
ao gerente e família, pela oferta de um local onde ficava a equipa e mais tarde eu e a Christine

Familia Lobato – Luanda

Angelo Vieira, jornalista – Luanda

Fernando Farinha, jornalista –
Luanda

Ventura Martins, jornalista – Luanda

Pita Groz – Luanda

José Fernandes – Luanda

Alfredo Saraiva, fotógrafo – Luanda

Isidro Alves e Nuno de Oliveira,
companheiros na descida do Cubango

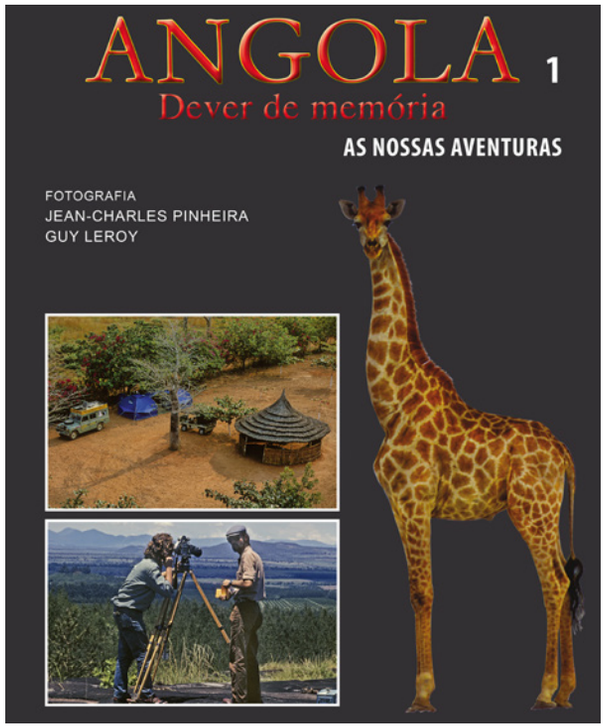
Jorge Coelho, militar e fotógrafo

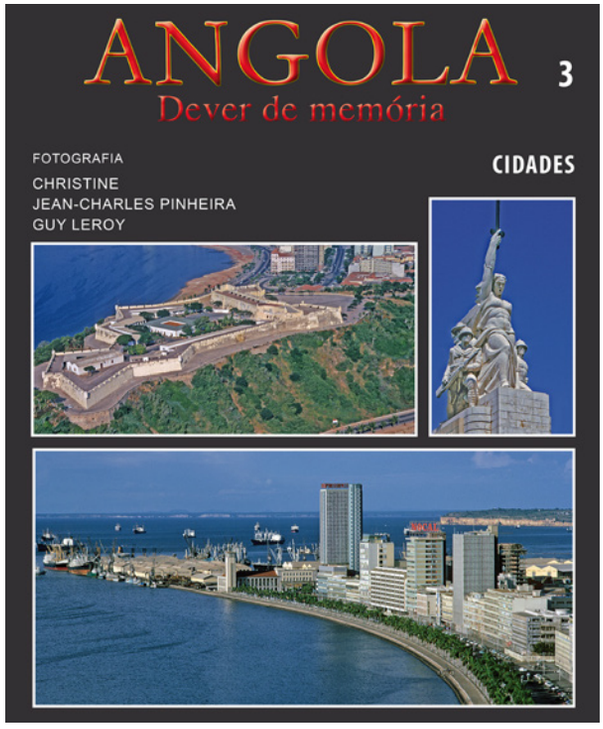
E a tantos outros, que perdi
o contacto, que me ajudaram
nas horas difíceis

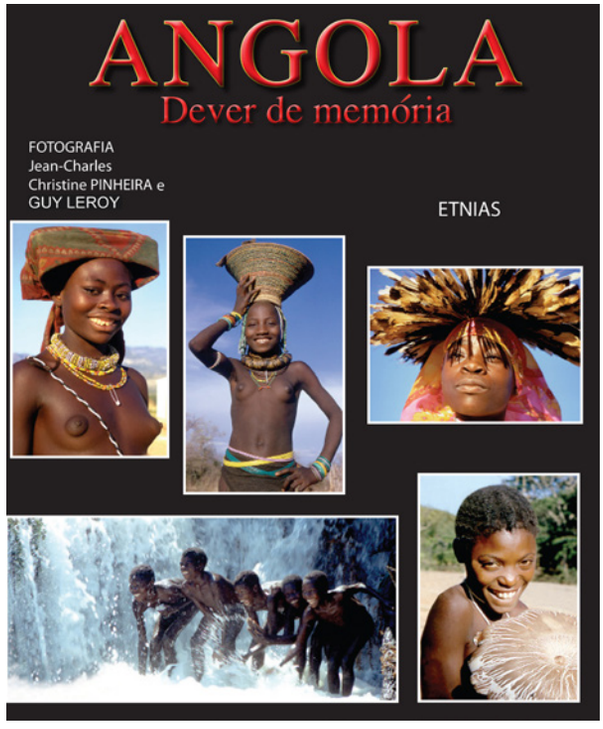
Aos meus companheiros da Equipa Australe 70 – Guy Leroy, Bernard Bolle e Kosta Cventicanin

Estes livros são dedicados à minha esposa Christine,
aos meus filhos Olivier, Fabienne e Sophie
e aos meus companheiros da Australe 70.

CAPAS DOS FUTUROS LIVROS





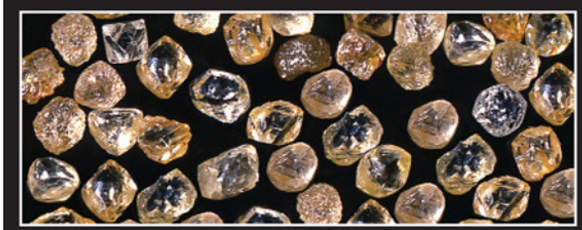


ANGOLA

Dever de memória

FOTOGRAFIA
Jean-Charles e
Christine PINHEIRA

Economia

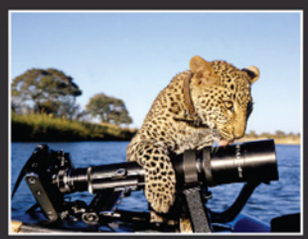


ANGOLA

Dever de memória

FOTOGRAFIA
Jean-Charles e
Christine PINHEIRA

Cubango / Cunene

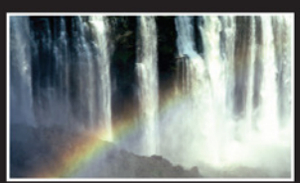


ANGOLA

Dever de memória

FOTOGRAFIA
Jean-Charles e
Christine PINHEIRA

Parques e Paisagens

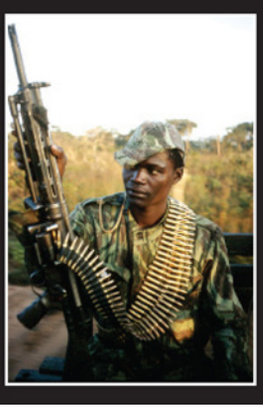


ANGOLA

Dever de memória

FOTOGRAFIA
Jean-Charles e
Christine PINHEIRA

GUERRA



ANGOLA
AS NOSSAS AVENTURAS

Edição
Editora Palancanegra

Direcção
J. C. Pinheira
00332 47574615
jean.pinheira@gmail.com

Assessoria
Christine Pinheira

Textos
J. C. Pinheira
Inês Branco

Fotografia
Jean Charles
Christine
Olivier Pinheira

Janeiro, 2015

JC&MC PINHEIRA

REPORTERS PHOTOGRAPHES

EDITORA PALANCANEGRA